

A DEFESA NACIONAL

— REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES —



DIRECTOR-PRESIDENTE:

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO

Lima Figueirêdo

GERENTE:

João Baptista de Mattos

ANNO XXII	Brasil — Rio de Janeiro, Outubro de 1935	N.º 257
-----------	--	---------

SUMMARIO

Vinte e dois annos de luc s.....	Pags. 1035
----------------------------------	---------------

LITTERATURA, HISTORIA, GEOGRAPHIA E SCIENCIAS

Historia da Guerra entre a Triplice Alliança e o Paraguay — GENERAL TASSO FRAGOSO.....	1037
Campanha de 1805 — 1.º ten. H. O. WIEDERSPHAN....	1042

SECÇÃO DE INFANTARIA

A manobra dos T. C. e T. E. dos Corpos de Tropas e demais sub-unidades — Cap. JURANDY TOSCANO de BRITTO.....	1051
Um 1.º periodo de instrucção numa C. M. B. — Cap. MANOEL JOAQUIM GUEDES.....	1060

SECÇÃO DE CAVALLARIA

Calme, en avant, droit — Cap. DANTAS PIMENTEL.....	1063
Instrucção de quadros — Ten. UMBERTO PEREGRINO....	1067

SECÇÃO DE ARTILHARIA

Possibilidades de tiro — Cap. A. C. DA SILVA MURICY	1069
Unidades angulares — Cap. JOÃO MANOEL LEBRÃO....	1075

SECÇÃO DE ARTILHARIA DE COSTA

Methodos de instrucção — Maj. BINA MACHADO.....	1081
Pela costa.....	1088

	Pags.
Differentes systemas telemetricos — Suas vantagens e inconvenientes — Cap. JOAQUIM GUEDES DA SILVA	1085

SECÇÃO DE ENGENHARIA

Quando se devem empregar as passadeiras?.....	1095
Explosivos — CAP. LIMA FIGUEIREDO.....	1096

SECÇÃO DE INTENDENCIA

Gratificação de insubmissão.....	1095
----------------------------------	------

SECÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES

Introducção geral á sociologia — Cap. S. SOMBRA.....	1097
--	------

SECÇÃO DE PEDAGOGIA

A pedagogia e os seus factores — Cap. JOÃO RIBEIRO PINHEIRO.....	1107
--	------

NOTICIARIO E VARIEDADES

As commemorações do Dia da Patria.....	1113
Situação das Policias Militares.....	1115
Os engajamentos e as modificações dos effectivos — Ten. GERARDO LEMOS DO AMARAL.....	1119
O patrono do Exercito — Maj. THEODURETO BARBOSA	1122
Saudação ao soldado — Dr. RAUL MACHADO.....	1123
Evocação — Ten.-Cel. LESSA BASTOS.....	1124
Aspectos pittorescos da vida e costumes da população da Abyssinia. Traducção — Cap. OSCAR ROSA NEPOMUCENO DA SILVA.....	1125
A margem do desfile do Dia da Patria.....	1127
Discurso pronunciado pelo delegado plenipotenciario do Brasil á Conferencia da Paz em Buenos Ayres, dr. Dormundo da Luz Pinto, por occasião das festas commemorativas da Senama Brasil.....	1130
Ten.-Cel. Nilo Ribeiro Val.....	1132
Indicador da "A Defesa Nacional".....	1133
Bibliographia — Maj. JOSUE FREIRE.....	1136
Boletim bibliographico.....	1138

VINTE E DOIS ANNOS DE LUCTAS

"A Defesa Nacional" completou no dia 10 do corrente ~~mez~~ vinte dois annos de idade. Sua vida representa uma caminhada segura e desassombrada no rumo idealizado pelos seus fundadores em 1913 — "collaborar, na medida de suas forças, para o soerguimento das nossas instituições militares, sobre as quaes repousa a defesa do vasto patrimonio territorial que os nossos antepassados nos legaram, e da enorme somma de interesses que sobre elle se accumulam". De resto, os interesses militares se acham hoje em dia, e em todos os paizes do mundo, de tal fôima entrelaçados aos interesses nacionaes, que trabalhar pelo progresso dos meios de defesa de um povo é, sinão o melhor, pelo menos um dos melhores meios de servir aos interesses geraes desse povo.

"A Defesa" tem sabido cumprir a risca o programma traçado pelos seus iniciadores, ampliando-o cada vez mais de accordo com a tendencia do progresso e das idéas novas que em turbilhão surgem dia a dia.

"A Defesa" préga com insistencia a disciplina militar consciente que é a base da disciplina social e politica de que tanto carece a nossa patria.

"A Defesa" diffunde os ensinamentos necessarios á formação do verdadeiro official, afim de que no momento azado as forças de terra ajam como uma machina perfeitamente azeitada, produzindo o rendimento maximo.

"A Defesa", através de suas paginas, reúne todos os filhos do grande Exercito Brasileiro, congregando-os em torno da mais sã camaradagem. Collaborações e noticias de todos os recantos do paiz onde exista uma caserna são espalhadas para todos os quadrantes com o fito de informar igualmente e entrelaçar as aspirações dos que servem nos pagos sulinos com os que mourejam nas brenhas da Amazonia, confundindo

os ideaes dos que trabalham na proximidade do Atlantico, gozando as delicias do Rio de Janeiro e de S. Paulo aos dos que labutam intensamente nos confins de Matto Grosso ou nas plagas longinquas de Goyaz, fazendo finalmente com que os corações de todos os soldados pulsem, rithmadamente, com o grande coração da Patria.

A actual Directoria, na mais firme vontade de acertar, procura de todos os modos transformar a "A Defesa", de maneira que sua acção no seio do Exercito se torne cada vez mais efficaz, mais ardorosa e mais sublime. Afastada della toda a pretensão de ser mentora dos nossos camaradas, deseja ser o phanal que guie de um modo seguro todos os que trilhão pela carreira espinhosa das armas.

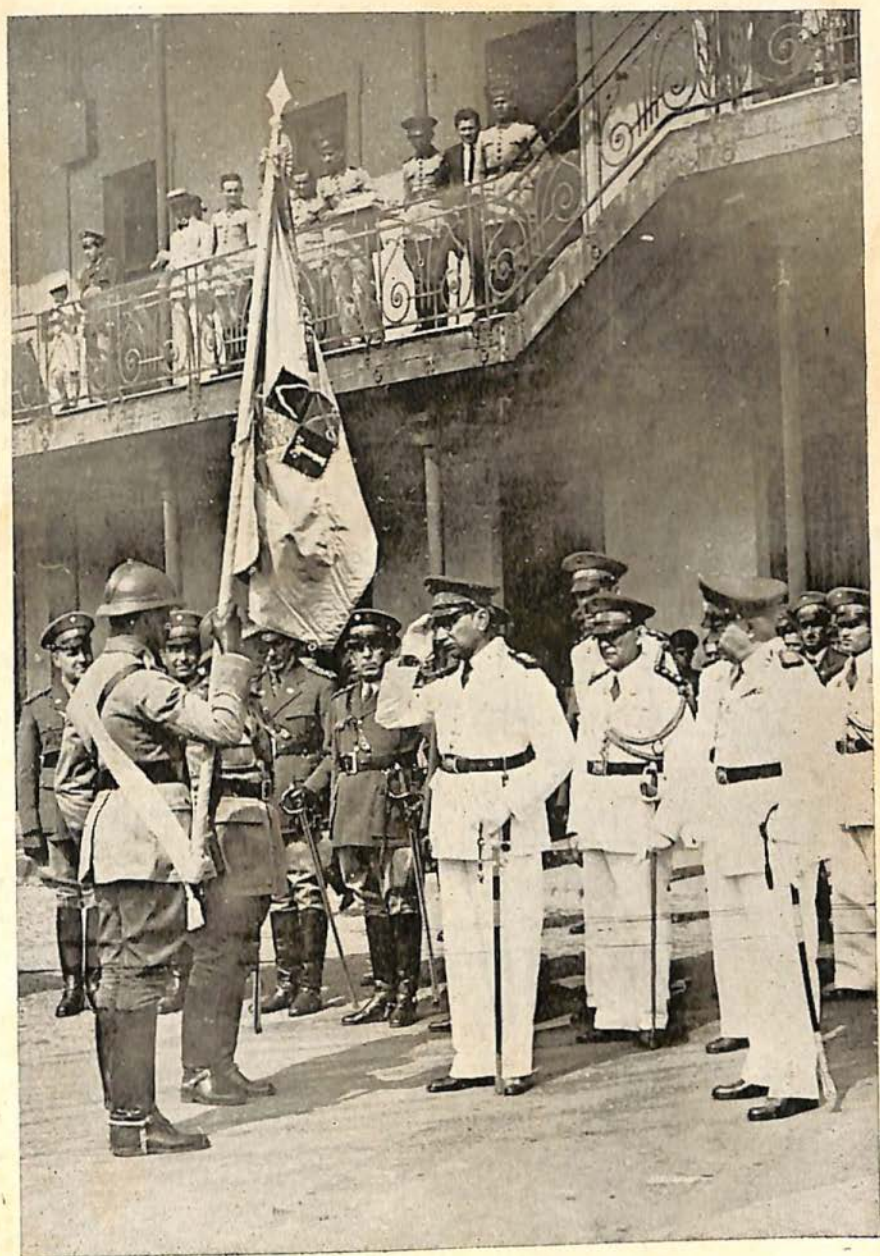
Nada, porém, poderá fazer si não contar com o apoio franco de nossos companheiros e com o auxilio desinteressado de todos que aspiram um exercito grande, forte, respeitadão e que esteja em proporcionalidade com a vastidão e riqueza do colossal tracto de terra que nos serve de Patria. Venham a nós da "A Defesa" todos os verdadeiros soldados que almejam um Brasil prospero e rico, guardado por um Exercito intelligente e forte.

AGRADECIMENTO

"A Defesa Nacional" no mez em que acaba de vencer mais uma etapa de glorias, não pode e não deve esquecer-se dos seus incansaveis collaboradores anonymos que tudo fazem para afastar as difficuldades do seu caminho.

"A Defesa" gostosamente expressa o seu reconhecimento aos Srs. Antonio Luiz de Freitas Pereira, Alberto Lima e Luiz Gomes Loureiro que, desde a data de fundação até hoje, emprestam seus auxilios valiosos, cooperando de modo efficaz e desinteressadamente na tarefa pesada com que arcam seus dirigentes.

O ESTANDARTE DO REGIMENTO ANDRADE NEVES



Constituiu cerimonia tocante a entrega do estandarte ao Regimento Andrade Neves

DIA DA INDEPENDENCIA



AO ALTO — as tres bandeiras representativas do Brasil nas suas tres phazes politicas: colonia, imperio e republica.
EM BAIXO — um aspecto do desfile.

LITTERATURA · HISTORIA GEOGRAPHIA · SCIENCIA

Historia da Guerra entre a Triplíce Alliança e o Paraguay

GENERAL TASSO FRAGOSO

IMPRESA DO ESTADO MAIOR DO EXERCITO — 1934

IV

(Conclusão)

O capitulo primeiro da *setima parte* versa sobre a campanha da Cordilheira.

Desfeito o exercito paraguayo em Itá-Ibaté, de onde Lopez fugiu para Serro Leon e, depois, para Acurra, na região montanhosa, apenas com 60 homens, pensou Caxias ter chegado a guerra ao seu termo, o que elle mesmo proclamou em sua famosa ordem *do dia* numero 272, de 14 de Janeiro de 1869, na qual exprime a sua *ufania por haver combatido pela mais justa e santa de todas as causas*. “Ao contrario do que elle imaginava, — pondera o General Tasso Fragoso — Lopez conseguiu reunir em torno de si novas hostes, appellando para o patriotismo de seus compatriotas e tambem valendo-se do temor que a muitos delles sabia inspirar”.

Com esses recursos, levantados rapidamente, foi que elle fez frente de novò aos adversarios. “A principio eram vagas as noticias a seu respeito, mas pouco a pouco se foram precisando, graças aos informes prestados pelos prisioneiros nos interrogatorios a que respondiam. Destarte tornou-se indispensavel a abertura de uma outra campanha, para destruir as novas forças que o dictador congregara e, se possivel, aprisional-o.”

Dessa campanha, desenrolada quasi toda na região serrana do leste paraguayoy, é que trata o capitulo.

Caxias havia passado o commando ao Marechal Guilherme Xavier de Souza. Coube a este chefe, de 18 de Jnaeiro a 16 de Abril de 1869, e, depois, ao Conde d'Eu, a quem o governo escolhera para substituir definitivamente a Caxias, dirigir essa nova phase da guerra, cujas preliminares absorveram alguns mezes de incessante trabalho. O exercito alliado estacionara na região Assumpção-Luque. Teria de marcar ahi um tempo de pausa, “para reconstituir as unidades, organizar os reaprovisionamentos na previsão de uma marcha para o interior, explorar na direcção do inimigo para situar-lhe o grosso e conhecer o terreno que teriam de per-

correr", como indica o autor. Depois, havia que levar-o a uma conveniente base de partida, de onde pudesse executar a manobra concebida para "arpoar o dictador com esperança de bom exito".

Expediram-se destacamentos a Rosario São Pedro e Villa Rica; tentou-se novamente a destruição dos navios paraguayos internados no Manduvirá; procurou-se destruir a fundição de ferro que Lopez mantinha no Ibicuhy, e explorar na direcção geral de sueste para determinar o contornó da Cordilheira e seus caminhos de accesso. Entre essas medidas preliminares está o restabelecimento do trafego da estrada de ferro de Assumpção a Paraguay, passando por Luque, e que vae prestar relevantes serviços ao aprovisionamento do exercito.

Estuda, a seguir, o General Tasso Fragoso o deslocamento da vanguarda brasileira para Juquery, e o do 1.º corpo de exercito para Luque, agulhados na direcção de leste. Relata as primeiras medidas do novo comandante da esquadra, a aproximação do grosso dos brasileiros da sua vanguarda, e as operações do destacamento de Rosario, incumbido de impedir que o inimigo obtivesse recursos nos districtos septentrionaes.

Dá-nos a ordem de batalha do exercito brasileiro em Abril de 1869: dois corpos de exercito (1.º e 2.º), 15.576 homens; força expedicionaria de Rosario, 1.914; guarnição de Assumpção, 2.856; Feixo dos Morros, 280; guarnição de Humaytá, 2.084; divisão de cavallaria de Aguapehy, 1.394. Total da tropa — 27.907 homens. Animaes: 21.849 cavallos; 6.257 muares; 2.837 bois. Total — 30.943.

Passa, depois, a narrar a chegada a Assumpção de *Sua Alteza Real o marechal de exercito Conde d'Eu*, genro do Imperador, nomeado para substituir a Caxias no commando de *todas as forças em operações contra o governo do Paraguay*, as primeiras medidas postas em pratica por elle logo depois de assumir o commando, e as nomeações que fez para o preenchimento dos cargos vagos nos altos postos do exercito. Resume as operações de descoberta realizadas pela vanguarda e a exploração dos brasileiros na direcção geral de sudoeste em busca do restabelecimento de contacto com o inimigo, nas fraldas da serra e de caminhos de accesso á região montanhosa onde elle se occultava.

Para isso, fez o Conde partir, a 4 de Maio, dois destacamentos, — um de dois batalhões de infantaria, algumas boccas de fogo e um pelotão de engenharia, outro composto de uma brigada de cavallaria, — pela duas estradas que sahem de Luque e passam, uma por Itauguá, outra por São Lourenço. O resultado de todas essas sondagens, destinadas a revelar as novas posições paraguayas, consigna-os methodicamente o General Tasso Fragoso, de forma que o leitor vae assistindo ao desvendar do mysterio que cercava inicialmente a região occupada pelo inimigo, os effectivos e as possibilidades deste. Recorda, a seguir, a expedição do destacamento uruguayo, commandado pelo Coronel Hyppolito Coro-

nado, ao Ibicuy, com a missão de destruir a fundição de ferro que Lopez mantinha nessa região, e a transferencia do destacamento de Rosario para a Villa de São Pedro, mais ao norte, ponto de partida, dahi em diante, das explorações na zona septentrional. O commando desse destacamento confiou-o o Conde d'Eu ao General Camara, que vae desempenhar papel relevante no lance final da campanha.

Relata, em continuação, o deslocamento do exercito da região Luque-Juquiry para a região Pirajú-Taquaral, reunido assim na falda sudoeste da Cordilheira, atraz da qual se encontrava o inimigo. "O grosso do exercito alliado estava, pois, agora — diz o autor — a cavalleiro da linha ferrea em frente ao passo de Ascurra, que se presumia ser a posição principal de Lopez".

Descreve as operações iniciaes levadas a cabo após o restabelecimento do contacto e enumera as providencias tomadas pelo Conde d'Eu para que o reaprovisionamento da tropa se fizesse dos portos de Villeta e Augustura, mais proximos da região em que agora estacionava o grosso, que o porto de Assumpção. Examina a attitude e as disposições de Lopez depois de sua fuga da Itá-Ibaté, dando-nos o effectivo do seu exercito a 30 de Janeiro de 1869, que, segundo Resquin, nos *Dados Historicos*, montava a 13.000 homens, com 18 peças de artilharia ligeira e outras tantas de praça. Resume as idéas que o Conde d'Eu ia pôr em pratica uma vez installado na região Taquaral-Pirajú, proseguindo no programma que se havia traçado, a saber: "restringir o campo de acção de Lopez, activando as operações do norte (S. Pedro) e do sul (marcha de Portinho contra Villa Rica), explorar melhor a parte sul da Cordilheira mediante nova expedição á fundição de ferro de Ibicuy, e, depois, executar uma manobra envolvente, com que esperava galgar a Cordilheira e golpear pela retaguarda o seu adversario".

Estuda as operações de Camara na região de S. Pedro e a exploração de João Manoel Menna Barreto, pela falda da Cordilheira, contra o Tebiquary e a fabrica de ferro de Ibicuy. Expõe, finalmente, o plano de manobra para o ataque a Lopez.

Publica, na integra, os apontamentos sobre a materia enviados ao Conde d'Eu, a 26 de Junho, pelo General Emilio Mitre, contendo tres idéas de manobra, a ultima das quaes, preferida pelo chefe argentino, consistia num *ataque de frente* com 13.300 homens e dois *ataques de flanco*, um (o mais importante), contra o *flanco direito* do inimigo, com 7.500 homens, o outro, contra o seu flanco esquerdo, com 3.500. Dá-nos a opinião de Osorio, contraria a essa idéa, pois quer empregar o *grosso* num ataque frontal pelo desfiladeiro, e o *restante* em dois ataques de flanco, dos quaes o *mais forte* dirigido contra o *flanco direito* do inimigo.

Trata do conselho, convocado pelo Conde d'Eu, para assentar o plano definitivo, e reunido em Pirajú a 7 de Julho, do qual traslada a

acta respectiva. Vê-se, por esta, que o commandante em chefe do exercito alliado diverge completamente de Emilio Mitre: "não quer um ataque principal *pela frente*. Aproxima-se, porém, de Osorio, com uma variante: além do movimento envolvente por Valentuela (ou S. José) para sahir á retaguarda do inimigo, haverá *cooperação* da força que fica guardando a base de operações e a linha ferrea. Essa cooperação far-se-ha sentir, como verificaremos mais tarde, na direcção de Altos e Atirá, pelo flanco norte de Lopez".

E continúa o General Tasso Fragoso a analysar a acta da reunião e a pôr em relevo a divergencia de vistas entre o Conde d'Eu e Mitre, para concluir que este se confessou *vencido*, mas não *convencido*, na elaboração do plano de operações dessa phase final da campanha. "Infere-se do exposto, diz elle, que o plano de manobra assentado contra Lopez consistirá em guardar a linha ferrea, que é a linha de comunicação, e os depositos criados á margem della, e levar o grosso dos alliados, mediante um movimento torneante pelo sul da posição de Lopez, á retaguarda do mesmo. Trata-se, pois, de um movimento strategico de cunho napoleonico".

"Para simplificar a linguagem, ajunta elle, e obedecendo a uma observação do General Camon, chamar-lhe-hei: *Manobra de Piribebuy*".

O segundo e ultimo capitulo da *setima parte* occupa-se da execução da manobra, que o autor descreve nas suas differentes phases. Primeiro o deslocamento do grosso da região Taquaral-Pirajú, em que estaciona, para a de Piribebuy, mediante um largo movimento envolvente pela região ao sul da posição de Lopez. Indica, nessa occasião, a missão reservada ao contingente especial incumbido de guardar a nova base de operações, ao qual caberá igualmente associar-se á acção do grosso dos atacantes, e a confiada ao destacamento do flanco direito desse grosso, durante a sua progressão, este entregue ao commando do General João Manoel Menna Barreto.

Os alliados ficaram assim divididos inicialmente em tres grupos: "o grosso, composto do 1.º corpo brasileiro e do 2.º e mais dos contingentes de argentinos, orientaes e paraguayos a elle associados; o destacamento de João Manoel Menna Barreto; as tropas que devem permanecer no valle do Pirajú, sob o commando de Emilio Mitre, para defesa da linha ferrea e da base de operações".

O General Tasso Fragoso dá a composição dessas forças e o nome dos respectivos commandantes. Narra a subida da Cordilheira até Valentuela, o avanço contra Piribebuy e os preparativos para o ataque dessa posição, e o desenrolar da luta, cujo resultado foi o aniquillamento das tropas improvisadas com que Lopez enfrentou ahi o exercito alliado, tropas compostas na sua maior parte de adolescentes.

A manobra do Conde d'Eu não estava, porém, terminada com a tomada de Piribebuy, visto não lhe ter ainda sido possível accommetter o grosso do adversario, entrincheirado no alto de Ascurra. "A gaurnição encarregada de defender Piribebuy, diz o General Tasso Fragoso, fôra apenas um debil escudo interposto por Lopez entre esse grosso e seus adversarios, a que elle sacrificou no dia 12 de Agosto sem o minimo proveito". E analysa o problema estrategico que se deparava ao chefe do exercito alliado, para frustrar a retirada do dictador na direcção do norte, que elle provavelmente prefereria, pois dahi, ha muito tempo, procurava abastecer-se.

"O Conde d'Eu meditou de certo sobre tudo isso no decurso de suas reflexões. Afinal decidiu-se por um movimento do grosso na direcção de Caacupé, isto é, ligeiramente envolvente, sendo, porém, a preocupação de enviar uma divisão de cavallaria a Barreiro Grande, para dahi vigiar a linha de fuga na direcção de Caraguatahy".

Continúa no exame da situação, transcrevendo o julgamento sobre ella pronunciado pelo generalissimo, e descreve em seguida o avanço do grosso rumo a Caacupé, no decurso do qual se vem a saber que Lopez abandonara a região. Dá-nos as novas resoluções do commando alliado, para responder ao movimento dos paraguayos, e que conduziram á batalha de Campo Grande. Descreve o recontro, travado inicialmente pela vanguarda, commandada por Vasco Alves, logo sustentada pelo grosso, avisado do choque com o inimigo quando em marcha por uma estreita picada: "Dentre em pouco desemboca em vasto campo denominado Nhuguassú, em que o espera Vasco Alves aferrado ao inimigo". Atacado a fundo, "o inimigo recúa, batendo-se em retirada, sem perder comtudo a sua formatura, nem deixar de responder com a sua artilharia". Apoia-se no Juquiry, põe fogo á macéga, resequida pelo estio, resiste tenazmente. Cercado por todos os lados, soffre perdas enormes, sendo esmagado á direita do Piribebuy. "Poucos, e entre esses o General Caballero. conseguiram fugir para os mattos vizinhos e, desse modo, escapar ao circulo de fogo em que os atacantes procuraram encerral-os".

Mostra ainda o autor o alcance da batalha de Campo Grande para a victoria final dos alliados, narra a perseguição movida por estes aos restos das forças paraguayas em fuga, descreve os combates travados com as retaguardas de Lopez até a margem do arroio Hondo, onde de novo se rompe o contacto com o adversario. E encerra o volume com as reflexões do Conde d'Eu sobre as operações da Cordilheira.

CAMPANHA DE 1805

Summario: Antecedentes politicos — Mack — Napoleão — Manobra de Augsburgo — Monobra de Hollabruen — Austerlitz

Pelo 1.º Ten. H. O. WIEDERSPAHN

I — ANTECEDENTES POLITICOS

A guerra não pertence ao dominio das artes e sciencias e sim ao da propria sociologia. E' um conflicto de interesses maiores que se resolve a custa de sangue. E' esta sua differença dos demais.

Melhor que qualquer arte, pôde ser comparada ao commercio, que não passa de um conflicto entre interesses e actividades humanas. Sendo a guerra bastante mais relacionada á politica, que tambem não deixa de ser uma modalidade de commercio em maior escala, é no seio della que se desenvolve e origina. As directivas da campanha já se encontram na politica, como as propriedades dos viventes em seus embryões. (CLAUSEWITZ — DA Guerra, II, cap. 3.º).

A paz geral firmada em 1.º de outubro de 1801 em Londres e em 27 de março de 1802 em Amiens trazia em si, não os germens beneficos da tão sonhada paz geral para os corações francezes e de seu idolo, e sim interesses mercantis contrariados em sua ganancia da parte dos armadores, revendedores e manufactureiros estabelecidos na Gran-Bretanha, a doutrina economica liberal e egoista de Adam Smith e a lucta iniciada, desde os preparativos de 1782 em Wilhelmsbad, contra a civilização christã-occidental e contra o direito em voga nas diversas nacionalidades europeas não-inglezas, quer pela turbulencia das lojas das associações secretas politico-sociaes, quer pelo concurso e pela propaganda atavicamente contraria á todo regimen e systema vigente, em qualquer época, da mentalidade internacionalista do povo disperso de Judá, ancioso pela igualdade social, politica e economica propugnado pelo movimento emancipador "Haskalah". (MARGOLIS-MARX, Histoire du Peuple Juif).

Conhecedor profundo da psychologia humana, Bonaparte se deixara iniciar nas lojas de Bonifacio, na Corsega, para tirar seus proveitos desta instituição que preparou a revolução de 1798 na França. Completou-se em 1798 quando da captura da ilha de Malta, no periodo da Campanha do Egypto. Sabeedor do valor real do regimen implantado depois dos Estados Geraes, procurou o jovem e inequalavel general usar por todos os meios da trama da franco-maçonaria na França para um fim nacionalista, como o é com o seu inglezismo imperialista a grande loja de Londres.

Bonaparte obteve o triumpho facil do 18°. Brumario com o consulado trino em seu favor, depois o consulado vitalicio que lhe deu tambem o cargo ficticio de Grão Mestre do Grande Oriente de França. Tal se explicam todos os enthusiasmos e facilidades com que venciam os obstaculos politico-diplomaticos e o optimo serviço de informações fornecido pelos seus emissarios e espiões.

Mas, além do passo de Calais, a tradicional adversaria e rival de Luiz XIV na lucta pela hegemonia naval e colonial continuava attenta. Para alcançar seus objectivos os dirigentes do Tamisa não mediam escrupulos nem revêzes. Não era pois esta guerra o prolongamento da que desde 1688, desde a "Gloriosa Revolução", Guilherme de Orange fazia á França com o ouro do hebreu iberico "sir" Salomon Medina? Não iria ella durar até 1815, após a victoria no Congresso de Vienna de outro super capitalista, tambem judeu, Nathan Rothschild, cujos successores até nosso Brasil conseguiram monopolizar como méra colonia? Não viera o ouro abundante e farto para a propaganda, que destruiu em 1789 o poderio e o equilibrio da nacionalidade e do povo francez, dos argentarios do Tamisa?...

Assim não era possivel harmonizar a politica méramente mercadora de Londres com a politica continental de Paris sob Bonaparte, orientada esta não para o internacionalismo dos "jacobinos" e "illuminados" e sim para o nacionalismo, diremos "fascista", do Genio das Batalhas. Seus interesses eram pois antagonicos e fatalmente se chocariam, quer no caso da não evacuação da ilha de Malta exigida pela paz firmada, quer no das invasões iminentes dos francezes na Hollanda, Italia e Suissa, tudo isto como méros pretextos apparentes e secundarios.

O bombardeio iniquo de Copenhague e o apresamento da esquadra dinamarqueza por Nelson em plena paz são as mais nitidas caracteristicas da politica naval de "pirataria" que animava a orientação britânica, como caso isolado e ainda não copiado por outra potencia até os dias hodiernos. Arrogando-se o "direito de visita" contrario ás leis das gentes tacitamente reconhecidas universalmente pelos povos civilizados, o almirantado de Londres queria exercer uma supremacia policial de facto sobre todos os navios neutros ou não, desconhecendo a protecção do pavilhão destes sobre a mercadoria franceza transportada que inconcinente era confiscada. Desta noção nitidamente egoista se originou o "direito de visita" illegalmente exercido mais tarde pelos inglezes em todos navios de pavilhão portuguez e brasileiro quando o Tamisa começou a ter interesse em não obterem as Americas o braço negro, mão de obra barata, para forçar mercados á propria industria manufactureira de Manchester e outros centros britannicos.

De accordo com as tradições da grande Catharina, seu filho Paulo I, czar coroado em 1796 e contrario ao funcionamento das associações

secretas na Russia, depois de combater os exercitos da revolução se aproximara do primeiro consul para resalvar a independencia naval do "bloco do Norte" (Russia, Suecia, Noruega, Dinamarca), negando aos ingleses o "direito de visita". Chegou a entrar em lucta com estes, preparando o auxilio da reacção que se planejava no Hindostão com um grande destacamento militar. Soube entretanto o ouro dos agentes britannicos explorar despeitos e ambições de fidalgos da cõrte do Neva até conseguir o afastamento pelo assassinio do czar anglophobo e anti-maçonico em março de 1801. Coube pois o throno ao jovem e inexperiente Alexandre I, entregue a conselheiros adeptos ferrenhos da Inglaterra, da franco-maçonaria liberada e da guerra a Bonaparte. Idealista theorico e entusiasta do "Contratto Social" do descendente de israelitas J. J. Rousseau, entregava-se o novo czar a seu conselheiro, o astuto polonez principe Czartorski, cujos sonhos eram reconstituir sua patria confederada á Russia com a destruição total do reino prussiano. Assim foi possivel a Londres afastar um adversario inopportuno e obter uma alliança offensiva que reconhecia a prepotencia naval britannica sobre os mares russos e nórdicos.

Victoriosa a politica ingleza na Russia, começaram a surgir em Londres pamphletos, memorias e outras publicações de franco combate ás clausulas dos tratados de paz já referidos. Todos pretendiam ver nestes a desgraça economica e mercantil da Inglaterra, pois lesavam os interesses exclusivos do super-capitalismo internacional que manipulava o governo britannico por intermedio de seus ministros e deputados.

Sem nada haver realizado para proteger objectivamente o exercito hanoverano, o qual se achava sob a união pessoal da dynastia reinante na Inglaterra desde 1714, quando da ameaça de invasão por parte de Bonaparte, ante as reclamações energicas deste pelo cumprimento da clausula da evacuação de Malta, o rei Jorge III declarou guerra á França em 18 de maio de 1803, alegando motivos pueris que em absoluto feriam o espirito das estipulações de Amiens.

Não deixou a Inglaterra de tentar na França o processo empregado em São Petersburgo com o seu adversario Paulo I. Assim foi que, das lojas secretas insulares, se concertou e subsidiou um trama envolvendo os remanescentes esquerdistas e certos nucleos monarchicos para eliminar o general Bonaparte, restaurando o intrigante e ambicioso pretendente anglophilo Luiz XVIII de Bourbon, um dos promotores com Egalité das infamias levantadas contra a infeliz martyr Maria Antonieta, cujo unico crime consistira em haver dado á luz um principe herdeiro em prejuizo daquelle que até então era o herdeiro presumptivo. Constituiu-se pois a chamada conspiração de Georges, Moreau e Pichegru. Fracassou e a repressão foi energica e decidida envolvendo até o duque de Enghien, um Bourbon exilado.

Na côrte da Prussia admiravam-se sinceramente as qualidades de Bonaparte, apesar do baque soffrido com o fusilamento de Enghien e do character de amizade pessoal das relações entabuladas nas margens do Memel, em junho de 1802, entre Alexandre I e Frederico Guilherme III. Estas desgostaram profundamente a Czartoryski que odiava apaixonadamente ao reino visinho. Então toda a politica externa de Berlim girava em torno da aquisição do Hanover e da Pomeranea Sueca. Neste sentido existiam promessas favoraveis mas vagas de Bonaparte que o approximavam cordealmente de Frederico Guilherme. Esta approximação cresceu mais ainda com as novas da existencia de um tratado de alliança anglo-russa, que se firmou em novembro de 1804, com clausulas que significavam uma pressão russa sobre a côrte de Berlim, graças ás intrigas do principe polonez. Este chegou mesmo a propor um plano de partilha da potencia odiada, dando á Russia, a Prussia Oriental, á Polonia a Occidental e Meridional e á Austria a Silesia.

Era pois evidente a necessidade da decisão de tomar a situação defensiva de neutralidade armada a que se sentira compellido o soberano prussiano, pois este se negara formalmente a declarar guerra á França. Mas as intrigas prosseguiram em torno da côrte berlinense, onde desde fins de 1803 se achava o mais tarde famoso conde de Metternich, natural da Rhenania e figadal inimigo da Prussia, como embaixador austriaco. A communhão de sentimentos entre este e Czartoryski anullara inteiramente ao embaixador russo Alopeus em Berlim e Metternich passou a agir como unico e exclusivo representante da politica do polonez com o fito de destruir a potencia militar e politica prussiana, recorrendo-se á mesma hypocrisia reconhecida dos nossos tempos desde 1912 contra Allemanha. Então mystificava-se a Europa e o mundo declarando ser necessario vingar os "direitos" conspurgados por Bonaparte e esta acção em Berlim deveria "actar as mãos de Frederico Guilherme III". (Sic.).

Além do mais, num memoravel plebiscito, esmagadora maioria da população de França concedera ao grande chefe nacionalista, que esmagara os internacionalistas e seus cúmplices trahidores da Patria, o titulo de Imperador dos Francezes. Coroadado em Paris em 2 de dezembro de 1804, tambem em 26 de maio do anno seguinte era sagrado rei da Italia em Milão. Passou a represental-o na peninsula apenina como vice-rei seu enteado Eugenio de Beauharnais. Como reacção Luiz XVIII e os demais emigrados procuraram revolver os governos que os hospedavam numa offensiva contra o "usurpador" Napoleão I. Quanto a este, começou desde então a ser observado com desconfiança pelo Grande Oriente, do qual julgava ser o chefe verdadeiro, embora o Codigo Civil e a constituição houvessem sido mantidas.

No seu afan pela paz necessaria á solução cultural, politica, social e economica interna, decidira Napoleão desde julho de 1803 levar seu

ataque á propria séde dos trustes financiadores destas guerras, unicos responsaveis pelo sangue que dahi em diante se derramaria no scenario europeu. Inimigo declarado dos emprestimos externos que, no seu ver de alta visão e alto patriotismo, amarram as gerações seguintes da nacionalidade aos guichés dos argentarios internacionaes, envenenando-a com a escravidão de juros immoraes e interminaveis, obteve Napoleão os recursos de que carecia para a construcção de uma esquadra capaz de transportar 150.000 veteranos, 400 peças de artilharia e 10.000 cavallos nas proprias reservas de seu povo. A venda aos Estados Unidos do territorio da Louisiana rendera cerca de 60 milhões de francos á vista.

"A força de Napoleão residia no exercito e na guerra continental, a da Inglaterra na sua esquadra e na guerra naval; assim era uma bôa estretegia atacar a Inglaterra com um exercito, compelindo-a a combater em terra." (Yorck von Wartenburg, *NAPOLÉON CHEF D'ARME'E*, pag. 216). Assim poudes desenvolver toda sua espantosa actividade na reorganização do "Grande Exercito" e na construcção da flotilha de transporte. Toda a costa se fortificara com baterias e canhoneiras para cobrilha de incursões da esquadra britannica. Os effectivos do exercito se elevaram a 480.000 homens, dos quaes 150.000 veteranos se destinavam á invasão da Inglaterra, 100.000 nas colonias, na Hollanda, no Hanover, na Suissa e na Italia e os restantes nas diversas guarnições nacionaes. Desde maio de 1803, graças ao descaso militar criminoso de Londres, Mortier com um exercito de 1.000 francezes occupara o Hanover, cujo pequeno exercito se dissolvera ante o abandono britannico, emigrando grande parte delle para a grande ilha tomando mais tarde papel brilhante na Campanha da Peninsula e na de Waterloo. Em seguida cahiam nas mãos de Bonaparte todos os portos da embocadura do Elba que assim ficava vedado ao intercambio inglez.

Ante os effectivos que cresceram de maneira imprevista, já não mais servia a organização das campanhas anteriores em D. I., Bdas. e meias-brigadas, difficultando a acção directa do commando como fôra exercido até então por Napoleão. Decreto de 14 de julho de 1803 reorganizava o exercito em C. Ex., dos quaes seis estavam reunidos em campos de instrucção desde a Hollanda até Saint-Malo. Nestes campos creava-se um exercito dotado de uma disciplina e de uma instrucção admiraveis. Reuniram-se as D. I. em grandes unidades de 3 ou 2 constituindo C. Ex. que dispunham além destas de uma D. C. ligeira. As D. I. constituíam-se de 8 ou 7 Btls. de infantaria e 12 ou 10 peças de artilharia. A cavallaria não organica dos C. Ex. constituíam a "reserva geral de cavallaria;" num C. C. de composição variavel. Estes C. Ex. e o C. C. eram commandados pelos "marechaes de França" recém-promovidos. Com os veteranos de sua guarda, a Velha Guarda das Campanhas da Italia, e os mais modernos

da Jovem Guarda, Napoleão constituiu um corpo de elite das tres armas, o C. Guarda.

Coube a Bernadotte com os soldados que conquistaram o Hanover constituir o 1.º C. Ex. em torno de Goettingen, com a guarnição da Holanda em Utrecht sob Mamont o 2.º C. Ex., em Texel sob Davout o 3.º C. Ex., em Boulogne-sur-Mer sob Davout o 4.º C. Ex. e sob Murat o C. C., em E'taples sob Mortier, depois Lannes, o 5.º C. Ex., em Wimereux sob Ney o 6.º C. Ex. e o 7.º C. E. em Brest sob Augereau. Os 50,000 homens sob Massena na Alta Italia, na região de Verona-Caldiero, constituiram o 8.º C. Ex.

Auxiliava o commando em chefe, exercido por Napoleão, como chefe do grande estado maior o incansavel Berthier e este dispunha, entre outros, do fiel Bertrand. O serviço de engenharia, ao qual Napoleão dava especial importancia, estava a cargo de Savary. Dado o relativo atrazo da medicina e da cirurgia de então, o serviço de saúde era falho, insufficiente e precario. As epidemias foram sempre os maiores inimigos até mesmo nas campanhas napoleonicas. Unindo-se á inexistencia do Serviço de Intendencia, pois Napoleão procurava sempre viver dos proprios recursos inimigos, imperava a especulação criminosa e sem escrupulos dos argentarios que forneciam ao Grande Exercito.

Em torno do seu Q. G. de Boulogne-sur-Mér a instrucção esmeradissima e um enquadramento o mais completo aos poucos constituia o phantasma de perigoso panico ás pacatas populações da orgulhosa Albion. Contudo a maior e mais grave falha que contrastava com os demais quadros era a educação militar superior dos chefes formados na escola da execução limitada de ordens recebidas e assim incapazes da disciplina intellectual tão necessaria nos commandos dos C. Ex.

Desde o reinicio das hostilidades organizaram-se nas bases navaes de Dunquerque e Cherburgo o serviço da defesa costeira já mencionada, enquanto em Boulogne, E'taples, Wimereux e Ambleteuse se congregava a esquadra transporte para as operações que deveriam ter sido iniciadas em meados de 1804, mas retardadas com a demora de Davout em seu transporte maritimo de Texel para E'taples. Já determinára Napoleão ao vice-almirante Decrés tomar todas as disposições exigidas pelo empreendimento, isto é a posse absoluta do passo de Calais durante o transporte do Grande Exercito, quando temporaes impediram a partida de Brest de 18.000 homens sob Augereau para dar inicio ás operações na Irlanda onde existiam ligações com os rebeldes independentes irlandezes. Deveria ser logo reforçado com 25.000 homens do C. Ex. Marmont. Mas a partir dahi o porto de Brest começou a ser activamente bloqueado pelos navios inglezes de lord Cornwallis. Segundo o plano inicial, o grosso de Boulogne deveria desembarcar no condado de Kent com perto de 100.000 homens para desfechar o golpe de morte na rival insular.

Mais do que nunca o governo e o povo britannico comprehenderam o immenso perigo que a concentração de Boulogne representava ao proprio prestigio commercial e politico da Inglaterra no Mundo, ante a fraqueza militar e a mediocridade dos quadros de seu exercito, apenas acostumado a enfrentar as hordas desorganizadas de inimigos coloniaes. Comtudo não lhes faltavam bravura, desprendimento e tenacidade, características psychicas do anglo-saxão.

Mas o ouro inglez iria provocar, como de costume, um ataque á França pelo Reno e da parte dos povos continentaes, impedindo assim a invasão planejada na Irlanda e em Kent. No tocante á supremacia naval, a falta de energia e decisão dos almirantes francezes deram aos britannicos todo exito. O bloqueio do porto militar de Brest era mantido, as rusgas que deveriam desviar a grande frota insular da Mancha fracassara e o grosso da esquadra alliada franco-hespanhola de Villeneuve ficava por sua vez afastada de Boulogne ante a ameaça de Nelson, o vencedor de Abouquir.

Os manejos diplomaticos iniciaram-se junto aos anglophilos da côrte russa. Assim, graças ás injunções destes e aos subsidios fornecidos pela Inglaterra, estabelecia-se por fim com o embaixador da Austria, conde Stadion, um "convenio preliminar", seguido pelo de 11 de abril de 1805, firmado com o principe polonez Czartorsky e o embaixador britannico Granville Lenveson Gonver, visando a hypothese de um levantamento bellico austriaco em represalia á occupação do Hanover, ao caso Enghien e ás perdas territoriaes na Italia.

Estes dois convenios feitos á revelia do conselho aulico de Vienna, deveriam provocar a "Liga Geral dos Estados da Europa" numa 3.^a colligação para atacar a propria França com cerca de 500.000 homens, compellindo Napoleão a evacuar o Hanover, a Italia, a ilha de Elba, a Hollanda e a Suissa e repor no throno do Piemonte o rei da Sardenha. Eram as exigencias do "ultimatum" inglez que declara a guerra em 1803. Em hypothese alguma deveria haver interferencia nos regimens e fórmias de governo em vigor nos povos libertados ou vencidos, garantindo assim plenamente os successos politico-sociaes obtidos por intermedio da propaganda da franco-maçonaria de então. Aquelles convenios deixavam transparecer o odio á Prussia negando-lhe o tão ambicionado Hanover e applicando-lhe certas clausulas ambiguas.

Compromettia-se Pitt a dar um auxilio de 1.200.000 libras esterlinas por grupo de 100.000 soldados da colligação em campanha, a qual deveria atrahir, além da Russia, a Austria, a Baviera, a Prussia, a Suécia e a Dinamarca para actuar concentricamente pelas fronteiras da França a dentro. Os inglezes agiriam com reforços russos pela Italia, estes pela Allemanha. Além disto uma expedição anglo-suéco-russo deveria recon-

quistar o Hanover e dahi o Norte do imperio francez pela Hollanda e Belgica.

O czar esperava poder mobilizar desde já cerca de 180.000 homens, dos quaes 50.000 para poder operar nos dominios patrimoniaes da corôa austriaca, 50.000 na Bohemia, 16.000 na Pomerania Suéca e 40.000 sobre as fronteiras da Prussia Oriental. Estes visavam arrastar Frederico Guilherme III á colligação, obtendo d'elle a permissão de transpor territorio prussiano na offensiva sobre o Rheno. A decisão do rei contudo estava tomada ante os inauditos perigos que ameaçavam ao seu povo: manteria sua neutralidade armada a todo custo e só tomaria parte na guerra quando agredido.

Assim não poude Duroc obter a alliança franco-prussiana, mesmo trazendo em fóco a questão hanoverana. Doutro lado os manejos de Metternich e do embaixador russo Alopeus entregando um "ultimatum" exigindo a passagem livre dos exercitos moscovitas haviam provocado uma energica repulsa da parte de Frederico Guilherme e uma ordem de mobilização parcial. Em 28 de setembro de 1805 deveriam pois os russos transpor as fronteiras prussianas com 50.000 homens por Brexec-Varsovia-Breslau-Bohemia e com 47.000 provindos de Grodno, além de 25.000 que desembarcariam na Pomerania Suéca para se reunir com 8.000 suécos e invadir o Hanover. Só a intervenção pessoal de Alexandre evitou em tempo ainda a violação da neutralidade prussiana, desmanchando assim todo trama Mettenich-Czartowski de obrigar a Prussia de tomar o partido de Napoleão e justificar assim a sonhada partilha. O principe polonez demittiu-se então e um seu documento de 1806, isto é posterior, justificava suas intenções pondo certa luz naquellas intrigas em torno de Berlim, pois escrevia que "era preciso apressar-se em derrotar a Prussia, da mesma fórma como Bonaparte fez com a Austria", referindo-se ao desastre de Mack em Ulm. (HARDENBERG, Memórias, II, pag. 32).

Na monarchia danubiana, desde a paz firmada em Luneville em 9 de fevereiro de 1801, pouco se fez para reorganizar o exercito de todos os esforços do archiduque Carlos, presidente de 1801 a 1805 do Conselho Aulico de Guerra. O destalabro das verbas militares proseguia como dantes e desta forma o mesmo general se transformara em partidario acerrimo da paz, contrariando assim aos manejos diplomaticos da Inglaterra e da Russia com suas declarações de que "todas as forças do Estado estão esgotadas e debilitadas com a ultima guerra, todas as forças vivas secaram, todas estas forças terão de ser restabelecidas gradual e lentamente e seu restabelecimento deve ser o principal objectivo da Austria. Tudo o que não difficulta este restabelecimento deve ser respeitado como facto consumado, apezar do monarcha austriaco noutras circumstancias haver podido e devido usar de uma linguagem mais energica e digna". (Apud WETHEIMER). Então a chancellaria de Vienna pensava assim e es-

tava tratando de regular as pendencias internacionaes com a França, pois aquella sabia perfeitamente que um exercito austriaco efficiente não ultrapassaria de 40.000 homens e não dispunha sequer de uma só bateria completamente equipada.

Ao chegarem as noticias dos convenios anglo-russo, envolvendo compromissos do embaixador austriaco. Stadion de São Petersburgo, declararam logo o archiduque Carlos e seus auxiliares generaes Fassbender e Duka nada ser possivel fazer antes da primavera de 1806, anno seguinte, em vista do mau estado do exercito a seu cargo.

Teceram-se intrigas e a chancellaria começou a hostilizar o archiduque e seus dois auxiliares, pois um outro general surgiu para proclamar cheio de presumpção ser irrisorio o pessimismo daquelles que pareciam desconhecer os inexgotaveis recursos de que dispunha a Austria. Ao invés de seis mezes, este general que não era outro sinão Carlos Mack, o fracassado de Napoles em 1799, declarou que bastavam dois para mobilizar os 250.000 homens requeridos pelo convenio com a Russia e Inglaterra.

Conseguida por fim a substituição de Duka por Mack nas funções de quartel-mestre-general, cargo correspondente em parte ás de chefe do estado-maior-general, vencia a corrente favoravel á vindicta e á guerra, avolumando-se esta, graças á propaganda intelligentemente tecida em torno da annexação inesperada de Genova á França por acto de Napoleão. Pouco depois Vienna ractificava os convenios firmados em São Petersburgo por Stadion. Era a guerra !

Livros á venda na A DEFESA NACIONAL

Do Major ARARIPE:

ESCOLA DO PELOTÃO

Preço: 10\$000

COMBATE E SERVIÇO EM CAMPANHA

Preço: 10\$000

SECCÃO DE INFANTARIA

Redactor: FLORIANO BRAYNER

Auxiliares: MANOEL GUEDES
COELHO DOS REIS

A Manobra dos T. C. e T. E. dos Corpos de Tropas e demais sub-unidades

Notas do D. G. E. das Escolas de Armas

Cab. JURANDY TOSCANO DE BRITTO

Aux. Instructor

Vamos agora dar algumas regras geraes para as ordens que o commando dá aos T. E.

Nestas ordens devem constar:

- 1.º como vão marchar os T. E.: grupados; com as unidades.
 - 2.º commandante do grupamento.
 - 3.º logar de reunião: hora e em tal logar.
 - 4.º Estacionamento ou logar do T. E. na columna.
 - 5.º Deslocamento do grupamento: estrada ou eixo.
 - 6.º Pontos de 1.º destino, onde os T. E. passam á disposição dos Cmts. de unidades para a distribuição.
 - 7.º Ponto de contacto T. E₁ — T. C. para a distribuição.
 - 8.º Hora da distribuição.
 - 9.º Estacionamento ou logar do T. E_r na columna.
 - 10.º Estacionamento ou logar do T. E₂ na col.
 - 11.º Ponto de contacto Ch. AD. — T. E. — para o reabastecimento.
 - 12.º Hora do reabastecimento.
 - 13.º Natureza do reabastecimento.
- Caso os TC₂ marchem juntos aos T. E.: regular do mesmo modo.

Quanto ás horas de distribuição e de reabastecimento daremos as seguintes regras que devem ser seguidas sempre que fôr o caso:

DISTRIBUIÇÃO: para o consumo no dia seguinte dos T. E. aos T. C. — a tarde entre 15 e 18 horas.

REABASTECIMENTO: dos T. E. no C. D. — pela manhã entre 8 e 10 horas

— No que diz respeito ás distancias e meios de reabastecimento temos em annexo diversos quadros elucidativos que devem ser tomados como exemplo e não como esquema.

Como um exemplo concreto vamos estudar o emprego dos T. E. no nosso ultimo thema em sala.

Relembramos a situação geral que annexamos.

O 7.º R. C. D. e o 5.º B. C. já estavam ha alguns dias em posição cobrindo o flanco do Exercito.

O 20.º R. I. e o 7.º R. A. Do. — Desembarcaram no dia D-1; seus T. C. vinham se reabastecendo diariamente em Est. Santa Rosa.

Vamos ver qual seria a situação dos T. E. destas unidades no dia D-1 ás 18,00 hrs.

7.º R. C. D. — T. E₁ — Junto aos T. C. — distribuição

T. E₂ — em movimento para o reabastecimento em Santa Cruz pelo Cb. AD. do Ex.

T. E._r — Estacionado em Bossoroca.

— Ponto de estacionamento do T. E.

Bossoroca

— Ponto contacto T. E. T. C. Nhacondá

5.º B. C. — sua situação é identica a do 7.º R. C. D.

— Seus T. E. estão reunidos aos do R. C. D. mas neste momento está o T. E., á disposição do btl. para a distribuição.

— Ponto contacto T. E. — T. C. — na bifurcação 1500 ms. N. E. da Faz. José Alves.

— Ponto de estacionamento dos T. E.

Bossoroca

20.º R. I.

(Seus T. E. estão reunidos e cheios

7.º R. A. Do (na região da bifurcação 1300 ms. NE. de Santa Rosa

(Seus T. C. foram reabastecidos ás 14,00.

A situação é então a seguinte:

7.º R. C. D. (T. E. — 1 Sec. cheia 1 viaia	{	viveres para D.
5.º B. C. (T. C. — cheios para D.		D + 1

20.º R. I. (T. E. ambas as secções cheias	{	D.
7.º R. A. Do (T. C. — cheios para D.		D + 1
		D + 2

Para os 7.º R. C. D. e 5.º B. C. — nenhuma alteração até D + 3, pois, só a partir dessa data o Dest. terá diariamente às 12,00 reabastecimento em Alto do Tamboril.

Até então as unidades continuarão a viver como vinham vivendo utilizando as rações de reserva si fôr necessario.

O 20.º R. I. e 7.º R. A. Do. — vão marchar no dia seguinte D.

Qual será a situação destas unidades na tarde do dia D?

Seus T. C. continuam a se reabastecer directamente.

Seus T. E. continuam cheios.

Nesta situação é que os elementos que estão ao Sul vão marchar.

Quer dizer que elles terão provisões para

o dia D + 1 — nos T. C.

o dia D + 2 — } nos T. E.

o dia D + 3 — }

Isto sem falar nas provisões de reserva.

Então só devemos prever reabastecimento para dia D + 3 e isto será dito nas ordens de instalação defensiva.

Veremos adeante.

Como vão marchar os T. E.? Vamos marchar a noite, nenhuma distribuição que só se fará na tarde de D + 1.

Logo: grupados os T. E. na cauda da Col. marcharão até o ponto de estacionamento.

As tropas vão para as alturas ao N. do C. do Paiolsinho; seus T. C. deverão ficar na linha Nhacondá — Neca Ramos.

O centro de distribuição — dos T. E. será em Alto do Tamboril; deste ponto a Nhacondá vão 17 kms. A metade nos dá mais ou menos Cajurú.

Então: Ponto de estacionamento dos T. E.

Cajurú, ravinas a N. O.

A situação não pode ser melhor.

Apresentamos um croquis do dispositivos do reabastecimento para o caso em vista.

Nelle collocamos:

Ponto de estacionamento dos T. C.

> > > > T. E.

> > > > Cb. AD. (supposto)

> de contacto T. C. — T. E.

> de reabastecimento do T. E.2 no C. D.

Horas de distribuição aos T. C.

> de reabastecimento dos T. E.2 no C. D.

Como seria redigido o § da ordem particular de movimento, dirigida ao 20.º R. I. e 7.º R. A. Do.?

Prescrições sobre T. C. e T. E.

a) — T. C. — marcharão com suas unidades. As viaturas V-f. vasia aguardarão em Cajurú a distribuição dos T.E.1 às 8,00 (oito) hs. de D+1; em seguida reunir-se-ão às suas unidades.

b) — T. E. — marcharão reunidos sob o commando do Cap. C., na cauda do Dest.

Reunião em..... às..... hs.

c) — Estacionamento em Cajurú (ravina a N. O.)

d) — Pontos contacto T. C. — T. E. na jornada de D + 1:

— 20.º R. I. — bifurcação 1500 ms. a N. E. da Faz. José Alves — 17,00 (dezesete) hs.

e) — Nos dias D + 1 e D + 2 não haverá reabastecimento dos T. E.

f) — A partir de D + 3 o Dest. disporá diariamente de 1 dia de viveres forragens e carne verde.

— C. D. do Cb. A. D. — : Alto do Tamboril.

— Reabastecimento do T. E.2: 12,00 (doze) hs. no C. D.

Na ordem particular ao 7.º R. C. D. e 5.º B. C.

seria redigido as seguintes prescrições:

a) — Os T. E. do R. C. D. e do 5.º B. C. deverão marchar no dia D + 1 para Cajurú onde se reunirão ao grupamento dos T. E. do Dest. sob o commando do Cap. C.

b) — Ponto de contacto T. E. — T. C. sem alteração

c) — Nos dias D + 1 e D + 2 não haverá reabastecimento dos T. E. podendo as unidades lançar mão dos viveres de reserva, si preciso.

d) — A partir do D + 3 o Dest. disporá diariamente de 1 dia de viveres, forragens e carne verde.

— C. D. do Cb. A. D. — : Alto do Tamboril.

— Reabastecimento dos T. E.2 — 12,00 (doze) hs., no C. D.

O nosso croquis traz, com o dispositivo defensivo do Destacamento, o eschema do reabastecimento.

Temos assim terminado a nossa palestra de hoje, deixando para outra occasião a questão de remuniciamento dentro das unidades.

ORGANIZAÇÃO DOS T. E.

Annexo I

ELEMENTOS	Secções de vive- res de campanha		Sec. de viveiros de reserva Vit. a 4 animais	Viatura de carne verde a 2 ou 3 animais	Viaturas de serviços diversos			Total das Viaturas
	1. ^a Sec. Viatura a 4 animais	2. ^a Sec. Viatura a 4 animais			de 2 ou 3 ani- maes	de 4 animais	de 6 animais	
R. I.	12	12	9	4	2	1	—	40
R. C. D.	20	20	7	2	—	2	—	51
G. A. M. 75	10	10	6	1	1	3	—	31
G. A. Do. 75 Mx.	10	10	6	1	1	3	—	31
G. A. 105. M.	10	10	6	1	1	3	—	31
Cia. Sap. Min.	1	1	1	—	—	—	—	3
Cia. Sap. Ptn.	1	1	1	—	—	—	—	3
B. I. M.	16	16	6	1	—	2	—	41
R. C. I.	20	20	7	2	—	2	—	51
G. A. 75 Cav.	7	7	4	1	1	3	—	23

TONELAGEM DO REABASTECIMENTO

Annexo II

Uma D. I. $\left\{ \begin{array}{l} 18.000 \text{ homens} \\ 11.000 \text{ animaes} \end{array} \right.$

Viveres do dia		Viveres de reserva	
Rações	Tons.	Rações	Tons.
Viveres	32.480	Viveres	23.400
Forragens	60.060	Forragens	23.315
Total	92.540	Total	46.775

93 Tons.
1 Sec. do Cb. AD.
+ 100 Tons.

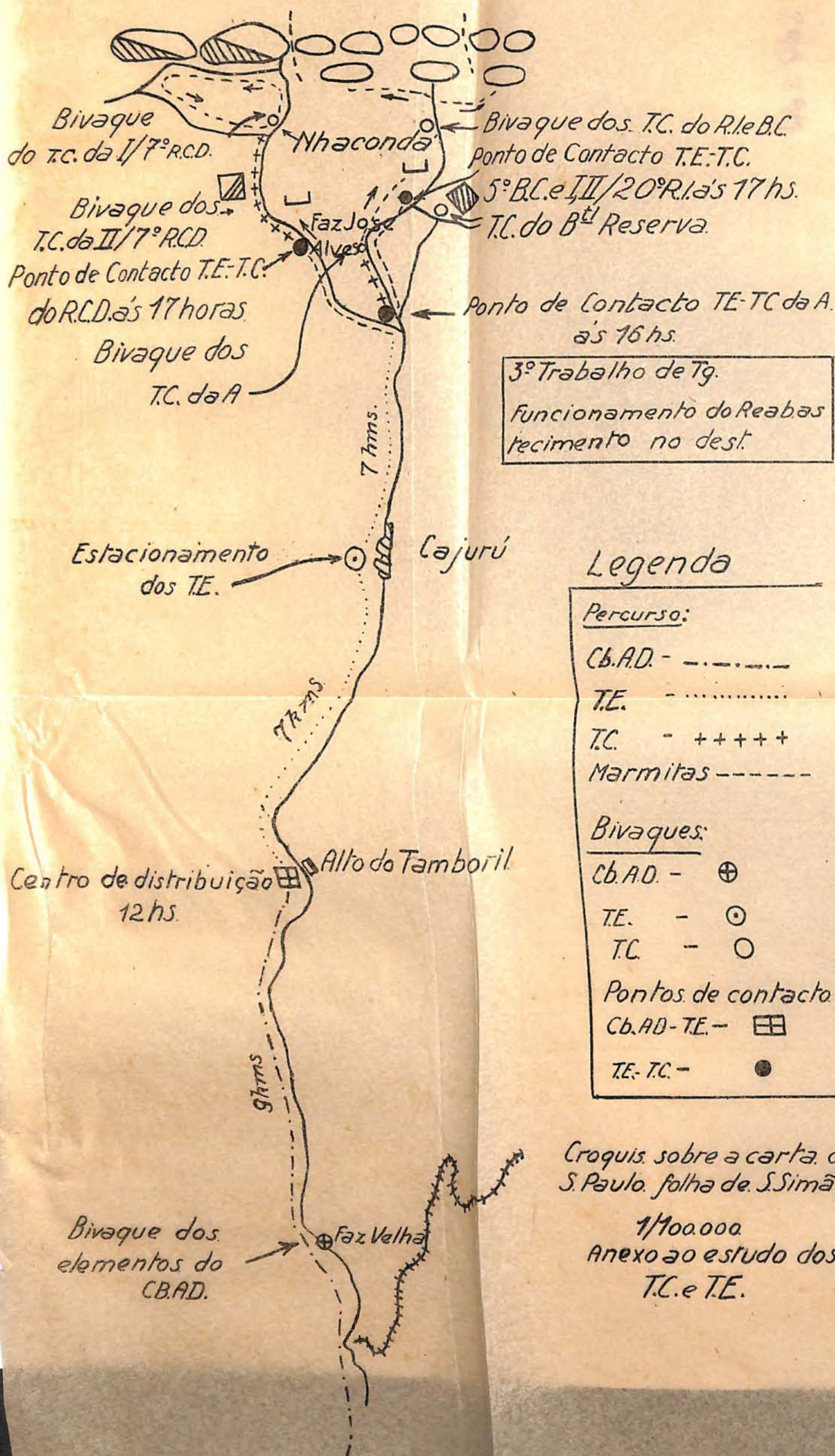
47 Tons.
1 Sec. res. Cb. AD.
+ 50 tons.

Uma D. C. $\left\{ \begin{array}{l} 10.000 \text{ homens} \\ 13.000 \text{ animaes} \end{array} \right.$

Viveres do dia		Viveres de reserva	
Rações	Tons.	Rações	Tons.
Viveres	16.500	Viveres	13.000
Forragens	55.250	Forragens	27.635
Total	71.750	Total	40.635

72 Tons.
1 Sec. Cb. AD.
+ 75 Tons.

41 Tons.
1 Sec. res. Cb. AD.
+ 44 Tons.



Legenda

Percursos:

Cb.A.D. - - - - -

T.E. - - - - -

T.C. - + + + + +

Marmitas - - - - -

Bivagues:

Cb.A.D. - ⊕

T.E. - ⊙

T.C. - ○

Pontos de contacto

Cb.A.D.-T.E. - ⊞

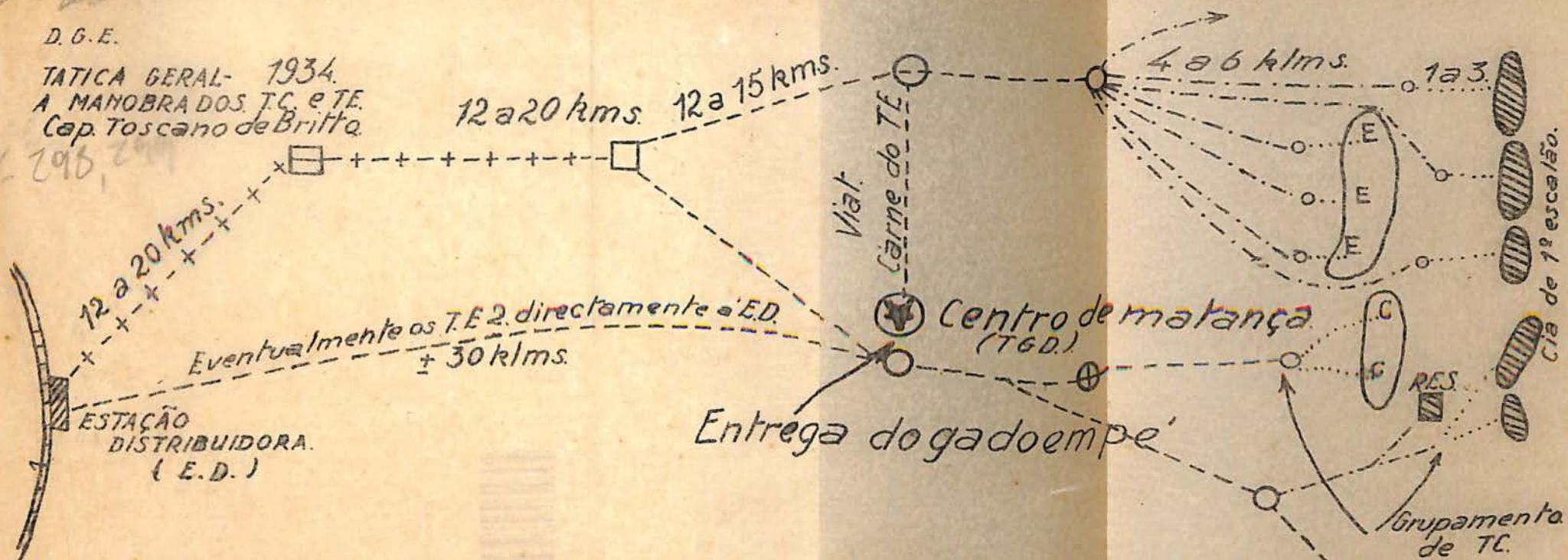
T.E.-T.C. - ●

Croquis sobre a carta de S. Paulo. folha de S. Simão

1/100.000
Anexo ao estudo dos T.C. e T.E.

D.G.E.

TATICA GERAL- 1934.
A MANOBRAS DOS T.C. e T.E.
Cap. Toscano de Brito



Legenda:

- ☐ - Bivague do C.B.A.D.
- ☒ - Contacto TE2. Cb.A.D. (C.D.).
- - Bivague dos T.E.
- ⊕ - Contacto T.C.-T.E. (distribuição).
- - Bivague dos T.C.

PERCURSOS:

- +--+--+: Cb.A.D.
- : T.E.
-: T.C.
-: Marmitas.

Funcionamento do reabastecimento dentro da DI.

Para outras unidades.

Annexo III

Escalonamento dos Viveres e forragens na D. I.

ELEMENTOS	Viveres do dia	Viveres de reserva	Forragens do dia	Forragens de reserva
Com os soldados e no T. C.	—	2 dias	—	2 dias
No T. E.	2 dias	1 dia	2 dias	1 dia
No Cb. AD.	2 dias	1 dia	2 dias	1 dia
Total	4 dias	4 dias	4 dias	4 dias

Escalonamento da carne

ELEMENTOS	Carne em conserva	Carne secca	Gado em pé
Com os soldados no T. C.	2 dias	—	—
No T. E.	1 dia	2 dias	—
No Cb. AD.	1 dia	2 dias	—
T. G. D.	—	—	2 dias (136 bois).
Total	4 dias	4 dias	2 dias

Peso das rações diárias

ESPECIES DE RAÇÕES			PESO
Viveres	Normal		1,500 grs. (bruto 1,600 grs.)
	de reserva		0,830 grs. (bruto 1.000 k.)
Forragens	Normal		4,000 k. (bruto 4,200 grs.)
	De reserva		2,000 k. (bruto 2,100 grs.)
Agua	Por homem		3 litros
	Por animal		30 litros
Combustíveis	Empregando a Cozinha rodante	110 arranchados + de 110 arranchados.	Lenha 90 k. Carvão 56 k. (ração colectiva)
			Lenha 0,600 gs. Carvão 0,360gs. (ração individual)
	Sem Cozinha		Lenha 0,850gs. Carvão 0,350gr. (ração individual)

Rendimento da matança do gado

	Peso médio	Rendimento	Numero de rações
Uma rez	250 ks.	50 % do peso	300 de 0,400 grs.

T H E M A

Carta: Folha de São Simão 1/100.000

SITUAÇÃO GERAL — um exército verde do S. conseguiu com grande dificuldades e serias perdas, tomar pé ao N. do rio PARDO. Na tarde do dia D—1, occupava, em contacto com o inimigo, a frente Garupa a O. de ANT.º JUSTINO — planalto ao S. de CHAVE-FRADINHOS — Alturas de ANTONIO RICARDO-BAIRRO FURQUIM.

Elementos da 7.ª D. I. verde — 7.º R. C. D. e 5.º B. C., constituídos em Dest. Cel. Z — cobrem, além do rio ARARAQUARA, por conta do Exército o flanco L. do partido e em ligação estreita com elle.

No dia D, as 10 horas, o inimigo inicia em toda frente, maximé no planalto ao S. de CHAVE-FRADINHOS, violenta preparação de artilharia.

As 12 horas, a aviação verde registra, em Est. CONGONHAL, importantes reunião de Inf. — Art., que se põe em movimento em direcção de DOLORES.

Às 14 horas, o Gen. cmt. da 7.ª D. I. recebe, em seu P. C., em SANTA-ROSA, ordem para, com toda a sua divisão, tomar á sua conta a cobertura do flanco L. do Ex. verde.

SITUAÇÃO PARTICULAR—A 7.ª D. I. que prosseguia em seus desembarques em SANTA ROSA, dispunha, nessa região, ás 14 horas do dia D. desembarcados na vespera, dos seguintes elementos:

— 20 R. I. — estacionado em Faz. AMALIA

— 7.º R. A. D. > na ravina 1,200ms. a N.O. de Col. ALGODOAL

O reabastecimento dessas unidades em viveres, forragem e carne verde se faz, na Est. SANTA ROSA, directamente pelos T. C. diariamente as 14 horas.

Os seus T. E. bivacam, cheios, na região da bifurcação 1,300 ms. a N. E. de SANTA ROSA.

Em cumprimento a ordem do Ex., o Gen. Cmt. da 7.ª D. I. determinou, ás 15 horas, que o Gen. X. Cmt. da Infantaria divisionaria, assumisse, até a chegada do resto da divisão, o commando da cobertura do flanco do Exército, dispondo para isso:

a) — dos elementos que já lá estão e mais dos que estacionam na região de SANTA ROSA;

b) — diariamente, as 12 horas a partir do dia D. de 1 dia de viveres, forragem e carne verde, no ALTO DO TAMBORIL (6520 ms. S. O. de CAJURU.

TRABALHO PEDIDO

1.º — Calco do dispositivo — até aos escalões Cia., Esq. e menores, se necessario — na tarde do dia D—1, do Dest. do Cel. Z;

2.º — Ordens dadas pelo Gen. X. menos a da installação defensiva, que será substituida por um calco.

UM 1.º PERIODO DE INSTRUÇÃO NUMA C. M. B. (1)

Cap. MANUEL JOAQUIM GUEDES

Passemos agora a verificar os seguintes assumptos:

- A) Organização da Cia.
- B) Distribuição dos serviços
- C) Divisão e funcionamento da instrução
- D) Programma pormenorizado
- E) Exemplo de um quadro de trabalho semanal no periodo preliminar e no periodo propriamente dito.
- F) Confecção de algumas fichas.

A) Organização da Cia.

Para o periodo de recrutas a Cia. se constituirá em 3 secções de recrutas e 1 secção de praças promptas, destinada ás demonstrações.

Cada Secção além dos seus elementos regulamentares de commando contará com dois soldados antigos da Secção Extra (não especialistas) para monitores.

As Secções se organizarão de accordo com o publicado no quadro de effectivos fixado para o anno de instrução.

Neste anno foram constituídas cada uma de 24 homens, sendo 3 a mais do effectivo, previstas as baixas occorrentes.

As Secções tinham depositos proprios, baias para os animaes e todo o armamento, equipamento completo, arreiamento e outros materiaes como (material de limpeza, material para os diversos ramos de instrução etc.) n.º 15 do art. 111 do R. I. S. G. Este material constava de um caderno carga e estava sob a immediata responsabilidade dos Cmts. de Secções (n.º 16 do art. 111 e n.º 1 do art. 112 tudo do R. I. S. G.).

B) Distribuição dos serviços

A) Ao Sargento cumpre: (art. 115 do R. I. S. G.)

- 1.º) Escripturar: a Escala do Serviço, Mappa do effectivo do pessoal e as Cadernetas militares e de tiro das praças da Secção Extra.
- 2.º) Conduzir a instrução pratica de tiro na Secção Extra, de accordo com o fixado no quadro de trabalho semanal.
- 3.º) Ler ou assistir diariamente a leitura do Boletim e aditamentos, para toda a Cia., 10 minutos antes do inicio da instrução.
- 4.º) Ter em dia o archivo da Cia.
- 5.º) Por em fôrma 15 minutos antes do momento em que deverão avançar, as praças de serviço, fazendo a chamada das mesmas e revisando-lhes os uniformes, equipamento (de guarnição) e armamento.
- 6.º) Apresentar ao Cap. logo após o 1.º tempo de instrução o expediente diario.

(1) Continuação do n. 256.

7.º) Fiscalisar toda a escripturação da Cia., sendo o responsavel perante o Cap. por toda as irregularidades verificadas.

B) As cadernetas de tiro serão escripturadas pelo 3.º Sargento auxiliar de cada Secção, no dia do exercicio, assignadas pelos Cmts. respectivos e entregues ao Cap., que lhes visará as folhas de tiro e as passando ao sargento encarregado da escripturação da Cia., afim de que altere em função os mappas e livro respectivos, retornando-as ao Cap., que dará o competente destino.

A escripturação geral ficará a cargo do Sargento....., que apresentará ao Cap. por intermedio do Sargenteante no dia seguinte aos exercicios, os mappas e livro com as alterações occorridas já registradas.

C) O livro de alterações ficará a cargo do cabo....., que por intermedio do sargenteante o apresentará diariamente ao Cap. com as alterações da vespera já passadas para elle.

No dia 1.º de cada mez, este encarregado entregará ao 1.º sargento a relação de alterações para a S. O. do Btl.

D) O protocolo de entrada e sahida de documentos ficará a cargo do cabo....., que o apresentará diariamente ao Sargenteante da Cia.

E) O sargento de dia á Cia., além das obrigações constantes dos arts. 146 e 147 do R. I. S. G., deverá confeccionar o pernoite e encher as baixas a E. R. e H. C. E., fóra das horas de expediente. Registrará em um caderno existente na Cia. as partes de serviço.

F) O registro de partes e informações serão feitos pelo cabo.....

G) O 3.º Sargento furriel e cabo furriel terão as obrigações constantes dos arts. 117 e 120 tudo do R. I. S. G.

H) O cabo do Material Bellico deverá ter em dia o mappa de registro do armamento da Cia.

I) O cabo armeiro tem suas obrigações prescriptas no art. 34 do R. E. E. Mtrs. Ps.

J) O cabo conductor se incumbirá da conservação e limpeza das baias da Cia., dos animaes e arreiamento das viaturas da Secção Extra. Prestará diariamente informações ao Cap.

K) O cabo ferrador e ajudante de ferrador terão suas obrigações prescriptas no regulamento respectivo — e Av. n.º 113 de 21-9-933 publicado no B. E. n.º 11 de 25-2-933. paginas 407 e 408.

L) O soldado auxiliar terá como obrigação, além das consignadas no art. 124 do R. I. S. G. mais a conservação e a limpeza da sala dos officiaes, sala do sargenteante e bem assim a conservação do quadro de effectivo da Cia. — (Ver modelo logo abaixo).

M) O cabo do rancho e os soldados cozinheiros exercerão suas funções na cozinha do Regimento, em condições de se exercitarem na confecção da alimentação da Cia. em campanha.

(Continúa)

2º RI

II Btl.

C.M.

Quadro do efectivo
(Pessoal - Animas-Viaturas)
Dimensões (0,80x0,40 como exemplo)

1ª Secção	2ª Secção	3ª Secção	4ª Secção	Secção Extra	Animas	Viaturas
<p>1ª Ten X</p> <p>1ª Peça 2ª Peça</p> <p>1º Cabo</p> <p>1º Carqueiros</p> <p>2º Carqueiros</p> <p>3º Carqueiros</p> <p>Cabo condutor ou chefe de grupo</p> <p>5º Sarg. Auxiliar</p> <p>Excidentes da Secção</p> <p>H.C.E. _</p> <p>E.R. (4) _</p> <p>E.Vet. _</p> <p>Adidos _</p> <p>Empregados Int. (2) _</p> <p>Viaturas em concerto</p>	<p>1ª Ten Y</p> <p>3ª Peça 4ª Peça</p> <p>Como na 1ª Secção</p>	<p>1ª Ten Z</p> <p>5ª Peça 6ª Peça</p> <p>Como na 1ª Secção</p>	<p>1ª Ten M</p> <p>7ª Peça 8ª Peça</p> <p>Como na 1ª Secção</p>	<p>1º Sarg. cmt.</p> <p>Grupo Comandante - Grupo de T.C.</p> <p>Cabo Furriel (6) 3º Sarg. Furriel (7)</p> <p>Especialistas</p> <p>Sarg. Ods. (2)</p> <p>Telegrafista</p> <p>Artífices</p> <p>Carpinteiros</p> <p>Correioiros</p> <p>Armeiros</p> <p>Especialistas</p> <p>Condutores</p> <p>Ferradores</p> <p>Ordenanças</p> <p>(1)</p>	<p>1ª Secção 2ª Secção</p> <p>18 25 (2) 113 118 (2)</p> <p>20 12 75 32</p> <p>13 50 128 41</p> <p>102 Excedente 11</p> <p>3ª Secção 4ª Secção</p> <p>Como na 1ª Como na 1ª</p> <p>Secção Extra</p> <p>Viat. Cosinha - Bag. Archivo</p> <p>Viat. V. Porragem - Viat. Mun.</p> <p>(13)</p>	<p>Nº 2.....</p> <p>Calcular cada viatura com os respectivos conductores responsáveis</p>

(1) - O efectivo variando com o fixado anualmente

(2) - Nº do muiar no R. I

(3) - Podem entretanto serem utilizados em qualquer das viaturas.

(4) - Enfermeiro Regimental

(5) - Fixa data do efectivo orçamentario

(6) - Chefe dos agentes de transmissão

(7) - Ligação eventual com o cmt. do Btl

Os aggregados terão no cartão com o seu numero uma faixa de côr verde (p. ex.) indicando a sua situação na Cia. Para a collocação

SEÇÃO DE CAVALLARIA

Redactor: F. D. FERREIRA PORTUGAL

Auxiliar: DANTAS PIMENTEL

Calme, en avant, droît

Cap. DANTAS PIMENTEL

Em janeiro deste anno entreguei á Redacção da "Cavallaria", umas notas em que expunha um ponto de vista sobre o programma do Curso C.

Na sua fulgurante resposta ás referidas notas, o illustre Cap. Oswaldo Borba, Instructor Chefe, diz-me nada ter podido aproveitar, pois o programma que adopta desde a abertura das aulas, em Abril, é em linha geraes igual ao meu.

Ter tido idéas parecidas com o Instructor Chefe me enche de jubilo.

O Cap. Oswaldo Borba é um dos expoentes da minha turma e embora estejamos sempre separados, pois só servi aqui no Rio o periodo a que fez referencia na sua magistral resposta, 8 mezes, em 1921, e elle tenha estado permanentemente na Capital Federal, acompanho com grande amizade a sua brilhante trajetória.

Infelizmente, vou discordar do Instructor Chefe em alguns pontos...

a) — Parece-me que distribuindo aos alumnos do 1.º anno dois cavallos de iniciação, não se pôde "a priori" classificar-os como:

— futuro cavallo de picadeiro;

— futuro cavallo d'armas.

Seria lamentavel trabalhar um cavallo durante um anno visando a especialidade — picadeiro — e depois descobrir nelle qualidades para ganhar bons premios "nas bellas pistas do Derby"!

A analyse do "exterior" como base para uma tão prematura escolha de categoria é, na pratica, diariamente desmentida.

Será que para remediar tal difficuldade os alumnos trocam de cavallo durante o anno? Não creio, que o Instructor Chefe permitta tal deslise na execução do programma que traçou.

Um cavallo de iniciação, tão verde quanto possivel, sabendo apenas cabrestear, é indispensavel. Aprenderia o alumno, então, a domar sem corcovos, sem barras quebradas, sem caracteres pervertidos. Já, dois cavallos de iniciação é monotono e só no 2.º anno iniciar o estudo do adestramento, é reduzir muito o tempo destinado a essa parte. Si o alumno possuir fortes conhecimentos anteriores, poderá no fim do anno abordar "algumas figuras de alta escola", em caso contrario, difficilmente chegará até lá.

Não vejo prejuizo em que alumno do 1.º anno tome parte no C. Cavallo D'armas, nem mesmo ha o perigo de se tornar vaidoso, pois difficilmente poderia vencer em adestramento aos instructores. Esse perigo existe, sim, quando tomando parte em percurso de obstaculos vence brilhantemente com cavallo trabalhado fóra do Curso C.

Que impressão formidavel causaria o Curso de Equitação, si todos os annos apresentasse verdadeiras turmas de crakes estreiantes, iniciados e montados pelos proprios cavalgantes no periodo anterior e não "heranças" muito conhecidas, algumas já fallidas e outras que decahindo na posse do novo dono, abalam prestigios ainda pouco firmes. Então com respeito aos instructores seria completamente vedado herdar cavallos preparados por outros; cavallo, de instructor que abandonasse o Curso, passaria automaticamente á categoria de "carrière geral".

Não concorda o notavel artista, que é o Cap. Borba, com a distribuição por sorteio dos cavallos, prefere harmonisar temperamentos...

— Que simples amadores, como eu, escolham temperamentos, vámas um futuro tecnico não se pode dar a essas fraquezas. — Elle deve ficar em condições de triumphar de todas as difficuldades. Creio, portanto, que o objectivo devia ser justamente o opposto.

O official com o Curso C., num R. C. é o recurso competente para o qual recorrerão todos os seus camaradas que se virem a braços com um caso rebelde a decifrar. Si de accordo com o seu feitio, elle no Curso só trabalhou cavallos suaves, difficilmente se sahirá bem na lucta que se lhe offerece. Si possuir bastante solidez, perderá a cabeça e quererá vencer pela força e nesse momento... o seu prestigio apaga-se.

De uma auto-critica severissima, eu não quiz acceitar o convite, que por mais de uma vez o Cmt. Batisteli, organizador do Curso C., me fez para vir frequental-o; achava eu, que muito pesado, não poderia servir, como instructor, de padrão, no salto. Reservei-me o papel de incentivador de candidatos capazes de frequentar o Curso. Não lanço, pois a duvida sobre o que está certo, mas não bato palmas aquillo que me parece menos verdadeiro.

A arte é a expressão de uma idéa, de uma impressão fóra da necessidade da vida pratica. Por isso na arte o que principalmente interessa é a fôrma e por fôrma devemos entender todo o fantasma concebido pelo artista e a que elle deu vida, correspondendo ao seu ideal. Pode-se querer imitar seguindo methodos differentes, mas a fôrma artistica é sagrada. O Curso C. para se impor como detentor da verdade equestre não pode transigir com deturpações.

Desejando abordar uma determinada figura classica, o cavalleiro tem que se conformar com a fôrma que o seu creador lhe deu e nunca modifical-a, seja para facilitar ou por qualquer outro motivo. Não tendo

um modelo vivo, a descripção dos textos e uma gravura reputada exacta serão os guias no ideal a procurar.

Exs.:— O trote hespanhol Não ha sophismas que sirvam para convencer que um cavallo, todo contracções e que vae aos manotaços, com as diagonaes disassociadas, executa a brilhante figura da qual Mr. Pon-thieu montando Marco Aurelio nos dá um magistral exemplo.

Mudanças de pé ao galope. — Desde que os dois posteriores pousem juntos no solo, desde que a andadura se extinga e a nova partida se faça para cima, poderemos chamar de mudanças “á lá macaca”, si quizermos, mas nunca mudanças de pé — estas têm que ser feitas no ar!

De accordo com a doutrina adoptada no Curso C., a alta escola deve ser feita no “rassembler” e ainda de accordo com o livro do Gen. L'Hotte o “rassembler” é posterior ao “ramener”. Como conceber cavallos numa demonstração publica de alta escola que levantavam o chanfro á menor acção do freio, que galopavam quando deviam trotar, que ao ser pedido o ladeio ao trote preferiam cahir no “passage”?

O meu illustrado camarada Cap. Borba é um cavalleiro muito fino e muito competente para não synthetisar tudo isso em tres palavras: falta de IMPULSÃO.

Não se diga eu desejo impossiveis, bastava que a maioria dos cavallos se approximasse do estado de adestramento em que se apresentava o cavallo da testa.

Será conservando intacta a tradição e intransigente na applicação dos principios que prega, que o Curso C. se imporá

Os “resultados palpaveis” que reclamo, se referem á qualidade e não á quantidade. E esta mesmo ainda é discutivel. Tomemos o Campeonato C. D'armas de 1934:

1.º lugar — um brilhante alumno do 1.º anno do Curso C., cujo cavallo trabalhado no Paraná, no anno anterior já fôra considerado rival do vencedor;

2.º lugar — dois brilhantes officiaes, empataram, um pertencia á E. M. e o outro não possui o Curso C.;

3.º lugar — um 2.º ten. convocado, do IV/3.º R. C. D. — P. Alegre;

4.º lugar — um aspirante do 3.º R. C. D. — Jaguarão;

5.º lugar — um ten. do IV/3.º R. C. D.

Do Curso C., nenhum instructor ou alumno do 2.º anno foi concur-rente!!

* * *

Lamento ter do trabalho “brilhante” uma concepção differente do abalisado tecnico que é o Instructor Chefe. Para ver um trabalho com brilho, não é preciso estar deante de um desses genios, que apparecem para illuminar um seculo, basta que no trabalho haja — Impulsão.

Creio, que estou em boa companhia, pois no livro do Gen. L'Hotte, que serve de Alcorão ao Curso C., leio com referencia á falta de impulsão o seguinte:

"La marche perd alors sa franchise pour devenir incertaine, douteuse, trainante. Les mouvements n'ont plus ni élasticité, ni éclat. Toute exécution devient molle et tardive..... Pour tout dire en deux mots: plus d'impulsion, plus de cheval." (Questions Equestres, pag. 24).

* * *

Desejava saber como o meu presado camarada Cap. Borba julga que um cavallo está melhor adestrado do que outro e si tambem acha irritante e desprimoroso o parallelismo que o Gen. L'Hotte faz entre os cavallos dos diversos mestres, que cita no seu interessante livro "Souvenirs".

Este anno terei o prazer de bater palmas ao Curso C., pois acredito que veremos todos os instructores e alumnos do 2.º anno brilharem no Campeonato Nacional. São os votos sinceros que faço.

Em logar de:

Curso C., ao galope!

Eu digo: Curso C., — IMPULSÃO! IMPULSÃO! a andadura é cousa secundaria.

Em vez de achar que rememorar o passado é fraqueza, acreditemos que elle é a fonte de ensinamentos, é "A mestra da vida", pois o presente está envolto nas paixões e o futuro é a incognita desesperadora.

Serão postos á venda na A DEFESA NACIONAL este mez:

MANUAL DO SAPADOR

Major BENJAMIN GALHARDO

Preço: 15\$000

Questões de Concurso á E. E. M.

Cap. PEDRO GERALDO — Preço: 1\$500

Instrucção de quadros

2.º Ten. UMBERTO PEREGRINO

O leitor deve estar surprehendido com o titulo que encima estas linhas, e apprehensivo com os disparates que ellas possam exprimir. Entretanto, é só impressão...

Bem sei que com isso eu me arrisco, afoitamente, ao mais feio e commovedor desastre que pode succeder a quem escreve: o desastre commovedor e feio de espantar os leitores. A minha grande modestia não consente que eu utilise qualquer phrase solemne e grave tomada ao conselheiro Accacio, com o proposito de impressionar os incautos que, estou certo, abanariam a cabeça num superior e silencioso applauso, dizendo que eu prometto...

Mas, despreso a gloria e entro no assumpto.

* * *

Instrucção de Quadros. Nem sempre existe nos corpos, e, raramente se orienta no seu verdadeiro sentido. Sim, porque Instrucção dos Quadros não ha de se pisar e repisar, todo o anno, aquellas mesmas noções que nós estamos cansadissimos de saber. Ella não se destina e ensinar, mas, a aperfeiçoar. Mal conduzida é até perigosa. Engendra o opposto do que devia, isto é, leva os quadros ao tedio, ao desanimo, abafa-lhes o gosto do estudo profissional. Si eu não temesse dar um cunho dramatico a estas linhas pintaria a historia ainda mais impressionante e seria mais verdadeiro.

* * *

Mais. Reclamo para a instrucção de Quadros que, além de bem conduzida, seja mais ampla, mais arejada, mais elevada. Explico-me: que se a movimento, tambem, em certo grau no sentido da cultura geral dos quadros. Não nego que seja um campeão exaltado da cultura geral, como indispensavel ao coroamento e aperfeiçoamento de qualquer formação technico-profissional. Claro que não se vae querer o official "sabe tudo", pois nesses ninguem acredita, e quando algum apparece, pensa-se logo que seria um genio ou um charlatão. Mas é bom não perder de vista o exemplo de Lyautey cujo assumpto, quando conversava com Marcel Proust, era Lamartine... E' bem verdade que estas audacias não lhe ficavam de graça. Pelo menos, é o que se sente nesta queixa de quando elle era, ainda, tenente: "um soldado dos nossos dias não tem direito de ir além do horisonte que lhe traçam a theoria e a profissão. Riem-lhe

na cara si, apeando do cavallo sente alguma alegria no convívio dos livros. O menos que fazem é consideral-o maluco...". Não esqueço, também da observação aguda e subtil que se pendurou um dia dos seus labios ironicos: "na cavallaria é de extremo bom tom conhecer-se melhor os cavallos que os homens".

Não, não adeante azedarem-se com o general. Elle sabia o que estava dizendo.

* * *

Digo por fim que não é phantasia nada do que venho considerando sobre a Instrucção dos Quadros. E o provo. Provo-o com um exemplo pratico que conheço e que me suggeriu estas linhas: Servi em um Regimento em que os officiaes assistiam, com prazer, aos exercicios na carta, aprendiam tactica e chegaram ao milagre de esquecer passadas e esqueciveis torturas... Os officiaes eram designados para fazer duas conferencias por semana para um auditorio de officiaes, sub-tenentes e sargentos, sobre assumptos technicos, historia militar e cultura geral, á escolha do commando. Cada conferencia era commentada por um official designado no momento. No final da sessão falava o Cmt. que fazia as observações necessarias. Quando contradictava uma idéa era com outra idéa. Empréstava, com antecedencia, os livros que deveriam ser consultados para a preparação dos themas, notadamente, quando se tratavam de assumptos mais delicados ou menos vulgarizados.

Emfim, eu poderia dizer que trabalhavamos n'um ambiente academico, si o termo não pudesse ser mal interpretado... E não obstante, a instrucção da tropa era intensa e apurada e a disciplina rigorosa.

Não são incompativeis estas duas causas. Ellas se completam, isso sim.

"Si os bons fossem melhores, não haveria tantos maus."
E' necessario desmascarar os maus e velhacos para que não abusem da boa fé e fraqueza dos bons."

"Ha pessoas que não sabem perder o tempo sozinhas; são o flagello das pessoas occupadas."

DE BONALD

SECCÃO DE ARTILHARIA

Redactor: I. J. VERISSIMO
Auxiliar: PEDRO GERALDO

Possibilidades de tiro ⁽¹⁾

Cap. A. C. DA SILVA MURICY

Caso dos materiaes que atiram com grande numero de cargas.

A procura da posição de Bia. para os materiaes que utilizam um grande numero de cargas para uma dada munição, envolve duas considerações differentes:

1) — Poder atirar sobre o limite curto com a carga mais fraca possível.

2) — Poder atirar sobre todos os pontos da zona de acção situados além do limite curto.

1) — Poder atirar sobre o limite curto:

Para os materiaes que utilizam mais de uma carga, (105 curto, 155 C., por exemplo) este problema é mais simples de resolver que para os que atiram com uma carga unica.

Em principio, afim de evitar a fadiga e a usura do material, convem empregar a carga mais fraca entre as que realizam o alcance desejado.

Entretanto, o terreno, o angulo de queda, ou outra consideração, podem impor o emprego de uma carga mais forte.

Isto posto, convem não esquecer que não se deve empregar uma carga proximo do limite do seu alcance. As condições atmosphericas podendo actuar em sentido contrario ao tiro e a necessidade da existencia de uma margem para a regulação fazem com que dos alcances theoricos maximos, consignados nas tabellas, devam ser subtrahidos 1/10 desse alcance (condições atmosphericas) e 300 a 440 m (regulação) para que se obtenham os limites praticos de utilização das differentes cargas.

Assim, para o nosso 105 C. Krupp., devemos considerar para limites de emprego:

Para a carga 1, o alcance	1.950 m.
> > > 2, > >	2.430 m.
> > > 3, > >	3.140 m.
> > > 4, > >	4.030 m.

(1) Continuação do n. 255.

Para a carga 5 não ha necessidade de calcular o limite pratico de utilização, para solução do problema de procura de posição.

A posição de bateria deverá então satisfazer a condição

$$s \leq T + S - t - \alpha \quad \alpha = 120 \text{ (condição 1)}$$

em que α é tomado para a carga mais fraca, e para o alcance limite.

2) — Poder atirar sobre todos os pontos da zona de acção;

A' primeira vista parece que si se pode atirar sobre o limite curto, poder-se-á sempre atirar sobre todos os pontos da zona de acção, até o limite maximo do alcance.

Entretanto pode acontecer que uma trajetória PA (fig.....) correspondente ao alcance maximo de uma determinada carga, seja mais curta que a trajetória minima PB correspondente á carga immediatamente mais forte.

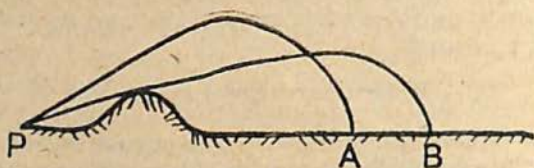


Fig. 9

Haverá, então, uma zona AB que não pode ser batida.

E' necessario, portanto, que a massa permita bater com uma determinada carga a partir do alcance maximo da carga imediatamente inferior;

Vejamos o problema para a granada do 105 C:

— E' preciso que se possa atirar

com a carga 2, a partir de 1.950 m. ($T = 318''$)

> > > 3, > > 2.430 m. ($T = 301''$)

> > > 4, > > 3.140 m. ($T = 294''$)

> > > 5, > > 4.030 m. ($T = 288''$)

A posição de bateria deverá então satisfazer a condição:

$$s \leq T' + S' - t' - \alpha'$$

Em que para uma determinada carga:

T' é o angulo de tiro correspondente ao alcance minimo empregado

S' é o menor valor que pode ter o sitio

t' é o angulo de tiro da massa

α é correspondente ao alcance maximo da carga mais fraca.

* * *

E' claro que o menor valor do segundo membro corresponde:

— ao menor valor de T' (288''')

— ao maior valor de t' (tomado para a carga mais fraca, 2)

— ao menor valor algebrico do sitio.

O valor de α é constante e corresponde ao alcance 1.950 m. (praticamente 2.000) ou seja

$$\alpha = 120'''$$

A condição ficará então sob o seguinte aspecto

$$s \leq S' + 168 - t \text{ (condição, 2)}$$

Concluindo

A posição de bateria para o 150 deverá satisfazer ao mesmo tempo as condições 1 e 2;

c) POSSIBILIDADE DE TIRO

A possibilidade de tiro de uma bateria, dentro da zona de acção que lhe foi attribuida, fica caracterizada com a determinação das zonas em espaço morto, para essa bateria.

"Para uma bateria em posição, o espaço morto, relativo a uma munição dada, é a parte do terreno que não pode ser batida pela bateria, com essa munição". (R. T. A.)

Já vimos que as zonas em espaço morto podem ser resultantes de duas causas:

1.º) — haver a bateria occupado posição atrás de uma massa cobridora

2.º) — existir na zona de acção obstaculos que cream novos espaços mortos.

1.º) — ESPAÇO MORTO DEVIDO A' MASSA — CURVA DE ALCANCE MINIMO

A zona em espaço morto, resultante da primeira causa é limitada pelo vertice da massa, de um lado, e do outro pela linha que une os pontos de alcance minimo nas diversas direcções, linha que se denomina "CURVA DE ALCANCE MINIMO".

O alcance minimo, numa direcção dada, é a distancia que vae da peça ao ponto de incidencia da trajectoria razante á crista ou trajectoria minima dessa direcção

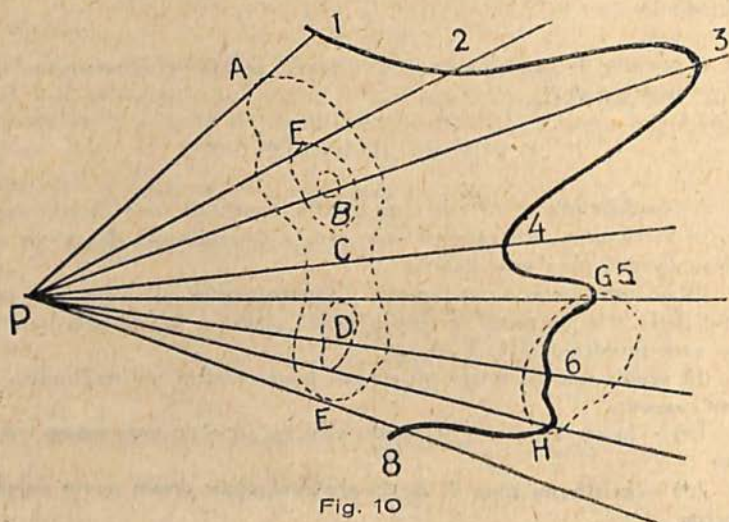
E' evidente que para traçar a curva de alcance minimo de uma bateria, basta determinar os pontos de alcance minimo de varias direcções e depois unil-os com certa habilidade.

O problema do traçado da curva de alcance minimo comprehende, então, as tres partes seguintes:

- I — Escolha das direcções
- II — Determinação dos pontos de alcance minimo
- III — Traçado da curva.

1) — Escolha das direcções

Como não se pode fazer a determinação dos pontos de alcance minimo, num numero infinito de direcções, escolhe-se as que determinam os pontos criticos da curva, (1, 2, 3,..... da fig. 10).



A escolha das direcções inicia-se com a procura das que determinam os maxima e minima da curva, devidos á configuração da massa.

E' logico que a proporção que a massa se eleva, o ponto de alcance minimo se afasta e que, a proporção que ella se abaixa, o ponto de alcance minimo se approxima. As partes mais elevadas e as mais baixas, da massa, determinam então, as primeiras direcções a traçar.

Assim, na fig. 10, essas direcções a partir de P, passam por A, B, C, D e E;

Ainda na propria massa, uma mudança forte de declive, determina uma inflexão na curva, pelo que deve-se completar o numero de direcções com a escolha de outras que passem pelos pontos de forte mudança de declive como é o caso do ponto F, da fig. 10.

Determinadas essas direcções, poderá haver necessidade de traçar outras, o que será verificado no decorrer do trabalho.

Assim, si o terreno além da massa possui obstaculos que sejam atingidos pelas trajetórias minimas, haverá nessas direcções uma diminuição no alcance minimo, ocasionada pela incidencia dessas trajetórias sobre os obstaculos.

Será necessario, traçar as direcções que caracterizam a fôrma da curva, nesses pontos (caso dos pontos G e H da fig. 10).

II — Determinação dos pontos de alcance minimo.

A determinação do ponto de alcance minimo é baseada na consideração de ser o ponto de incidencia um ponto da trajetória que tem a mesma cota que o terreno.

A trajetória minima, numa direcção dada é a que corresponde a vertice da crista, isto é

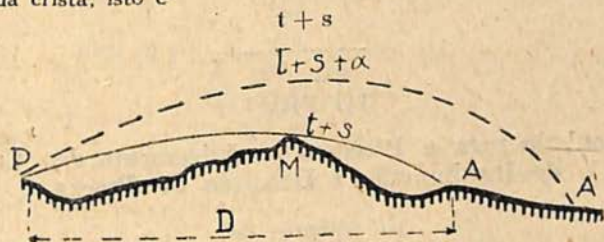


Fig. 11

Entretanto, como a possibilidade de tiro deve ser determinada para um dia qualquer, devemos determinar o ponto de incidencia da trajetória normal $t + s + \alpha$ (fig. 11), que corresponde ao ponto A' (ponto

de incidencia da trajectory $t + s$ quando todas as condições atmosphericas actuam no sentido do tiro).

O valor de α é 6G para a distancia D, correspondente a $t + s$.

Si fizermos o calculo tambem para a trajectory $t + s$ teremos o terreno além da crista dividido em 3 partes: (fig. 12).

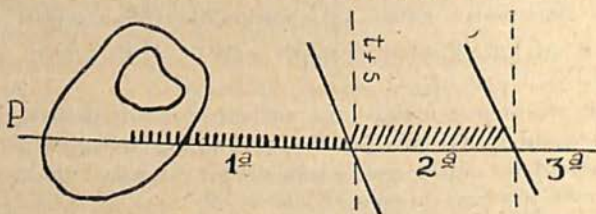


Fig. 12

- a 1.ª curta, que não pode ser batida em dia algum.
- a 2.ª media, que poderá ser batida conforme as condições do momento.
- a 3.ª longa, que poderá ser batida em qualquer dia.

(Continúa)

Eleição da nova Directoria

Realizar-se-á a 16 do corrente a eleição da nova Directoria da "A Defesa Nacional" conforme publicamos no numero passado.

Da lista dos socios já publicada por lamentavel descuido foram omittidos os nomes: Everaldo Alceste da Fonseca e Lauro Rebello Ferreira da Silva.

NO PRE'LO

Formulario para o Processo e Julgamento dos Crimes de Insubmissão e Deserção de Praças.

da autoria do

Cap. NIZO VIANNA MONTEZUMA.

(approvado e mandado adoptar no Exercito pelo Dec., n.º 71 de 27-II-935. e na Marinha pelo Dec. n.º 318, de 29 de agosto do mesmo anno).

Unidades Angulares (1)

Cap. JOÃO MANOEL LEBRÃO

5.º PARALLAXE

O desvio angular entre dois pontos A e B para um observador collocado em um ponto O e voltado para AB é o angulo formado pelas duas rectas OA e OB (fig. 3).

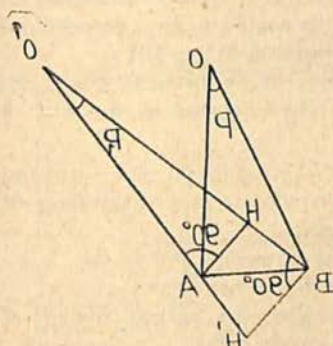


Fig. 3

Esse angulo representa igualmente a parallaxe do ponto O em relação a linha AB;

Temos assim duas expressões para designar um angulo: desvio angular e parallaxe. A primeira é usada quando o operador se encontra no vertice do angulo e determina esse utilizando visadas juxtapostas aos lados; a segunda tem applicações quando o operador não estaciona no vertice do angulo e recorre á linha AB, que une os dois lados, para determiná-lo.

— Se a linha AB fôr perpendicular a OA ou OB, teremos $\text{tg } p =$

$= \frac{d^m}{D^m}$ e, como o angulo em millesimos é expresso, dentro de certos limites, por um numero mil vezes maior do que o que exprime a tangente, podemos escrever, depois de multiplicar por mil ambos os membros da igualdade supra:

$$1000 \text{ tg } p = \frac{d^m}{D^m \div 1000} \quad \text{ou}$$

$$p''' = \frac{d^m}{D^{km}}$$

formula que nos dá a parallaxe e na qual

— d representa o comprimento AB em metros.

— D representa a distancia OA ou OB (a que fôr perpendicular a AB) em kilometros.

(1) Continuação do n. 255.

Nos outros casos (observados em O' tal que AB é oblíqua em relação aos dois do angulo) teremos sensivelmente

$$p_1''' = \frac{d'^m}{Dk^m}$$

formula em que d' representa o comprimento da perpendicular AH (ou BH') levantada de A sobre $O'A$ (ou de B sobre $O'B$); e D a distancia $O'A$ (ou $O'B$)

Para a determinação da parallaxe necessitamos essencialmente obter as distancias AB e OA ou OB (vêr determinação das distancias) e se AB não é perpendicular a um dos lados do angulo medir a perpendicular a um dos lados partindo de A ou de B (exemplo AH ou BH')

Abandonando a questão de determinação da distancia que é estudada em outra occasião, verificaremos separadamente os seguintes detalhes na determinação da parallaxe:

- I — A formula da parallaxe é applicavel quando AB não é perpendicular a um dos lados do angulo, utilizando-se a propria distancia AB , dentro de certos limites.
 - II — Precisão necessaria na medida das distancias OA ou OB .
 - III — A parallaxe determinada com auxilio de seu seno.
 - IV — Detalhes na determinação da parallaxe no terreno, quando fôr necessario medir a perpendicular a um dos lados.
 - V — Medida AB , determinar a parallaxe pelo calculo sem precisar medir a perpendicular a um dos lados.
 - VI — A formula é utilizada na medida das distancias.
 - VII — Observações sobre a precisão na determinação da parallaxe.
- I — A formula da parallaxe é applicavel quando AB não é perpendicular a um dos lados do angulo, utilizando-se a propria distancia AB , dentro de certos limites.

Seja, (fig. 4) OA perpendicular a AB e $BC = CA = AF$

Então, por construcção $\frac{AB}{OA} = \frac{CF}{OA}$

Se escrevessemos

$$p \sim \frac{CF}{OA}$$

$$p_1 \sim \frac{AB}{OA}$$

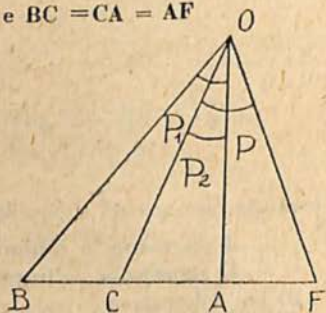


Fig. 4

cometteriamos erros diferentes porque os segundos membros das desigualdades são respectivamente iguaes e os primeiros evidentemente diferentes.

Pelo estudo feito já sabemos que podemos ter $p_1 = \frac{ABm}{OA \text{ km}}$ quando p_1 — fôr inferior a $300''$. Quanto a p — verificamos ser igual a p_2 por construção e p_2 pode também ser obtido com auxilio da tangente.

$$\text{Assim: } \operatorname{tg} p_2 = \frac{\frac{1}{2} CF}{OA}$$

e se multiplicarmos ambos os membros por 2 teremos

$$2 \operatorname{tg} p_2 = 2 \operatorname{tg} \frac{p}{2} = \frac{CF}{OA}$$

Então, $2 \operatorname{tg} \frac{p}{2}$ — sómente dentro de certos limites será praticamente igual a $\operatorname{tg} p$.

Resta saber portanto, até que limite podemos praticamente tomar o valor de p''' igual a mil vezes $2 \operatorname{tg} p/2$, pois dentro desse limite é que podemos utilizar a formula da parallaxe quando a bissetriz do angulo fôr perpendicular á linha considerada.

$2 \operatorname{tg} p/2$	p'''
0,100	102
0,200	203
0,300	302
0,400	402
0,500	499
0,600	594
0,700	686
0,800	775
0,900	861
1,000	944

Verificamos, na tabella supra, que o limite de applicação de formula da parallaxe, no caso de p (fig. 4) é até $500''$, portanto superior ao do caso do lado perpendicular á linha considerada.

Se a bissetriz do angulo fôr inclinada em relação a AB a perpendicular baixada de O sobre AB cahirá sobre a referida recta entre A e B, e os limites da utilização da formula de parallaxe passariam a variar entre até 300''' e até 500''', desde que o triangulo OAB não seja obtusangulo.

Praticamente tomaremos o limite menos favoravel que é o de 300'''

Para generalisarmos, desse modo, a formula da parallaxe, seria necessario determinar o comprimento da perpendicular baixada de O sobre AB, o que nem sempre é pratico, sendo introduzido novo erro se tomarmos a distancia OA ou OB pelo valor da perpendicular. (Seria o caso de tomar para valor da perpendicular o comprimento da inclinada OA ou OB, que menos se afastasse do pé da perpendicular).

II — Precisão necessaria na medida da distancia OA ou OB.

Na determinação da parallaxe, e tambem na determinação da tangente de um angulo para obtenção do mesmo em millesimos, nem sempre é necessario determinar com precisão de metro a distancia OA ou OB (D.)

Procuremos estabelecer qual o erro que se pode cometter, na determinação dessa distancia, de modo a não termos o valor do angulo afectado de novo erro superior a um millesimo.

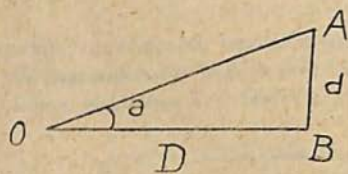


Fig. 5

Na figura 5 temos:

$$\operatorname{tg} \alpha = \frac{d}{D}$$

Se entramos com um valor D' ao em vez de D cometteremos um erro, que será $\frac{d}{D'} - \frac{d}{D}$ (suppondo D' menor; mesmo raciocinio para D' maior, mutatis mutandis). Desejamos que esse seja menor do que 0,001.

Então, queremos:

$$\frac{d}{D'} - \frac{d}{D} < 0,001 \text{ ou}$$

$$\frac{d(D - D')}{D \times D'} < 0,001$$

Se D e D' forem valores relativamente proximos, substituindo D por D' no denominador, teremos o primeiro membro da desigualdade assim expresso:

$$\frac{d(D-D')}{D'^2} \text{ e, como esse valor é superior a } \frac{(D-D')}{D \times D'}$$

impor que elle seja menor do que 0,001 corresponde com mais forte razão aos nossos desejos de termos

$$\frac{d}{D'} - \frac{d}{D} < 0,001$$

Assim teremos

$$\frac{d(D-D')}{D'^2} < 0,001 \text{ ou}$$

$$D - D' < \frac{D'^2}{1000 d} \text{ ou, ainda,}$$

tomando o valor de D' em Km no segundo membro, continuando todos os outros valores referidos ao metro:

$$D - D' < \frac{1000^2 D'^2}{1000 d} \text{ donde}$$

$$D - D' < \frac{1000 D'^2}{d}$$

Portanto; para não comettermos novo erro superior a 0,001 poderemos arredondar o valor de D , de modo que a differença em metros, $\frac{1000 D'^2}{d}$, entre o valor exacto e o arredondado, seja menor do que $\frac{1000 D'^2}{d}$.

sendo D'^2 em Km.; e d em metros.

Exemplo:

$$d = 50 \text{ m.}$$

$$D' = 4 \text{ km.}$$

$$\text{a formula acima dá } \frac{1000 \times 16}{50} = 320 \text{ m.}$$

Então, se D fôr inferior a 4320 e superior a 3680 podemos arredondal-o para 4000 metros (para $d = 50$).

Realmente, exemplificando os casos extremos:

$$\operatorname{tg} a = \frac{50}{3680} = 0,0135$$

$$\operatorname{tg} a = \frac{50}{4000} = 0,0125$$

$$\operatorname{tg} a = \frac{50}{4320} = 0,0115$$

E' conveniente guardar que tanto menos precisamente será necessario determinar D quanto maior for essa distancia e menor fôr d .

III — A parallaxe determinada com auxilio de seu seno:

Se quizermos medir a parallaxe de O em relação a AB (fig. 5) e tivermos as distancias d e OA , evidentemente não obteremos a tangente do angulo a , porque não dispomos da distancia OB , entretanto, teremos

$$\operatorname{sen.} a = \frac{dm}{OAm} \text{ e, conforme já estudamos}$$

(observação VI em unidades angulares)

$$1000 \operatorname{sen.} a = \frac{dm}{OAKm} \text{ ou}$$

$$a''' = \frac{dm}{OAKm}$$

sendo o angulo a expresso em millesimos verdadeiros que sabemos converter para millesimos 1600.

Verificamos assim que quando tivermos o seno da parallaxe, a determinação pratica dessa obedece á mesma formula, chegando-se, entretanto, a um resultado expresso em millesimo verdadeiro.

Acontece algumas vezes que conhecendo-se apenas a distancia OA esta pode ser considerada como sendo um valor approximada de OB e assim teremos directamente o angulo em millesimos 1600. E' facil de observar que isso occorrerá quando o angulo fôr tão pequeno que o seno e a tangente serão iguaes si forem expressos por uma fracção decimal com tres decimaes apenas (até 120''').

SECCÃO DE ARTILHARIA DE COSTA

Redactor: J. BINA MACHADO
Auxiliares: ARY MONTEIRO DA SILVEIRA
JOAQUIM GOMES
MANOEL ASSUMPÇÃO
ORIGENES LIMA
LÉO BORGES FORTES

Methodos de Instrucção

A partir deste numero iniciamos a publicação de trechos das Notas de Aulas da Materia VII, do Curso de Officiaes, "Methodos de Instrucção e Pedagogia Militar" professada pelo Tenente Coronel RODNEY H. SMITH, Chefe da Missão Militar Americana, no Centro de Instrucção de Artilharia de Costa. A utilidade e o interesse destas notas, cuja noticia já ultrapassou os dominios do C. I. A. C., dispensam qualquer commentario ou apresentação.

Major Bina Machado

Conselhos aos alumnos

Conserve-se em excellentes condições physicas.

Cuide de renovar defeitos physicos que prejudicam muitas vezes sua actividade mental, como defeitos de visão, de audição, de dentadura, adenoides e obstrucção das vias respiratorias.

Verifique se as condições ambientes (luz, temperatura, humidade, roupa, cadeira, mesa, etc.) são favoraveis ao estudo.

Tenha o seu local proprio de estudo

Tenha a sua hora certa de estudo

Inicie o seu trabalho com presteza; não desperdice tempo.

Trabalhe intensamente durante o seu estudo; procure concentrar-se no que está estudando ou trabalhando.

Mas não deixe sua intensa applicação transformar-se em confusão ou cansaço.

Faça seu trabalho com a intenção de aprender e applicar praticamente o que estudou.

Livre-se da idéa de que está trabalhando para o instructor.

Não peça auxilio, sinão quando fôr, realmente, necessario.

Procure sempre resolver por si só qualquer problema; desse modo, desenvolverá a confiança em si mesmo, qualidade essencial ao official. Lembre-se de que na guerra não se poderá recorrer a este ou áquelle, perguntando como se deve fazer alguma cousa.

Entretanto, se durante o estudo ou a applicação de um conhecimento qualquer, concluir, honestamente, ser-lhe impossivel entender ou fazer sózinho alguma cousa, não hesite — recorra ao auxilio do professor.

Faça uma rapida revisão preliminar do assumpto indicado; e, se este fôr um problema pendente de resolução, certifique-se bem se entendeu o que se procura ou se pede.

Procure certificar-se, por tentativas, como será melhor — si começar pela mais difficil ou pela mais facil tarefa, quando tiver que resolver varios trabalhos de desigual difficuldade.

Empregue o maior tempo e attenção ao ponto fraco dos seus conhecimentos e de sua applicação.

Deve diariamente julgar sobre os grãos de importancia relativa das questões que lhe são apresentadas, e de especial importancia aos assumptos que são vitaes e fundamentaes.

Quando uma dada minucia de informação fôr claramente de importancia secundaria e-utilizavel apenas na operação ou trabalho que se executa, não se preocupe em guardal-a definitivamente na memoria.

Quando estiver estudando, trabalhe emquanto se sentir bem, com o cerebro não cansado; mas não tanto tempo que lhe faça cansar.

Quando tiver que interromper o seu trabalho ou estudo, é aconselhavel deter-se numa parada natural, e tambem deixar um *fio* uma *ligação* para o seu rapido reinicio.

Depois de um periodo de estudo intenso, especialmente quando se tratar de assumpto novo, deve fazer uma pausa de algum tempo e deixar o seu espirito descansar bem antes de se entregar a qualquer occupação. Em outras palavras, descanse, pois o repouso é necessario.

Adquiera o habito de rever e procurar entender bem cada paragrapho, assim que o tenha lido.

E' bom habito assignalar passagens de seus proprios livros ou lições mimeographadas, de modo a collocar em relevo as idéas essenciaes.

Quando desejar assenhorear-se de um assumpto extenso e complexo, faça um resumo ou schema. Si desejar reter o assumpto, basta decorar o resumo.

Não sobrecarregue a memoria com um grande numero de dados facilmente encontrados em livros ou manuaes.

Os principios devem ser aprendidos de modo que sejam perfeita e inteiramente assimilados. A prova de que assim foram comprehendidos se tem na habilidade com que são applicados a casos concretos.

Guardar na memoria um principio, não é comprehendel-o, mas sim, apenas, decoral-o e enuncial-o como um papagaio.

NOTA: — No proximo numero: "Conselhos aos Professores".

Pela Costa...

NOTICIANDO...

Entre as pequenas iniciativas e contribuições que muito vem coo- perar para o melhoramento de nossos materiaes, com grata satisfação, aqui noticiamos, as experiencias de collocação de lunetas panoramicas em nosso material de 150 m/m e as da padiola H. P. para transporte da munição de igual calibre. Estas experiencias, que vêm sendo realizadas no G. E. P., bem merecem citação, pela costa...

Curiosidade historica

Relação dos fortes existentes no D. Federal e Estado do Rio em 1829, com indicações de seu armamento:

DISTRICTO FEDERAL

São João.....	44 boccas de fogo
Villegagnon	35 > > >
Ilha das Cobras ou de S. José.....	33 > > >
Praia Vermelha.....	20 > > >
S. Clemente.....	8 > > >
Copacabana.....	9 > > >
Arpoador.....	4 > > >
Leme (a meio da Praia de Copacabana).....	11 > > >
Reducto ou Entricheiramento do Leme.....	6 > > >
Vigia.....	2 > > >
Annel.....	3 > > >
Gloria.....	3 > > >
Jacarépaguá.....	2 > > >
Itapuan (na Barra da Lagoa de Jacarépaguá).....	3 > > >
Ponta. (> > > > > >).....	3 > > >

Campinho.....	5 boccas de fogo			
Nossa Senhora da Gloria (no Campinho, dominando as Estradas de Irajá).....	9	>	>	>
Bella Vista (no Andarahy).....	4	>	>	>
Pedregulho.....	21	>	>	>
Engenho da Serra (Serra do Matheus).....	3	>	>	>
Guaratiba (Barra).....	4	>	>	>
Lameirão.....	10	>	>	>
S. Paulo (Sepetiba).....	26	>	>	>
Pihay (>).....	10	>	>	>
S. Pedro (>).....	10	>	>	>
S. Leopoldo (>).....	9	>	>	>
Irajá.....	5	>	>	>
Total.....	302	>	>	>

PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO.

Santa Cruz.....	110 boccas de fogo			
Lage.....	20	>	>	>
Praia de Fóra.....	?			
Bôa Viagem.....	6	>	>	>
S. Matheus (Cabo Frio).....	8	>	>	>
Praia (Sururú).....	4	>	>	>
Santo Antonio do Monte Frio (Macahé).....	7	>	>	>
Nossa Senhora da Guia (Mangaratiba).....	5	>	>	>
Bateria Mascarada (>).....	2	>	>	>
Pouso Triste (>).....	2	>	>	>
Itaguahy.....	4	>	>	>
Corôa Grande (Entricheiramento).....	6	>	>	>
Gragoatá (Gravatá).....	6	>	>	>
S. Bento (Angra dos Reis).....	6	>	>	>
Carmo (> > >).....	12	>	>	>
Ilha Grande.....	?	>	>	>
Paraty (Defensor Perpetuo).....	10	>	>	>
Bexigas (Ilha das).....	6	>	>	>
Itacopé.....	2	>	>	>
Pico.....	39	>	>	>
Total.....	255	>	>	>

Por ahi se vê como nossos avós zelavam pela Costa...

Differentes systemas telemetricos — Suas vantagens e inconvenientes

Pelo Cap. JOAQUIM GUEDES DA SILVA

Instructor do C. I. A. C.

TELEMETROS BISTATICOS. — Os telemetros bistaticos offerecem a vantagem de determinar a distancia com grande precisão, superior á qualquer outro typo, mesmo nas maiores distancias, e de um modo continuo; porém apresentam o inconveniente de exigir a duplicação de estações telemetricas, o que difficulta a designação e apprehensão dos objectivos e esta circumstancia, com frequencia, conduz á erros que se originam não só nesta causa como, ainda, na mobilidade do alvo, medidas angulares etc.

A incidencia em erros desta natureza é de tal sorte frequente e influe tão desastradamente no valor da distancia, nas condições normaes do combate, que tornam a sua precisão difficil e problematica na maioria dos casos.

TELEMETROS DE BASE VERTICAL OU DE DEPRESSÃO.

— Estes telemetros offerecem a vantagem de occupar espaço reduzido, possibilidade de determinação das posições do objectivo continuamente, custo relativamente pequeno e, alguns modelos, poderem ser utilizados em qualquer altitude, sem necessidade de modificações no tambor ou escala de distancias, rapidez e simplicidade no seu manejo, uma unica estação, grande horizonte visivel, devido á altitude, o que facilita, sobretudo, a determinação dos pontos de quêda dos projectis e, por fim, a protecção natural que offerecem aos tiros inimigos facultado pela altitude em que devem ser collocados.

A par destas vantagens apresentam, no entanto, inconvenientes dos quaes alguns são, de certa fórmula, irremediaveis.

Para que as indicações de distancias por elles fornecidas na maioria dos casos, sejam acceitaveis como sufficientemente precisas, segundo conclusões a que se chegaram na ITALIA e na HESPAÑA, é preciso que nunca sejam utilizados em cotas inferiores á 70 metros.

Ora, é sabido que com facilidade não se encontram, na orla martima, ou mesmo para dentro deste limite, porem á distancia efficaz das baterias a que devem servir, pontos que satisfaçam, além das outras condições exigidas para a localisação de uma estação telemetrica, esta exigencia, isto é, cuja altitude seja de 70 metros ou superior.

Além disto, apresentam como causas de erro, na determinação de distancias, as consequentes da esphericidade da terra, refracção athmospherica e marés, analysando-se, sómente, as causas devidas ao meio em

que se opera sem se levar em linha de conta as que são intrínsecas, por construcção, ao proprio instrumento.

Conquanto quasi todos os instrumentos desta classe venham equipados com dispositivos que permitem corrigir, automaticamente, os erros devidos ás causas acima citadas, é preciso considerar que, se estes dispositivos permitem corrigir, com vantagem, os erros devidos á esphericidade da terra, o mesmo não se dá com os que tem por causa a refracção athmosphérica e as marés, pois que, principalmente para nós no BRASIL, nunca o erro devido á refracção poderá ser convenientemente annullado uma vez que o instrumento apenas permite corrigir os efeitos da refracção athmosphérica normal e é sabido que nos tropicos quasi nunca ella é normal ou varia pouco em relação á esta; muito pelo contrario, as variações são bastante accentuadas.

Por outro lado nas areas maritimas em que as marés sejam de grande amplitude ou sujeitas á irregulares elevações do nivel do mar, devido ao que se chama "*falsas marés*", a altura da estação ou base telemetrica, nunca poderá ser exactamente determinada, máo grado o dispositivo que, para isto, o telemetro disponha, acarretando, em consequência, erros de distancia.

Além disso, se as distancias a serem determinadas forem excessivamente grandes e as altitudes em que estiverem estacionados os instrumentos não forem, para estas distancias, apropriadas, o telemetro será falho quanto a precisão.

Por fim, como a mais ponderavel causa de erro a considerar é a consequente da difficuldade que tem o telemetrista em visar a linha de fluctuação do objectivo, sempre movel e imperfeitamente definida nas condições normaes de emprego do instrumento.

TELEMETROS QUE UTILISAM PROCESSOS STADIMETRICOS. — Ao estudarmos esta classe de telemetros discutimos sufficientemente a precisão e o limite de emprego das lunetas stadimetricas.

Dest'arte só caberá aqui recordar que, dentro dos limites de sua precisão, estes telemetros só poderão ser empregados com exito quando:

a) — as dimensões do objectivo forem exactamente conhecidas ou pelo menos com a precisão de 1/100;

b) — a distancia não fôr muito grande em relação á base;

c) — forem perfeitamente visiveis as extremidades da base e se puder fixar bem o valor do diametro apparente do objectivo ou seja do angulo stadimetrico.

TELEMETROS MONOSTATICOS. — Um telemetro monostático qualquer que seja o typo — de coincidência, inversão ou stereoscopico — apresenta a vantagem de poder ser utilizado em qualquer posição ou altitude. Além disto é de funcionamento rapido, manejo simples

e de grande precisão, sempre que o comprimento da base seja apropriado para as distancias que o mesmo tenha de determinar.

O telemetro de coincidencia apresenta, em relação aos outros typos monostaticos, o inconveniente de não poder determinar a distancia continuamente, pois que o telemetrista não pode obter e manter successivamente, sobre um alvo movel, a coincidencia das imagens.

O telemetro de inversão permite maior precisão, na medida de distancias, do que o telemetro de coincidencia de vez que a secção da imagem, perto da aresta de separação, é symetrica em relação á esta ultima.

Das tres fórmás fundamentaes da telemetria monostatica é, sem duvida, o telemetro stereoscopico o que apresenta maiores vantagens pelas razões que se seguem:

I — Com um telemetro stereoscopico é plenamente exercitada a visão binocular, que é a visão natural. Na medida de distancias com qualquer dos outros dois typos não se utiliza senão uma unica das vistas, permanecendo a outra absolutamente inactiva.

Além deste esforço acarretar, para o telemetrista, um rapido cansaço, por outro lado, causas exteriores, como o vento, deslocamentos do ar etc. perturbam consideravelmente a medida.

Por isto, com um telemetro stereoscopico é possivel se operar durante um espaço de tempo muito maior do que com qualquer um dos outros typos, isto é, com estes, em consequencia do cansaço o operador é obrigado, ás vezes, a interromper uma serie de medidas que deve ser continua.

II — Com um telemetro stereoscopico obtém-se a imagem do alvo em relevo bem como dos detalhes da paisagem que immediatamente o circundam; dest'arte, melhor serão apreciados a extensão e os movimentos do alvo.

Na medida de distancias com um tal instrumento, sobre esta imagem do alvo, em relevo, é que se colloca o "*índice telemetrico*", também disposto em relevo no plano de imagens do instrumento.

Ora, esta operação corresponde ao uso normal da visão binocular, e como vemos, também, em relevo, os detalhes que circundam o alvo, estamos em condições de apreciar a situação e a posição dos objectos proximos delles podendo, por conseguinte, medir as distancias que medeiam entre os mesmos.

Esta circunstancia permite que, na occasião do tiro, sejam observados, com precisão, não só o sentido como a grandeza dos desvios dos disparos feitos sobre o referido alvo.

Com telemetros monostaticos monoculares não é possivel fazer-se tal apreciação uma vez que nelles é apenas exercida a visão monocular.

III — Todo o campo visual de um telemetro stereoscopico é inteiramente utilizado; nos outros typos apenas metade do campo é aproveitado,

em consequencia, é claro que com um telemetro stereoscopico é muito mais facil encontrar e localisar um alvo qualquer.

IV — Uma das grandes difficuldades na determinação de distancias com um telemetro de coincidencia consiste em manter a “aresta de separação” sobre o centro da imagem do alvo e esta difficuldade augmenta quando o alvo se deslocar rapidamente e a estação telemetrica fôr, tambem, movel.

Com telemetros stereoscopicos não ha necessidade de se manter o alvo em um logar determinado do campo visual, pois que nelle não existe nenhuma aresta de separação.

V — Para se fazer medidas com telemetros stereoscopicos não é necessario que do alvo sobre o qual se o acciona, se destaquem arestas rectas e bem definidas; a medida pode ser feita sobre objectivos que apresentem quaesquer contornos, o que não acontece com os outros dois typos que para fornecerem acceitaveis indicações de distancia é preciso que sejam accionados sobre alvos de contornos nitidos e bem definidos.

VI — Na medida de distancias, á noite, sobre um alvo luminoso ou illuminado, com um telemetro stereoscopico é sufficiente illuminar o micrometro e a escala de distancias; com o typo de coincidencia é necessario a introdução de um systema optico auxiliar — “o astigmatizador”, — para transformar em linhas rectas a imagem de objectos luminosos, o que occasiona uma nova origem de erros.

VII — Os telemetros stereoscopicos dão, ao observador, uma sensação de maior luminosidade. Impressionado por esta sensação, experimentada com o emprego destes instrumentos, Mr. ARMAND DE GRAMONT determinou a luminosidade minima necessaria á obtenção de medidas precisas.

Para isto construiu elle um photometro especial, permitindo medir a luminosidade do céu após o inicio do crepusculo até a cahida da noite.

Utilisou dois telemetros identicos, um de coincidencia e outro stereoscopico, com 3 metros de base, com identicas objectivas com 50 m/m de diametro, identicas oculares dando um augmento de 25 vezes.

Ambos os telemetros visaram o mesmo objectivo — um mastro collocado á 3.000 metros mais ou menos — nitidamente destacado sobre o fundo — o céu.

As visadas tiveram inicio ao cahir da noite e se succederam de minuto emquanto as observações foram possiveis, alternadamente, ora com um, ora com outro instrumento, pelo mesmo telemetrista.

A partir da luminosidade 1×10^{-4} velas por cm^2 , o telemetro de coincidencia começou a fornecer indicações mediocres emquanto o stereoscopico funcionava perfeitamente a $0,25 \times 10^{-4}$ chegando a dar indicações precisas até mais ou menos $0,1 \times 10^{-4}$ velas por cm^2 .

De resto, independentemente destas provas experimentaes, as lições da ultima guerra provam sobejamente a superioridade incontestavel do telemetro stereoscopico sobre o de coincidencia pois que, na batalha de Jutlandia, ao cahir da noite, a esquadra ingleza teve de suspender o fogo dos seus canhões uma vez que os telemetros de coincidencia, com que eram equipados os navios inglezes, não podiam fornecer indicações precisas de distancias, enquanto os telemetros stereoscopicos, perfeitamente á altura de sua finalidade, funcionavam com a maxima precisão.

DUAS REGRAS PRATICAS

1.^a — A velocidade de um objectivo em "*metros por segundo*" é approximadamente igual á metade de sua velocidade em nós.

Exemplo: 30 nós = 15 m/s. (das notas da M. M. A.).

2.^a — A base de um telemetro stereoscopico ou de coincidencia, deve ser approximadamente igual a do alcance maximo para o qual deverá ser empregado, dividido por 3000.

Exemplo: Alcance maximo 12000 metros. Telemetro a empregar:
12000

— = 4 metros.

3000

O TROIL

Caracteristicos e propriedades: substancia solida, de côr amarella e grande densidade. Fusão, de 80 a 82°. Resiste bem ao calor, e se a temperatura não passa de 80°, volatilisa-se sem inflamar-se. Inflama-se sem explodir até á temperatura de 220°. Em um envolvero fechado só explode á 225°. Dos explosivos conhecidos é o menos sensivel ao choque e compressão. E' tambem pouco sensivel ao attricto, podendo ser cortado, serrado ou perfurado, sem explodir. E' quasi insolúvel nagua e pouco hygroscopico.

Para explodir exige capsula de fulminato de mercurio (detonador). Fundido, exige ainda uma escorva do proprio troil em pó, possue acção acida, podendo ser posto em contacto com metaes. Não dá arrebentamentos prematuros.

Origem — Benzina ($C^6 H^6$) Tolueno ou metil bensil ($C^6 H^5 CH^3$) trinitro tolueno ou troil. Força 9305 Km/cm².

Potencia 442850 Kgm.

Resumo — Estabilidade chimica — Indifferença á entrada em qualquer combinação — Inocuidade na manipulação fabril — Insensibilidade ao choque — Segurança ao fogo. Insensibilidade á humidade.

Artilheiro amigo. Confira a lista abaixo para ver se sua bibliotheca está completa.

<i>Mémoires, Marechal Joffre</i>	87\$400
<i>Noções de topographia de campanha, General Paes de Andrade</i>	7\$000
<i>Noções de desenho topographico, Ten. Cel. Paulino de Souza</i>	8\$000
<i>Noções de topologia, Ten. Cel. Paulino de Souza</i>	5\$000
<i>Questions d' Artillerie antiaérienne, Cmt. P. Nauthier</i>	7\$100
<i>Manuel du Gradé de l' Artillerie</i>	16\$800
<i>Balística externa, Cap. Morgado da Hora</i>	14\$000
<i>A Technica do Tiro de Costa Cap. Ary Silveira</i>	30\$000
<i>Notas sobre o emprego da artilharia, Major I. J. Verissimo</i>	10\$000
<i>Defesa de costa e o tiro costeiro, 1.º Ten. Gomes da Silva</i>	8\$000
<i>O tiro da artilharia de costa, (traducção)</i>	4\$000
<i>Ligações e Transmissões, Cap. Josette</i>	6\$000
<i>Signalisação a braços e optica, Cap. Lima Figueiredo</i>	\$600
<i>O principiante de radio, Cap. Lima Figueiredo</i>	3\$000
<i>Transposição dos cursos d'agua para todas as armas, Cap. Lima Figueiredo</i>	3\$000
<i>Notas á margem dos exercicios tacticos, Major Travassos</i>	6\$000
<i>Telemetros, Ten. Cel. Dermeval</i>	3\$000
<i>Orientação em campanha, Ten. Cel. Dermeval</i>	3\$000

Para o porte cobramos de \$500 a 1\$000 por volume.

SECCÃO DE ENGENHARIA

Redactor: LIMA FIGUEIRÊDO
Auxillar: BETTAMIO GUIMARÃES

Quando se devem empregar as passareiras?

1.º — Nas passagens a viva força dos rios com menos de 50 metros e corrente inferior a 1m,50 por segundo, a passareira substitue vantajosamente o pontão para passar os primeiros elementos de infantaria. Utilizam-se então, unicamente, PASSADEIRAS SOBRE SUPPORTES FLUCTUANTES, construídas e lançadas rapidamente.

No caso de larguras inferiores a 20 metros, podem-se mesmo construir, completa e antecipadamente, trechos de passareiras que, no momento opportuno, serão lançados rapidamente n'água. Este methodo pôde também, ser empregado em larguras maiores de 20 metros.

No caso de vãos ainda mais fracos pode-se prever o lançamento de passareiras typo ESCADA.

2.º — Na multiplicação das communicações, seja á retaguarda, seja em sector, seja na frente junto á passagem dos elementos da vanguarda (passados sobre passareiras do typo precedente) sobre todos os côrtes que a permittam.

Nestes ultimos casos, podem-se empregar todos os typos de passareiras: supportes fluctuantes ou supportes fixos; mas, todas as vezes que se possam, empregam-se de preferencia os SUPPORTES FIXOS, porque são mais resistentes, mais duraveis, mais estaveis e mais resistentes aos effeitos dos projectis. Os supportes fluctuantes serão sempre empregados em caso de urgencia, isto é quando é mistér agir com rapidez.

COLONEL BAILS.

Depois de examinados os escombros de uma ponte destruída pelo inimigo, facilmente sobre elles se controe uma passareira.

A infantaria e a cavallaria devem estar em condições de fazer com seus proprios meios passareiras simples.

Collocando-se as viaturas sobre o leito do rio, sobre ellas pode-se fazer uma excellente passareira.

EXPLOSIVOS

Pelo Cap. Lima Figueiredo

Os explosivos commumente empregados na destruição em campanha são:

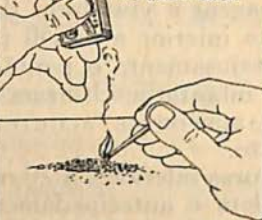
A POLVORA NEGRA A MELINITE
A CHEDDITE A DYNAMITE

A POLVORA NEGRA

A POLVORA NEGRA
É EMPREGADA
COM
ENCHIMENTO



AO AR LIVRE QUEIMA LENTA-
MENTE, EM PEQUE-
NA QUANTIDADE



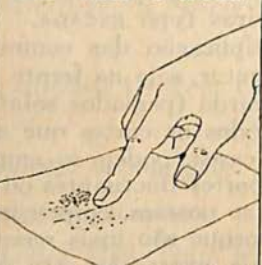
MESMO AO AR
LIVRE DEFLA-
GRA PELO CHO-
QUE CAUSADO.



JOGADA N'AGUA
SE
DISSOLVE



UMA POLVORA COM HUMI-
DADE RISCA O PAPEL



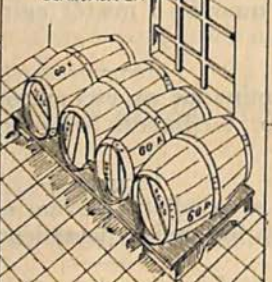
SIGNALES DE DECOMPOSIÇÃO

- DIMINUIÇÃO DO BRILHO
- APARECIMENTO DE PONTOS BRANCOS
- AGLOMERAÇÃO DOS GRÃOS FORMANDO UMA ESPÉCIE DE GUMMA



POLVORA MÃ PULVERISA-SE SOB
A ACÇÃO DOS DEDOS

É COMMUNTE
GUARDADA EM



LUGARES SECOS E AREJADOS
EM BARRIS DE 60 KILOS

PARA INUTILIZAR-SE UMA
POLVORA PELA QUEIMA,
FAZ-SE UM RASTILHO DE
UM PALMO DE LARGO
E UM CENTIMETRO DE
ALTURA



CONVÉM NÃO DESTRUIR MAIS
DE 10 KG DE CADA VEZ

A MELINITE

<p>PETARDO DE 135 grs.</p>	<p>É EMPREGADA SEM ENCHIMENTO, ISTO É, SUPERFICIALMENTE.</p> <p>EM CONTACTO COM O OBJECTO A DESTRUIR EXPLODE PELO CHOQUE DE UMA CARGA DE FULMINATO DE MERCÚRIO.</p>	<p>AO AR LIVRE SE QUEIMA DIFFICILMENTE</p>	<p>RESISTE BEM AO CHOQUE, PODENDO SER CONDUZIDA EM VIATURAS.</p>
-----------------------------------	---	---	---

ALÉM DOS PETARDOS DE 135 GRAMMAS DE MELINITE E QUE TEM UM PESO BRUTO DE 200 GR., NA OS CARTUCHOS DE 100 GRAMMAS DE MELINITE

A CHEDDITE

É UM EXPLOSIVO CLORATADO E PERCLORATADO.

<p>EMPREGADA COMO CARGA SUPERFICIAL, SEUS EFEITOS SÃO MENORES QUE O DA MELINITE</p>	<p>DÁ OPTIMOS RESULTADOS QUANDO EMPREGADA EM CARGAS INTERIORES</p> <p>COM ENCHIMENTO</p>	<p>AO SOL, O EXPLOSIVO SE TORNA PASTOSO E DE DIFFICIL ESCORVAMENTO</p>
<p>EMPREGADA NAGUA EM CAIXA DE FOLHA, COMPLETAMENTE VEDADA</p>	<p>COM EXCEPÇÃO DA MELINITE QUE JÁ VEM EM ENVOLUCRO ESTANQUE, TODOS OS OUTROS DEVEM SER PRESERVADOS DA HUMIDADE</p>	<p>A CHEDDITE É EMPREGADA SOB A FORMA DE CARTUCHOS OU PETARDOS ENVOLVIDOS EM PAPEL PARAFINADO, CONTENDO O MESMO PESO QUE OS DE MELINITE</p>

DYNAMITE

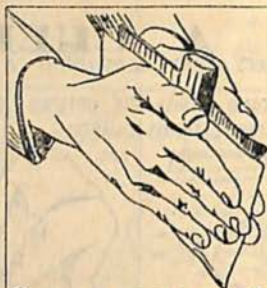
AS DYNAMITES SE COMPÕEM DE NITRO-GLYCERINA E UM ABSORVENTE (CARVÃO, COKE, PAPEL, ETC).



A DYNAMITE É ADQUIRIDA NO COMMERCIO EM CARTUCHOS DE PAPEL PARAFINADO CONTENDO 20, 50 E 100 GRAMMAS



DETONA
PELO
CHOQUE



COMPRIMINDO-A ENTRE DUAS FOLHAS DE MATTA-BORRÃO, VERIFICA-SE SE ELLA ESTÁ EXUDANDO.

A DYNAMITE TEM O INCONVENIENTE DE EXUDAR, ISTO É, DESPREHENDER A NITROGLYCERINA QUE ENTRA EM SUA COMPOSIÇÃO, TORNANDO PERIGOSA AO SER MANIPULADA.

JOGANDO-A N'ÁGUA A NITROGLYCERINA FLUCTUA, DETONANDO PELO EFFEITO DOS RAIOS SOLARES.



SECCÃO DE INTENDENCIA

Redactor: JOSÉ SALLES

Auxiliar: BELMONTE VAZ

Gratificação de insubmisso

Pelo 1.º Ten. ARTHUR ALVIM CAMARA

Quer saber o cmt. da 1.ª Companhia se é lícito sacar gratificação para um sorteado insubmisso que está preso, á disposição da Justiça, e, tendo o quartel por menagem, concorre no serviço e na instrução.

Opino pela affirmativa, por se tratar de um caso perfeitamente enquadravel na legislação vigente.

O primeiro aviso sobre o assumpto resolveu que as praças presas, correccionalmente, só perdiam a gratificação, quando não fizessem serviço. (Aviso n.º 366, de 6-III-1915 Bol. Ex. 414 — pags. 340-341).

Como complemento a essa resolução foi ainda declarado que as praças presas, por qualquer motivo, sem fazer serviço, perdem a gratificação. (Aviso n.º 638, de 28-IV-1915-Bol. Ex. 424, pags. 680-681).

A resalva "sem fazer serviço" tornou evidente que qualquer praça, seja qual for o motivo porque tenha ficado presa, perceberá a respectiva gratificação, desde que concorra ao serviço.

E esses avisos teem o amparo da legislação geral, segundo a qual o abono da gratificação é devido pelo exercicio da função. (Art. 27, 1.ª parte, da lei 1.473, de 9-I-Ord. Ex. 469; art. 307 do Reg. Cod. Cont. Pub.; arts. 4.º e 7.º do decreto 23.053, de 8-VIII-1933- Bol. Ex. 57).

Assim, um sorteado insubmisso, embora preso, que presta serviço no quartel, exerce função; e o exercicio da função lhe assegura o direito incontestavel aos vencimentos integraes (soldo e gratificação).

O caso tambem pode ser discutido em face da lei 2.290, de 13-8-1910 (Bol. Ex. 94), e do decreto 17.231 A, de 26-II-1926 (Bol. Ex. 300).

Vejamos.

Pelos artigos 8.º, 1.ª parte, e 27.º da lei 2.290, os officiaes e praças submettidas a processo no fóro militar, só percebem o soldo. E' claro. Os militares submettidos a processo, via de regra, não concorrem no serviço, em virtude de não serem considerados promptos para tal fim.

Se, por qualquer circumstancia, — como se dá com o insubmisso — o militar respondendo a processo continuar no serviço, deve o mesmo perceber a respectiva gratificação, até á data da sentença.

E' sabido que um dos effeitos immediatos da sentença condemnatoria é privar o réu da gratificação a que tiver direito (art. 230, letra e, do decreto 17.231 A citado), ficando elle reduzido a simples meio soldo, se dita sentença passar em julgado. (Arts. 8.º, 2.ª parte, e 27.º da lei 2.290; art. 10.º, ultima parte, da lei 1.473, ambas já citadas; aviso de 5-6-1913 — Bol. Ex. 280).

Ora, se é depois da sentença condemnatoria que o réu deve ficar privado da gratificação, segue-se que antes della, isto é, durante a phase preliminar do processo, elle a perceberá, mas só quando fizer serviço.

Resultado do Concurso da "A Defesa Nacional"

A commissão julgadora depois de attento estudo resolveu que nenhum dos trabalhos concorrentes se enquadravam perfeitamente nas bases estipuladas. Attendendo, porém, a solididade com que nossos companheiros se apresentaram para o concurso, resolveu conferir o primeiro premio a **Oling** original do Cap. Nilo Guerreiro e o segundo ao **Tenente Delta** pseudonymo do Ten. Danilo Paladini.

O trabalho de **Zimendal** — Cap. Aluizio M. Mendes — foi julgado excellente, escripto todavia de um modo assáz elevado para ser entendido pelo soldado. Levando em conta a excellencia do mesmo, a Directoria resolveu prestar uma homenagem ao Autor publicando-o na integra nas paginas da "Defesa Nacional".

Os originaes premiados serão, brevemente, impressos e distribuidos pelos corpos de tropa.

Caderneta para catalogar folhas de alterações de officiaes

A partir de 1.º de Novembro vindouro achar-se-á a venda na "Defesa Nacional" a caderneta para catalogar folhas de alterações acompanhada da instrucção para o uso da caserna

BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR
Dirigida pelo Cap. João Ribeiro Pinheiro

"O
Systema Nervoso
do Commando"

**A SECÇÃO
DO
COMMANDO
NO
BATALHÃO**

DO
Cap. DELMIRO
DE ANDRADE



CONTENDO : Importancia e necessidade da existencia dos órgãos de commando, Especies de observação terrestre, Grupo de telephone e radio-Grupo dos signaleiros, Quadro synthetico da instrucção de signalização a braços, etc.

PREÇO 8\$000

CASA EDITORA HENRIQUE VELHO

BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR
Dirigida pelo Cap. João Ribeiro Pinheiro

"A guerra dos olhos"



O OFFICIAL = DE INFORMAÇÕES

PELO
1º Ten. D. PALADINI

- Importancia Tactica da Informação
- O Serviço de Informações
- Atribuições do Official de Informações
- Exploração das Informações
- Funcionamento do Serviço de Informações nos Corpos de Tropa.
- A Observação
- Organização material de um observatorio
- Instalação e Funcionamento de um observatorio
- Criptotechnica, etc.

PREÇO 8\$000

CASA EDITORA HENRIQUE VELHO

SECÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES

Redactor: A. F. CORREIA LIMA

Introducção Geral á Sociologia

Cap. S. SOMBRA

1.ª Parte

INTRODUÇÃO SCIENTIFICA

Divisão:

- Capitulo I — O Chaos Intellectual Moderno
- Capitulo II — Condições do Estudo Scientifico
- Capitulo III — O Conhecimento Scientifico
- Capitulo IV — A Classificação das Sciencias
- Capitulo V — Conclusão relativa ao pensamento humano e á Sociologia.

Bibliographia:

Para a organização das Notas referentes a esta 1.ª Parte, servimo-nos principalmente das obras seguintes:

- Bureau (Paul) — Introduction a la Méthode Sociologique.
- Valdour (Jacques) — Les Méthodes en Science Sociale.
- Maritain (Jacques) — Introduction Générale a la Philosophie.
 - » » — Les sègrés du Savoir
 - » » — Antimoderne.
- Domet de Vorges — Essai de Metaphysique Positive.
- Sortais (Gaston) — Traité de Philosophie.
- Spencer (Herbert) — Science Sociale.
- Comte (Auguste) — La Méthode Positive en Seize Leçons condensée par J. E. Rigolage.
- Ampère (A. M.) — Essai sur la Philosophie des Sciences.
- Cournot (A. A.) — Fondements de nos Connaissances.
- Schwalm (R. P.) — Léçons de Philosophie Sociale.
- Rimaud (Jean) — Thomisme et Méthode.
- Antoine (Ch.) — Cours d'Economie Sociale.
- Garriguet (L.) — Manuel de Sociologie et d'Economie Sociale.

Vialatoux (J.) — Philosophie économique.

Athayde (Tristão) — Fragments de Sociologie Chrétienne.

Lalande (A.) — Vocabulaire technique et critique de la Philosophie. Société de Professeurs et de Savants — Dictionnaire des Sciences Philosophiques.

Capítulo I

O CHAOS INTELLECTUAL MODERNO

Na grande crise do espirito moderno, é de verdadeiro chaos a situação do pensamento social. As doutrinas se erguem e se contradizem numa agitação frenética, creando luctas tempestuosas.

Nada melhor para dar á nossa consciencia a serenidade necessaria ao estudo que vamos empreender do que uma visão desse agitado debate. Ella fará realçar não só o seu grande interesse como também o valor e a necessidade de um methodo scientifico no exame dos problemas da Sociedade.

Examinemos, atravez das questões mais debatidas actualmente, as soluções contraditorias que se chocam no concerto violento das afirmações sociaes. As observações colhidas nesta "revista de mostra" serão de um grande valor ao longo de todo o nosso curso.

SOLUÇÕES CONTRADITORIAS DOS PROBLEMAS SOCIAES; EXEMPLOS TYPICOS

a) Organização dos trabalhadores e contrato de trabalhos.

Eis o nosso primeiro exemplo. Vejamos como se contradizem as soluções apresentadas.

Antes da Revolução Franceza (1789), os operarios viviam reunidos em sociedades proprias denominadas "CORPORAÇÕES DE OFFICIO". A cada profissão ou grupo de profissões connexas correspondia uma Corporação. Possuiam ellas Regimentos em que eram estabelecidas a forma de admissão, a hierarchia, as contribuições e a fiscalisação do trabalho dos seus diversos membros.

Em nome dos principios revolucionarios victoriosos, que proclamavam a autonomia individual, o direito á liberdade individual e faziam do individuo o centro de organização da nova sociedade, a Lei Chapelier (1791) aboliu as Corporações. Dizia-se que os trabalhadores não tinham interesses communs a defender, constituindo attentado á sua liberdade e, aos proprios interesses sociaes, portanto, a existencia de qualquer forma associativa.

Contra esses principios individualistas defendidos pela Escola Liberal, levantaram-se depois os partidarios do grupalismo — socialistas, catholicos sociaes, etc.

Após tremenda lucta que do campo do pensamento desceu aos conflictos de rua, pouco a pouco, nos diversos paizes, o direito de associação restabeleceu-se, contando-se, hoje em dia, por milhares o numero dos Syndicatos existentes no Mundo.

Permanecem, porém, os dois principios oppostos e entre os defensores do direito de organização syndical existe uma variedade enorme de opiniões. A divisão vai desde os que toleram os Syndicatos apenas como associações beneficentes até aos que pretendem fazer dos Syndicatos a base da propria estrutura politica do Estado.

Intimamente ligada á questão da organização dos trabalhadores está a do contracto de trabalho.

Segundo, uns patrão e operario deverão discutir e regular individualmente as condições de trabalho; argumentam que o operario tem juizo sufficiente para defender seus interesses ao procurar trabalho n'uma fabrica ou officina, não precisando de tutelas que limitam sua liberdade. Outros batem-se pela adopção do contracto colectivo em que os operarios syndicalizados tratam collectivamente com o patrão sobre as condições de trabalho, atravez dos seus representantes legaes ou, então, na mesma industria, o syndicato operario e o syndicato patronal debatem, em pé de igualdade, os respectivos interesses. Dizem esses que o contracto individual redundaria naturalmente em convenção injusta pois é irrisorio suppor que um trabalhador desempregado, com reduzida ou sem nenhuma economia, sem poder, portanto, dilatar o tempo de desemprego até encontrar salario satisfactorio, tenha elementos para discutir vantajosamente com um patrão cujos serviços tanto continuarão com elle como com outro dos numerosos que procuram trabalho.

De outra parte, enquanto uns consideram o Contracto de Trabalho um contracto qualquer a ser regulado, portanto, pelas normas communs, outros vêem nelle uma fórmula singular de contracto porque envolve a dignidade do trabalho humano, merecendo assim legislação especial.

Accesas luctas (greves, locks-out) têm sido, na pratica, o resultado de mais esta opposição de principios.

b) Trabalho e Capital

O conceito de Capital e o de Trabalho e a maneira de regular as relações entre os dois constituem uma das mais graves questões — senão a mais aguda — da vida social moderna.

Uns julgam o Capital eminentemente productivo e o trabalhador sufficientemente pago com o salario que recebe. Outros reputam o Tra-

balho o verdadeiro elemento creador do valor dos bens, sendo o Capital em si mesmo estéril, infecundo. Aquelles argumento que o Capital é o trabalho accumulado e que sem elle o Trabalho não disporia dos elementos que multiplicam o seu esforço e facilitam o progresso.

Os segundos affirmam pertencer ao trabalhador, como agente da produção, o producto obtido, cabendo apenas ao capitalista que entrou com o elemento passivo — o dinheiro — a retribuição pura e simples do capital empregado e, de fórma alguma, o lucro realizado.

Emquanto uns reclamam inteira liberdade para o Capital de cada um, outros querem que o Capital seja todo pertencente á collectividade, nas mãos do Estado.

Aos que negam aos trabalhadores qualquer direito de ingerencia nos negocios da produção, oppõem-se os que pregam o direito das massas de se apoderarem dos instrumentos da produção, entre as duas correntes extremas existindo grande numero de outras que defendem ora o systema do accionato (segundo o qual pelo seu trabalho, os operarios receberiam periodicamente acções da empresa), ora o da participação nos lucros, ora o da co-propriedade.

Ninguém ignora a peleja que, por toda a parte, agita os povos em torno das soluções para o conflicto entre o Capital e o Trabalho.

c) — *Concorrença e Cooperação.*

Defensores dos principios individualistas, os liberaes apresentam a concorrência como a unica solução aos problemas das relações economicas. Para elles, não devem ser postas limitações á marcha do homem em busca da riqueza: "Laissez faire, laissez aller" — é a maxima que tudo deve regular.

As iniciativas individuaes, dizem, produzirão n'um rythmo natural, a harmonia dos interesses. Além disso, a concorrência estimula a marcha do progresso acarretando, portanto, maior somma de bens para a collectividade. Tudo isso é falso, é utopico — garantem 'outros. A concorrência permite que os mais fortes esmaguem os mais fracos e as consequencias desta injustiça são nocivas á paz social. A collectividade fica sujeita ás imposições arbitrarías do vencedor na lucta dos mercados. A cooperação, sim, dizem elles, é a solução natural, humana, porque o verdadeiro progresso não consiste na existencia de grandes riquezas ao lado de misérias maiores, mas na convivencia de riquezas médias que permitam o bem estar do maior numero. Só a cooperação facilita a execução das grandes obras de interesse colectivo e o florescimento das pequenas propriedades que constituem a base da riqueza geral.

Os partidarios de uma e outra solução multiplicam seus argumentos e prosseguem no debate que já vem de longe.

d) — *Direito de Propriedade.*

A discussão sobre o direito de propriedade e de suas diversas formas foi e continua a ser do mais palpitante interesse. Elle tem sido motivo de luctas sangrentas e ainda é objecto de acalorado debate e de grandes movimentos sociaes.

Uns defendem a propriedade privada, outros a querem collectiva e outros ainda a não acceitam nem sob uma nem sob a outra fórma. Ha os que apontam a propriedade privada como responsavel por toda esta crise social em que vive a humanidade, enquanto outros sustentam ser ella a base necessaria á vida da Sociedade, o fundamento mesmo da Civilização. Argumentam uns, constituir a propriedade privada uma fonte de injustiças porquanto entre os que possuem e os que não possuem estabelece-se desigualdade revoltante que divide o mundo em classes antagonicas. Dizem outros que o direito de possuir é corollario logico do direito primacial da creatura humana a viver. Assim a propriedade privada constitue a base material indispensavel á vida do homem, dá-lhe a estabilidade que permite as creações espirituaes e confere-lhe um sentimento de dignidade que o ennobrece. Além disso, pela transmissão aos filhos, a propriedade, evitando novo esforço inicial, faculta realizações uteis ao progresso e condições mais faceis de aperfeiçoamento intellectual. Dizem, porém, ainda outros que os abusos do direito de propriedade geraram males sem conta e que a Sociedade não pode continuar a viver tendo a corroel-a este contraste tragico entre um pequeno grupo que possue desmesuradamente e uma grande maioria que nada possui.

O abuso precisa pois ser remediado. Assim, a propriedade privada não deverá ser abolida, affirmam elles, porque, na verdade, sua posse corresponde aos impulsos profundos da natureza humana, mas deverá ser disseminada de fórma a que o maior numero possivel venha a ser tambem proprietario.

Além dessas attitudes principaes em face do problema da propriedade, numerosissimas outras existem dentro dos limites traçados pela extrema que pleiteia a abolição radical e a outra extrema que defende o principio romano do "uso e abuso". Cada partido, cada ideologia apresenta a sua solução e com isso o caos augmenta, a inquietação se agrava.

e) — *A Família.*

Eis outro importante thema em volta do qual se chocam as mais diversas opiniões. A elle se prende este acalorado debate que por toda a parte se ouve a respeito da autoridade paterna, da educação dos filhos, das relações conjugaes, do divorcio, do voto feminino, etc.

Aos que reclamam contra a indisciplina do Lar, contra a falta de autoridade dos paes, que dizem existir actualmente, retrucam os que julgam a situação actual muito differente da antiga quando toda a economia domestica gravitava ao redor dos haveres paternos.

Hoje em dia, affirmam, os filhos muitas vezes concorrem para o sustento da casa e a esta responsabilidade deverá corresponder liberdade equivalente. Outros, em face disso, condemnam o systema capitalista actual que produzindo a instabilidade economica do Lar anarchisa-o moralmente e annulla o valor politico da "cellula vital" da Sociedade.

O problema da educação provoca nova disputa e das mais graves consequências. Sabem os partidos e os ideologos que a victoria pertencerá amanhã aos que hoje conseguirem influir na educação da juventude. Vê-se, por exemplo, tanto na Russia Sovietica como na Italia Fascista, o Estado educando os jovens, desde muito cedo, no sentido das respectivas doutrinas como penhor seguro da continuidade da situação dominante.

Contra essa intromissão do Estado reagem os que affirmam pertencer aos Paes o direito de educação dos filhos, só a elles competindo orientar na vida os fructos do seu amor. Mas ha tambem os partidarios de uma solução mais complexa segundo a qual o direito de educação cabe em principio, aos Paes, garantido, porém, á Religião o direito de assistencia moral e ao Estado o de assistencia technica.

N'outro sector dos problemas da familia, emquanto uns defendem o character sacramental do Matrimonio, a indissolubilidade dos laços conjugaes e a fidelidade perpetua entre os conjuges, outros veem no Casamento um simples contracto apto a ser rescindido como qualquer outro. Para uns, o Divorcio é uma chaga social, creando a multidão de filhos sem assistencia dos paes,stituindo a Mulher, aniquilando a familia e, consequentemente, anarchisando a sociedade de quem ella é o grupo fundamental. Outros, ao contrario, encaram o Divorcio como a salvaguarda da felicidade dos conjuges e, portanto, da harmonia do Lar e da tranquillidade social.

Contra os que pretendem ver a Mulher envolvida nas questões politicas, exercendo o direito de voto, como os homens, levantam-se aquelles que sustentam dever ser a acção da Mulher limitada ao Lar, constituindo a intromissão feminina no terreno politico motivo certo de abandono dos deveres domesticos com prejuizo para a Familia e a Sociedade.

f) — *O Estado.*

O Estado deve existir ou convem que seja abolido?

Elle é um bem, um mau, uma necessidade apenas toleravel?

Como deverá ser organizado?

Quaes os limites de suas attribuições?

Terá o direito de intervir na vida economica ou deixará completa liberdade aos individuos?

Eis problemas extremamente graves discutidos apaixonadamente e com soluções apresentadas por um sem numero de escolas, ideologias, partidos e systemas politicos.

E' mesmo difficil eschematizar, como temos feito, posições e argumentos principaes.

Uns pregam a abolição do Estado e de qualquer fôrma de autoridade, enquanto outros encarecem a necessidade de seu fortalecimento e outros ainda toleram-no como instrumento de passagem para uma sociedade futura em que elle será inutil.

Aos que reputam o Estado um regulador indispensavel á vida das collectividades, sem a existencia de cuja autoridade seria impossivel a existencia de qualquer sociedade organizada, constituindo elle, portanto, um grande bem, retrucam outros dizendo ser o Estado um instrumento das classes ricas e poderosas para manter sob seu dominio as classes desfavorecidas, o que é uma injustiça, um mal que não deve persistir, e outros ainda acham que o ideal seria a completa liberdade do individuo sem a autoridade do Estado a embarçar-lhes as iniciativas mas que sendo isso impossivel, na realidade, suas attribuições deverão ser restringidas ao minimo, a funções meramente policiaes. A solução, dogmatisam, porém, outros é, pelo contrario, a intervenção decisiva do Estado na vida economico-social da collectividade para evitar o choque brutal dos interesses, defender moral, intellectual e materialmente a comunidade, promovendo o seu progresso e aperfeiçoamento e estabelecer as regras de conducta que não permittam as injustiças sociaes.

Isso, no entanto, não consegue fazer calar os que sustentam ser sempre desastrosa a intervenção do Estado na vida economica e faltar-lhe autoridade social para garantir a justiça sendo, como dizem ser, presa constante de um partido, de uma oligarchia ou de uma classe.

Visto assim, atravez de alguns dos seus problemas mais tementosos, o chaos em que se debate o pensamento social moderno, examinemos ligeiramente as principaes observações que saltam ao espirito após esse contacto com as opiniões contradictarias que focalisamos.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Estas observações têm por fim orientar-nos na apreciação methodica do caminho que acabamos de percorrer, numa visão retrospectiva das analogias que se destacam do conjuncto.

a) — *Liberdade de Opinião.*

Os que agitam e discutem os problemas, apresentando soluções as mais contradictorias, numa cousa, entretanto, estão de accordo: é quanto ao direito que todos elles dizem ter de dar sua opinião.

Se o objecto da discussão fosse uma questão de chimica, de zoologia, de astronomia, toda a gente concordaria que só deveriam ser chamados a fallar os iniciados na materia, os especialistas — chimicos, zoologos ou astrónomos — a elles cabendo resolver as duvidas ou aprofundar o seu estudo.

Nenhum leigo teria a pretensão de fazer barulho contrariando as afirmações dos scientists. Em Sciencia Social — estudo que por ser mais complexo exige, por isso mesmo, reflexão mais accurada, investigações maiores e grande prudencia — todo o mundo, porém, se julga com o direito de dar sua opinião, apresentar soluções e bater-se para que ellas sejam victoriosas. Qualquer phenomeno social é debatido indistinctamente por litteratos e artistas, reporters e gymnasiaes, patrões e operarios, semi-analphabetos e sabios, jovens e velhos, homens e mulheres.

Deante de tal licença, o espantoso seria que não reinasse a maior confusão.

b) — *Justificativas.*

Em face de tal facto ou de tal programma, raros tratam de observar, comparar, meditar seriamente. As adhesões dependem antes das impressões recebidas, das circumstancias de ordem sentimental.

Todos, porém, encontram justificativas para suas opiniões, suas attitudes, seus pontos de vista. Os “grandes principios”, muitas vezes, servem de bandeira. Este affirma que tudo é uma questão de “Liberdade”. Pelo contrario, exclama o outro, o problema actual é o da “Autoridade”. “Deus, Patria e Familia” é o nosso lemma, dizem uns. “Pão, Terra e Igualdade” eis a nossa divisa, retrucam aquelles.

E assim as phrases se succedem e, como consequencias, os programas, as opiniões firmadas sobre todos os problemas. Os preconceitos crescem e as intransigencias se accentuam.

O mais ligeiro raciocinio revelaria a insensatez de muitas “formulas salvadoras”. Mas ellas são commodas e traduzem, ás vezes, os interesses de classes ou o estado moral de certos ambientes, como veremos a seguir.

c) — *Visão deformada e suas determinantes.*

Difficilmente os homens conseguem escapar á influencia que sobre suas convicções exercem o ambiente e os proprios interesses. Isso leva-os a ter communmente uma visão deformada dos problemas sociaes:

Aqui, é o politico derrotado a bradar pela liberdade de critica aos actos do governo, esquecido da censura que impoz quando estava no poder. Ali, é o proprietario a defender calorosamente o direito de propriedade como elemento fundamental da ordem e da civilização sem ver que com elle a desordem não deixou de precipitar-se sobre o mundo ao clamor dos miseraveis e esta civilização resultou na mais tremenda crise da historia.

Adeante, é o trabalhador revoltado a pregar a fartura, a liberdade, a ordem, a fraternidade, a sociedade feliz que advirá com a victoria do communismo, na crença utopica dos milagres sociaes e na sinceridade absoluta dos que lhe transmittem taes previsões. Mas o seu estado de miseria facilita a crença e a revolta.

E assim, determinantes particulares justificam um sem numero de illusões, de theses e de argumentações vasia.

Mas todos fallam sem cogitar dos factores que os impellem neste ou naquelle sentido e com um optimismo enternecedor julgam facilmente solucionavel, com os seus Programmas os males da Sociedade.

d) — *Conclusão.*

Das breves observações que vimos de fazer sobre a maneira porque são acceitas, expostas e defendidas as idéas em questão no pensamento social, poderemos concluir que, não raro, a ignorancia, a insinceridade e a imaginação constituem os elementos fundamentaes das opiniões emitidas.

Isso, porém, não constitue motivo de desanimo.

Não passaram por embaraços menores as demais sciencias.

Antes que a Physica, a Chimica, a Astronomia chegassem ao grau scientifico que desfructam actualmente, com leis estabelecidas e methodos seguros de investigação, estiveram sujeitas a toda a sorte de phantasias durante longos annos.

Não é de extranhar pois o que acontece com a Sciencia Social, sobretudo se levarmos em conta a sua grande complexidade.

Spencer classificava em duas classes as difficuldades no estudo dos problemas sociaes: objectivas e subjectivas. As primeiras oriundas da propria natureza dos factos e estudar, da impossibilidade de examinal-os completamente e com a precisão necessaria. As segundas, como fructo das disposições pessoas do investigador, difficilmente dominadas.

Dahi affirmar Paul Bureau que "o problema a resolver não é o de um systema a inventar, mas o de um methodo a applicar".

A procura desse methodo tem sido o grande objectivo dos sociologos, desde que Comte e Le Play concluíram pela necessidade e possibilidade da observação scientifica dos phenomenos sociaes atravez de processos semelhantes aos das outras sciencias.

(No proximo numero, o 2.º Capitulo).

Livros á venda na "A DEFESA NACIONAL"

Major Araripe — <i>Escola do Pelotão</i>	10\$000
» » — <i>Combate e Serviço em Campanha</i> ..	10\$000
Major Od. Denys — <i>A Instrução na Infantaria</i>	10\$000
Cap. Del Corona — <i>Caderneta do Infante</i>	10\$000
Maj. Danton Teixeira — <i>Historia Militar do Brasil</i>	10\$000
Cap. João Ribeiro Pinheiro — <i>Como organizar uma</i> <i>Sub-Unidade</i>	8\$000
Cap. Nelson Demaria Boiteux — <i>Ordem Unida</i>	8\$000
Cap. Delmiro de Andrade — <i>A Secção do Comando</i> <i>no Batalhão</i>	8\$000
Ten. Danilo Paladini — <i>O Official de Informações</i> ...	8\$000
Caderneta de Ordens e Partes.....	8\$000
(Blocos avulsos).....	2\$000
Curso de emprego das armas — <i>Ten. Cel. P. Langlet</i>	6\$000
Gen. Góes Monteiro — <i>O Elogio de Caxias</i>	2\$000
Cap. Eduardo Peres Campello — <i>Tiro indirecto de</i> <i>metralhadora</i>	2\$000
Maj. Dr. Marques Porto — <i>Attestado de origem</i>	2\$000
<i>Armamento Portatil</i>	8\$000
Caderneta do Commandante.....	1\$000

Pelo correio mais 1\$000.

Guia para a instrucção militar, do Cap. Ruy Santiago, 10\$000, pelo correio mais 1\$000.

Guia pratico para o recruta, Alexandre Fernandes, 2\$000 pelo correio mais \$500.

Notas sobre o commando do batalhão no terreno — Cmt. Audet, 3\$000, pelo correio mais \$700.

Adestramento para o combate, General Paes de Andrade, 3\$000, pelo correio mais \$500.

O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia, General José Pinto, 4\$500, pelo correio mais \$600.

Combate e Serviço em Campanha, Cap. Aurelio Py, 5\$000.

Instrucção de Transmissões, Cap. Lima Figueiredo, 6\$000.

Tiro de metralhadora contra aviões que voem baixo, Cap. Salvaterra, 3\$500.

SESSÃO PREPARATORIA

Cap. ILIDIO ROMULO COLONIA

Trabalho Physico	Natureza e composição da sessão preparatoria		Obs.
Sessão de estudo ou lição de educação physica	Sessão preparatoria normal	Evoluções Flexionamento de braços > > pernas > > tronco > > combinados > > assymetricos > > caixa toracica	
Sessão de jogos	Pequena sessão preparatoria	Evoluções Flexionamento de braços > > pernas > > tronco > > caixa toracica	A sessão é pequena quanto a redução das especies de flexionamento e do numero das repetições de cada especie.
Sessão de desportos individuaes.	Si ainda não houve trabalho physico no dia	Sessão preparatoria normal Si se trata de sessão completa — seguida de educativo do desporto; Si se trata de sessão de estudo — sem os educativos.	
	Si já houve trabalho physico no dia.	Sessão preparatoria reduzida aos flexionamentos que mais interessam as articulações e massas musculares postas em jogo pelo desporto Idem	A sessão é reduzida no numero das especies de flexionamentos, mas não no numero das repetições de cada flexionamento.
	Quer tenha havido trabalho physico, quer não.	Natação—Sessão preparatoria reduzida } aos flexionamentos de braços, pernas, tronco e caixa toracica, ou ao estudo a secco dos nados. Remo—Sessão preparatoria de 10 minutos, compreendendo flexões e extensões dos membros e do tronco, bem como flexionamentos da caixa toracica. (Egrima—Sessão preparatoria, compreendendo: corrida muito curta, saltos successivos, flexionamento de braços e pernas, exercicios preparatorios.	
	Casos especiaes.	Pesos e alteres— Sessão preparatoria normal, sempre que possivel, de modo a interessar a toda musculatura.	
Sessão de desportos collectivos	Casos normaes—pequena sessão preparatoria, como na sessão de jogos	Si for sessão completa—seguida de educativos do desporto. (Si for sessão de estudo—sem os educativos.	Sessão preparatoria viva deve significar sessão preparatoria rapida, isto é, com o rythmo acelerado, afim de permitir a equipe estar em ação desde o inicio da competição. E' como si se tratasse de sessão preparatoria com o tempo frio.
	Basket-ball— Sessão preparatoria rapida, seguida de lances á cesta. Casos especiaes (competições) Foot-ball e Rugby Sessão preparatoria bastante viva (rapida), compreendendo: flexionamento de braços, pernas e tronco; corridas rapidas de 20 a 30m. respirar amplamente; manejo rapido da bola. Water-polo — Sessão preparatoria com os caracteristicos da sessão de natação.		

SECÇÃO DE PEDAGOGIA

Redactor : JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

*"N'oublions jamais q'être officier c'est,
avant tout, être instructeur et éducateur"*

Marechal PÉTAİN

A PEDAGOGIA E OS SEUS FACTORES

Pelo Cap. _____
JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

Definição historica — Do grego — pedagogia — a arte de ensinar e educar.

Arte e sciencia.

Arte — quando estabelece certas regras oriundas da experiencia para dirigir determinada educação.

Sciencia — quando estuda as razões dessa educação.

Modernamente — entre os grandes nomes da pedagogia moderna, um ha que sobreleva os demais — John Dewey — cujas idéas são as mais condizentes com a civilização dos nossos dias. Diz elle, definindo a pedagogia moderna: "No plano humano o agir e o reagir ganham mais larga amplitude, chegando, não só á escolha, á preferencia, á selecção possiveis no plano puramente animal, como ainda á reflexão, ao conhecimento e á reconstrucção da experiencia. Experiencia não é, portanto, alguma coisa que se opponha á natureza, — pela qual se experimente, se prove a natureza. Experiencia é uma phase da natureza, é uma fórma de inter-acção, pela qual os dois elementos que nella entram — situação e agente — são modificados".

Aprender na fórma educativa moderna é ter experiencia. Hart classificou a experiencia em tres typos: 1.º, a que apenas temos sem conhecer seu objecto (a criança ao nascer tem fome sem saber a razão); 2.º, experiencia por apresentação consciente (ganha pela intelligencia e usada na indagação da propria realidade, que escolhe meios e selecciona factores); 3.º, a experiencia que leva ao experimento de coisas incertas, que sente vagos anseios, que faz o homem inquieto e insatisfeito, empenhado constantemente na revisão da sua obra.

A experiencia humana fornece o material para a nossa experiencia actual; se nos privassemos della o homem voltaria á vida selvagem. Devemos, pois, aproveitá-la em tudo, pois nella se fundam os habitos mentaes, laboriosa e longamente adquiridos. Dahi exigir a Escola Activa que se aprenda por experiencia, realizando a sabedoria que vivia no empirismo popular.

Assim, synthetizando: Vida = Experiencia = Aprendizagem.
Simultaneamente, vivemos, experimentamos, aprendemos.

A experiencia educativa:

A experiencia educativa é experiencia intelligente, tendente ao enriquecimento do espirito. Educar é dar experiencia no sentido espiritual, no sentido humano. Ha que considerar que a vida de um ser humano não é mais do que um laboratorio da experiencia da longa cadeia da vida animal, que se repete syntheticamente, já no facto psychologico, já no facto physiologico em cada homem. Exemplifico: o embyrão humano perde a cauda pouco tempo antes de nascer e aos tres mezes de vida uterina tem guelras como peixe. Desde o nascimento que o homem repete psychologicamente a sua evolução. Assim, na criança observamos tres phases distinctas: a) a phase animal; b) a phase selvagem; c) a phase infantil.

Aprendizagem:

Ha cinco typos de aprendizagem: 1.º, só se aprende o que se pratica; 2.º, mas não basta praticar, é preciso fazer a reconstrucção consciente de experiencia; 3.º, aprende-se por associação; 4.º, nunca se aprende uma coisa só (uma lição de physiologia explica um movimento gymnastico e, ao mesmo tempo, produz uma sensação de agrado ou desagrado — notamos tres actos distinctos); 5.º, toda aprendizagem deve ser integrada, isto é, adquirida em uma experiencia real da vida. (A idéa da velha escola, que a educação era uma "preparação para a vida" foi abolida, porque cada aprendizagem era adquirida isoladamente, sem connexão e sem nenhuma realidade presente. Obrigando depois ao alumno a combinar, recompor, constituir o todo real).

No ponto de vista physico estabeleceram-se os seguintes principios para a aprendizagem: a) sempre que a actividade physica tem que ser aprendida tem valor intellectual; b) os órgãos dos sentidos são simplesmente os caminhos dos estímulos para as reacções motrizes; c) os seus conhecimentos e desenvolvimentos occorrem pela adaptação do estímulo sensorial e da reacção motriz. (As qualidades sensoriaes da cor, som, tacto, etc. não são importantes pela sua simples recepção e conservação, mas pelas suas connexões com as diversas fórmulas de "comportamento", que nos asseguram o controle intelligente da existencia).

A doutrina do interesse:

A doutrina do interesse não é uma chave de processos pedagogicos; é apenas um conselho, uma directiva, que permite a formação do ambiente necessario para que se desenvolvam os impulsos naturais e os hábitos já adquiridos, na medida que forem desejaveis, encontrando assim

a materia e fórma pessoas de habilidade, o elemento propulsor que os faz desenvolver efficientemente.

O esforço:

E' a continuidade, a persistencia em face das difficuldades. Elle não tem significação em si mesmo, mas vive pela relação com uma actividade cujo progresso elle promove. E' uma combinação peculiar de tendencia e conflicto (desejo e aborrecimento). A necessidade delle leva á reflexão, porque exige meios de tornal-o menos penoso. Assim, o bom ensino deve captar as boas iniciativas oriundas do esforço.

O esforço contra o interesse:

Os professores devem combater as falsas vocações. A theoria do esforço contra o interesse natural de aprender uma coisa para ganhar apenas titulo ou as vantagens de um curso deve ser arrazada a todo transe. Porque ella torna o homem estreito e fanatico no seu egoismo, obstinado e irresponsavel nos seus designios materiaes. Só deve haver um esforço, o esforço de "aprender" o curso, realmente, dentro da directiva do interesse mental de cada um. O resultado de um ensino controlador dessas tendencias leva a uma perfeita dissecação da energia interior. "Interesse" significa actividade unificada — integrada. Ha que distinguir e combater as duas phases perniciosas da pedagogia antiga, contrarias a elle: a) pedagogia sentimental; b) pedagogia disciplinar (que deveria se chamar penitenciaria).

A pedagogia moderna deveria se chamar a "pedagogia do interesse", interesse no bom sentido, no alto, no bello, no grande sentido da collectividade humana.

Motivação:

O instructor nunca deve dar nenhuma aula sem expor succintamente a sua razão de ser. Mormente para homens de mentalidade formada dá sempre máu resultado o uso de uma autoridade intellectual sem logica e sem clareza.

Os tres elementos da pedagogia:

A pedagogia dispõe de tres elementos para a acção pratica e constructiva: 1.º, o seu agente; 2.º, a fórma de transmissão; 3.º, o objecto. Synthetizando: aula — instructor — classe.

A aula:

O professor deve ter em conta de nunca prolongar uma aula além de 45 minutos. Nenhuma attenção voluntaria supportaria mais tempo. Si o assumpto fôr arido deve didivil-a em partes, illustrando-a com factos

concretos, diagrammas, anedoctas, etc. O professor, em geral, expõe varios meios pedagogicos geraes, que são em resumo: 1.º, o exemplo pessoal (repetição e imitação); 2.º, conhecimentos (differenciação e concentração intellectual); 3.º, direcção (vigilancia); 4.º, trabalho; 5.º, habito.

O instructor:

Condições fundamentaes: 1.ª, personalidade idonea e aptidão natural; 2.ª, conhecimento do methodo e sua habil applicação pratica. A primeira condição pedagogica incluye a personalidade do instructor, a sua perspicacia, alvitre e dedicação. Essas qualidades não podem ser ensinadas, sujeitas a definição ou regulamentação. Muitas vezes aquellas que fazem um instructor ter exito fazem outro fracassar. Em nenhuma profissão o factor vocacional tem maior importancia do que no ensino. A maior parte das occupações trata de relações entre distinctas pessoas, sobre coisas materiaes, mas no ensino a materia usada é a propriamente do individuo e a personalidade do instructor é o grande factor de victoria. Entre as qualidades pessoasas que contribuem para o exito de instructor nomearemos: paciencia, bom humor, tolerancia, dominio proprio, imparcialidade, liderança, entusiasmo, energia, presteza, boa apresentação e boa voz. Essas qualidades, quando potencias, podem ser desenvolvidas com energico trabalho e uma orientada força de vontade.

Personalidade do instructor é o factor mais importante; sem ella nada valerá o preparo technico e fracassa muitas vezes uma grande habilidade de ensinar.

A classe — Direcção e controle

Seja qual for a materia a ensinar, é imprescindivel que o instructor tenha o controle de sua classe. E' evidente que para conservar e obter o dominio de sua classe não se formaram ainda methodos pedagogicos, pois depende de muitos factores: habilidade e energia do instructor, o interesse da classe oriundos do comportamento moral do instructor e do seu preparo. Alguns instructores, erradamente, mantêm este dominio usando ou, melhor, abusando de uma autoridade arbitraria. Esse meio é indigno e demonstra no instructor falta de recursos pedagogicos. O interesse de saber conscientemente aquillo que encerra o curso em sua finalidade pratica deve ser o norte, para o qual o instructor deve guiar o alumno, procurando contagiar-lher o seu poprio interesse, demonstrando uma boa vontade e um prazer pessoal continuos, já nas explicações, já no desenvolvimento normal das aulas. O instructor não deve ter a pretensão de ser infallivel. Quando commetter qualquer falta é necessario que a reconheça e a corrija lealmente em lugar de procurar encobri-la. (Geralmente a turma descobre e despreza os professores que

erram com attitudes de basofia, ou aquelles que, não tendo a autoridade do seu preparo, vivem num ambiente de falso prestigio, dado pela ameaça das notas de sabbatina). No principio do curso, o instructor deve dar uma explicação, ou, melhor, uma "motivação" geral do que pretende fazer, de accordo com o discernimento da classe. Nessa occasião o instructor deve franca e simplesmente pedir a cooperação de todos para o beneficio commum, ao invés de tomar attitudes dogmaticas e vaidosas. Daquella maneira estabelecerá um espirito de cooperação inicial, que será imitado pelos alumnos novos.

Disciplina e attenção:

Um dos elementos fundamentaes, no dominio pedagogico, é a boa ordem, a attenção conjuncta da classe, ou, no melhor sentido — a disciplina; todavia ella deve ser positiva e não negativa. O estado "positivo" é uma consequencia da constante preocupação do instructor, que deve com habilidade evitar os incidentes communs de disciplina. A's vezes uma palavra, um olhar não severo, evita uma critica de disciplina; e, ás vezes, este olhar e esta palavra mostram pessoalmente que o instructor viu e que não quiz censurar, tendo geralmente uma attitude assim efficiencia maior que as attitudes theatraes com grandes gestos e com grandes gritos. Nunca deve o instructor perder a calma ou demonstrar qualquer animosidade pessoal; esforçar-se-á summamente para não praticar injustiças. As correcções em commum devem ser dirigidas em geral com chiste, com ironia; uma phrase ironica tem sempre mais effeito do que uma palavra aspera.

Como já disse, a attenção em aula deve ser positiva e não negativa; principalmente entrê homens a responsabilidade definida onde não se trata de portar-se mal ou bem, mas de aprender efficientemente e ser lesto. E' um problema tambem de real importancia na pedagogia conseguir captar as idéas dispersas de um grupo de individuos heterogeneos. E só a "doutrina do interesse", habilmente combinada com os elementos psychologicos de cada um, é que poderá dar um verdadeiro exito pedagogico ao instructor, que tem nisso a sua verdadeira prova de vitalidade, força de vontade, energia, paciencia e technica da arte de ensinar. E', aliás, a essencia da arte de ensinar...

Não é razoavel nem coherente esperar que isso se produza por milagre e subitamente. Nas aulas praticas, por exemplo, o simples silvo de um apito é um elemento disciplinador. O instructor ainda pôde usar das competições e outros meios para que se produza com rapidez a ordem.

Leaderança energica e relações amistosas. A condição mental e phisica do instructor, exteriorizadas na sua attitude e apresentação perante á turma tem uma grande influencia sobre a mesma. Se o instructor se apresentar nervoso, irritado, cansado, ou distrahido, invariavelmente

essa condição será reflectida na classe. Além das condições mentaes descriptas anteriormente, o instructor deve aliar a ellas uma excellente apparencia physica. Dentes claros, cabello impeccavel, roupas perfectas, barba bem feita, emfim, o asseio pessoal devem constituir um estimulo; quiçá um exemplo que evita o "plano inclinado" do ridiculo.

E' muito util uma participação vigorosa nos exercicios por parte do instructor, quando a classe é novata, devendo ter elle uma constante boa postura obrigando os alumnos a viverem num ambiente de interesse e produzirem o consequente esforço paralelo. Nas aulas oraes theoricas, formará collegiadas, dando themas, ou theses, ora servindo de juiz, ora entrando com argumentos felizes ao lado da turma mais fraca. A suggestão de energia e vigor pode ser dada pelo profundo conhecimento da materia e pela boa entonação de voz. O instructor, geralmente, aspira ser popular entre seus homens. Esse desejo é recommendavel; todavia cumpre não confundir popularidade com intimidade; a popularidade do instructor deve basear-se no respeito pelas suas qualidades technicas, e ella de nada valerá, se não for usada em beneficio da efficacia da sua obra. Erra grosseiramente o instructor que pensa que a popularidade é sacrificada pelo facto de exigir ordem e estudo. Pelo contrario, uma classe de homens só pode admirar aquelle que realmente cumpre o seu dever de homem. O instructor deve conhecer o limite dos seus alumnos quanto ao trabalho e tambem quanto ao comportamento. Deve alentar os atrasados no acto de corrigir, mas corrigir com espirito de auxiliar e não de punir. O pronome pessoal deve ser evitado a todo custo; nunca dizer: "eu quero que se faça isto".

Há na Europa um idioma que — talvez o unico no mundo — não possui maldições nem pragas. E' o idioma da ilha de Man, pequeno territorio que tem, igualmente, o privilegio de outra raridade sem par — a dos gatos sem cauda.

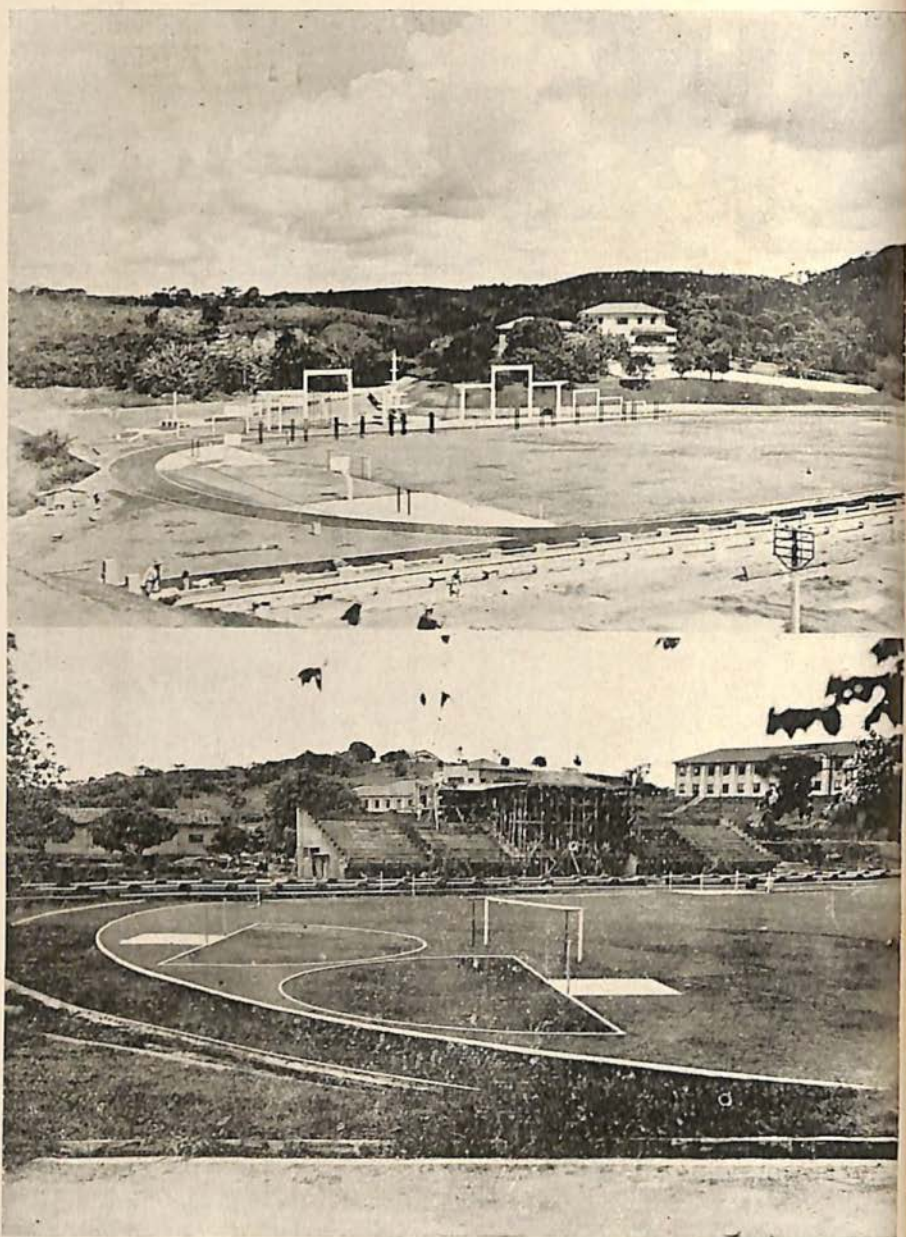
Os primitivos habitantes dessa ilha, situada no canal da Mancha e pertencente á Inglaterra, fallavam uma lingua não conhecida ao certo, mas provavelmente scandinava. Não ha nella um só vocabulo que sirva para manifestar colera ou mesmo impaciencia.

DIA DA PATRIA



A Escola Militar, o 3.º R. I. e o Batalhão de guardas desfilando perante às altas autoridades do país.

ESTADIO GUARARAPES



Graças à dedicação e ao patriotismo do General Manoel Rabello, a 7.^a Região Militar sofreu um impulso animador. As construções da Villa Militar e do estadio fornecerão ambiente agradável para o trabalho de preparar defensores da Pátria.

NOTICIARIO E VARIEDADES

As commemorações do Dia da Pátria

As commemorações do "Dia da Pátria" corresponderam plenamente ao desejo daquelles que se esforçaram, este anno, para dar-lhes um brilho novo e compativel com a grandeza do seu significado civico.

Não sómente nesta capital, como nos Estados e, o que é muito mais, nas cidades do interior, o povo brasileiro, unido pela communhão dos mesmos sentimentos, externou, das mais variadas fórmãs, o seu jubilo patriótico.

O desfile militar da manhã de sete culminou as celebrações da data. A marcialidade dos soldados provocou da população as mais intensas manifestações de enthusiasmo. Os aviões, que encheram os céos, em formações esplendidas, igualmente despertaram entre todos grande admiração pela pericia e bravura dos pilotos brasileiros.

As ceremonias publicas tiveram extraordinaria concurrencia e, durante todo o dia, as ruas estiveram cheias de uma multidão ruidosa e alacre, que não perdia occasião para testemunhar o seu contentamento civico.

Honramos a lembrança dos nossos maiores que fizeram a Independencia e aproveitamos a ephemeride para exaltar todos quantos têm concorrido para fazer o Brasil maior e mais poderoso pelos nobres sentimentos de justiça do seu povo.

E' de esperar que, nos annos vindouros, a "Semana da Pátria" seja celebrada com iguaes demonstraões de alegria civica, porque essas grandes festas traduzem, antes de mais nada, o legitimo orgulho da patria brasileira e a consciencia do immenso bem que o destino nos deu para engrandecer e transmittir aos vindouros como o nosso maior legado.

* * *

No ponto de vista militar a revista e o desfile muito agradaram. Pode-se dizer que toda a tropa, sem discrepancia, apresentou-se bem.

Na infantaria, sobretudo, a formação em massa, permittiu um aspecto de maior imponencia e fez desaparecer senões, inevitaveis nas formações que têm sido adoptadas anteriormente.

Em algumas unidades, como principalmente a Escola Militar o Batalhão Escola, o Corpo de Alumnos Sargentos e o 3.º Regimento de Infantaria, nas quaes a optima impressão de conjuncto se alliava perfeita correcção na execução individual, o effeito conseguido foi admiravel, pelo enthusiasmo, energia e uniformidade dos movimentos.

Das armas montadas tambem foi optima a impressão, pelo garbo, meticoloso cuidado na apresentação dos homens, da cavallhada e do material. Pena é que não tenha sido possivel fazel-as desfilar a trote, para augmentar o effeito dessa apresentação.

Merece especial relevo o 1.º G. A. P. que se apresentou motorizado inteiramente e sob fórma brilhante.

O desfile revelou grande progresso na instrucção da tropa e a pre-occupação dos seus quadros de dar ao povo a impressão do valor de seu trabalho. Por isso, devem todos estar de parabens, pelo enthusiasmo e aclamações que souberam despertar na massa popular, que aliás, digamos de passagem, nem sempre tem sabido corresponder aos sacrificios que semelhantes apresentações impõem.

Cabe-nos ainda assignalar a brilhante cooperação prestada pelo Corpo de Fuzileiros Navaes, a Escola Naval, o Corpo de Marinheiros Nacionaes, o Centro de Preparação de Officiaes de Reserva, o Corpo de Bombeiros e a Brigada Policial, todos impeccaveis nos movimentos e no aspecto verdadeiramente marcial dos seus conjunctos.

Finalmente, é justo que saliente a perfeita organização do desfile, pois, apesar do grande effectivo do Destacamento do Exercito, o escoamento se processou com perfeita regularidade, a relógio, o que não é commum e o que serviu para tornar mais segura a impressão de todos que assistiram a essa movimentada demonstração, que deve constituir motivo de justo orgulho para o Exercito, a Marinha e a Brigada Policial do Districto Federal.

PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

A' venda na "A Defesa Nacional"

Manual do Granadeiro.....	3\$000
Mementos de ordens de Infantaria (1.º e 5.º).....	3\$000
» » » » (2.º e 3.º).....	1\$500
» » » » (8.º, 9.º, 10.º, 11.º e 12.º)....	1\$500

PELO CORREIO MAIS 500 RÉIS

Situação das Polícias Militares

Certos forjadores impenitentes de intranquilidades, visando manter sempre em ebulição, a opinião publica, estão agora agitando a questão da situação das Policias Militares Estaduaes em face da carta Magna, ora em vigor.

Entre conceitos deliberadamente inveridicos e refalsados e insidiosas perfidias, que já não podem esconder os intuitos da sordida e impatriotica politicagem que se engendra e vehicula, fazem crêr aos profissionaes das dignas corporações policiaes, forças auxiliares do Exercito Nacional, que, o governo federal, através do Estado Maior do Exercito, tem a intenção de diminuir-lhes a efficiencia bellica, ferindo direitos adquiridos, conveniencias materiaes e prerogativas sociaes.

Não se passa nada disso.

A Constituição Federal, em seus artigos 159 e 167, legisla a respeito da situação das Policias Militares, relativamente aos interesses nacionaes, entregando aos órgãos competentes, o estudo e a coordenação das questões attinentes á segurança nacional.

Os órgãos competentes são:

a) O Estado Maior do Exercito — órgão technico por excellencia, que funcçiona permanentemente, orientado pela doutrina civica da Maior Brasilidade e que não soffre solução de continuidade em seus trabalhos, nem está subordinado ás colleantes fluctuações dos interesses regionaes ou partidarios por isso que, norteia-se exclusivamente, pela divisa: "Tudo pelo Brasil Unido e Soberano".

b) O Conselho Superior de Segurança Nacional — órgão coordenador de todas as actividades que respondem pela Defesa Nacional.

c) outros órgãos com attribuições secundarias, nesta importantissima finalidade nacional.

O Brasil não pode, absolutamente, desconhecer a actuação patriótica de suas forças estaduaes, nas diversas occasiões em que tem reccorrido ao seu valioso e efficiente concurso, tão abnegadamente prestado.

Elle não só confirma o bom conceito, em que tem as Forças Auxiliares do Exercito Nacional — As Policias Militares, como tambem o proclama, com toda a justiça sincera e orgulhosamente, e por todos os meios de divulgação, a seu alcance taes como: jornaes, revistas, órgãos de classe, leis federaes, etc. etc.

O Estado Maior do Exercito, chamado a dar parecer sobre um projecto em andamento no Congresso Federal, só emittiu opinião sobre o ponto de vista tecnico, isto é, sómente quanto á orientação mais conveniente ao preparo porfissional e apparelhamento bellico (instrucção, armamento, equipamento fardamento, etc.) das Forças Estaduaes, classificando-as como Forças Auxiliares — umas, e Forças de Reserva — outras, segundo o gráo de efficiencia militar que ellas apresentarem de accordo com a organização que adoptarem, com o armamento de que dispuzerem e a instrucção militar que receberem.

O Governo Federal não pretende, nem de leve, tocar ou influir na actual organização das milicias estaduaes, ferindo direitos adquiridos ou restringindo-lhes o gráo de efficiencia militar.

E' do consenso nacional, tacitamente estabelecido e acceito pelas partes, (União e Estados) que as policias Militares, só sejam organisadas em unidades de Infantaria e Cavallaria e em unidades especialisadas, destinadas ás missões de caracter, verdadeiramente policial.

E, tanto isto é certo que a Força Publica de São Paulo, já possuiu artilharia e aviação e, sem prejuizo

material para seus quadros, não mais conta com estas duas armas; a Brigada Militar Gaúcha, também, já teve organizada, sua aviação militar que hoje não mais existe, sem que fossem feridos direitos, nem prejudicado o accesso de seus officiaes.

E' desnecessario, por obvio, demonstrar o grave inconveniente nacional de uma organização de poderosos Exercitos Regionaes, compostos de tropas das cinco armas e serviços annexos. Sobre serem dispendiosissimos á cada unidade federativa, ainda representariam (não se pode negar, nem callar) constante ameaça á Integridade Nacional, não pela mentalidade brasileira e disciplinas de cada Corporação estadual em si, pois todas ellas têm demonstrado, sobejamente, seu exemplar civismo e sua nitida e leal comprehensão de deveres militares, mas, por isso mesmo, pela força de que realmente seriam depositarias e que ficaria ao sabor e disposição dos regionalismos, vesgos e deformados, de uma politicagem partidaria, obscurecida pela acanhada paixão do interesse local e jogando com todos suas possibilidades materiaes, defendendo conveniencias proprias em detrimento dos sagrados e inviolaveis interesses nacionaes.

Dentro desta ordem de idéas deve ter disso redigido o projecto em curso no Congresso Federal.

Nelle as Policias Militares têm sua efficiencia professional perfeitamente assegurada.

O proprio Exercito, tem o mais alto interesse em manter sempre elevado o gráo de valor militar de suas Forças Auxiliares.

Para obter esse desideratum, diz o artigo 5.º do projecto em apreço:

"As Forças Auxiliares do Exercito gosam de todas as vantagens concedidas ás outras policias militares (Força de Reserva) e mais as seguintes que serão obrigatoriamente incorporadas aos contractos

que se effectuarem entre os respectivo Estados e a União:

a) *seus officiaes são incluídos na 2.^a classe do corpo de Officiaes de Reserva do Exercito Nacional mesmo em tempo de paz, conforme a letra a do art. 2.^o da lei do Serviço Militar (Dec. n.^o 23.125, de 21-VII-1935).*

b) *podem ter official do Exercito effectivo como commandante e se obrigam a ter como instructores, officiaes desse mesmo Exercito, designados pelo E. M. E. á requisição do respectivo Estado.*

c) *podem adquirir nos órgãos provedores do Exercito, tudo quanto necessitem para sua vida normal (viveres, forragens, fardamento, etc.) ou para sua maior efficiencia (armamento, equipamento, munições, etc.).*

d) *receberão gratuitamente, do Exercito, seus regulamentos administrativos e tacticos em vigor.*

e) *os incorporados nas Forças Auxiliares ficam isentos do Serviço Militar no Exercito, e quando licenciados, serão considerados reservistas de 2.^a categoria, do Exercito Nacional."*

Querem maiores provas de sinceridade da parte das altas autoridades militares do Brasil, no tocante á efficiencia profissional das Forças Estaduaes?

Não é preciso, pois é o E. M. E. quem se manifesta, officialmente, sobre o gráo de preparo militar que deseja encontrar em suas forças auxiliares.

Unidade de doutrina táctica, o que corresponde a dizer, instrucção militar á cargo do Exercito; unidade de armamento, que impõe a unidade de munições, o que vem facilitar o magno problema do remuniciamento, em tempo de guerra; unidade de deveres e direitos.

Eis ahí, o que deseja o Exercito para as Forças Publicas Estaduaes.

Isto corresponde a dizer: — equiparação total, dentro da conveniencia nacional, tanto economica como politica.

O ideal seria, tirar-as das mãos das politicages regionaes, integrando-as, definitivamente, nos quadros das forças federaes, em character permanente.

E' essa a opinião da maioria do Exercito que, sendo ainda o mais forte élo da Unidade Patria, quer ter a seu lado, imbuídas da mesma mentalidade nacionalista, as corporações militares estadoaes.

Policias de todo o Brasil!

Não deixeis que os máos brasileiros, os eternos descontentes e os innovadores exóticos, perturbem a clareza de vossa razão com invencionices estultas e criminosas, que já não escondem, por ocas e inconsistentes, os negros designios que têm em mira, ou seja, — a implantação da desordem e da anarchia, onde pensam e pretendem pescar alguma vantagem.

Sejamos bons brasileiros que, sómente com isto, annularemos e destruiremos as tenebrosas machinações dos inimigos da nossa grande Patria!

OS ENGAJAMENTOS E AS MODIFICAÇÕES DOS EFFECTIVOS

1.º Ten GERARDO LEMOS DO AMARAL

Com a recente modificação do effectivo orçamentario do Exercito foi posto, novamente, em equação, um problema que está a exigir prompta solução — o do engajamento e do licenciamento antecipado.

O engajamento é um bem ou um mal? uma necessidade ou uma nocividade? Deixamos aos mais avisados a resposta.

A praça que se engaja faz um contracto com a Nação para servi-la durante um determinado tempo. Obriga-se, é o termo, a isto.

A Nação, consequentemente, se obriga a vestir, alimentar, instruir e pagar ao contractante durante o mesmo tempo. A' praça não é permitido rescindir o contracto. Sel-o-ha á Nação? Pensamos que não. O facto,

porém, é que nem todos pensam assim e já têm sido licenciadas varias praças, firmados os que o fizeram, em outra interpretação.

A praça engajada sabe que ao fim do prazo será licenciada e, assim, ao approximar-se o "fim do seu tempo" vae cuidando de seu futuro, isto é, reúne suas economias, compra traje civil e empenha-se na obtenção de um emprego que passará a ser o seu ganha-pão, etc.

O que acontece á esmagadora maioria das que são antecipadamente licenciadas é bem diverso: são colhidas pelo imprevisto, passam a engrossar as fileiras dos desempregados, dos descontentes: vêem-se forçadas, muitas vezes, a implorar a caridade publica, emfim, criam um "caso".

Eis as autoridades ás voltas com o dilemma — ou criam o "caso" que lhes caberá, igualmente, resolver ou se verão ante as difficuldades defficitarias... outro caso.

Cremos ser evidente a importancia do assumpto.

Uma outra face do problema — engajamento — merece ser abordada. E' vantajoso para o Exercito, o engajamento? Pensamos que sim, desde que a regulamentação do assumpto seja rigorosa.

A's praças simples, especialistas ou não, deveria ser vedado o reengajamento. Um anno de serviço e dois de engajamento e exclusão para a reserva.

Aos graduados (cabos), especialistas ou não, além do tempo concedido ás praças simples, conceda-se mais dois annos de reengajamento, tão sómente. Ficam desta maneira resguardadas as necessidades de formação das reservas e garantido, aos interessados, o goso dos direitos de um contracto bi-lateral, regular.

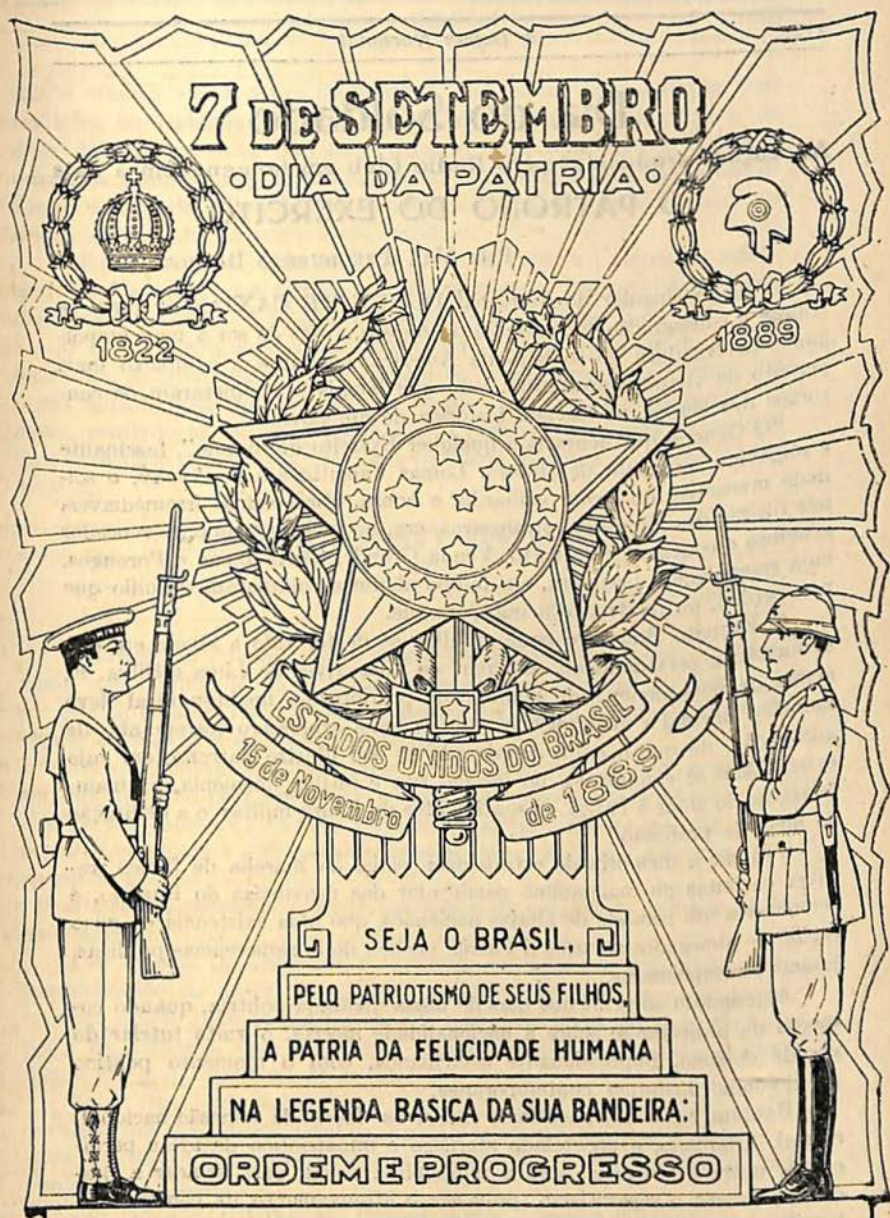
Se não podemos prescindir do concurso das praças engajadas, nada mais justo que assegurar-lhes, de maneira insophismavel, o direito de permanecerem empregadas, digamos, durante o tempo do contracto firmado com a concessão do engajamento ou reengajamento requerido.

As modificações de effectivos ficarão, naturalmente, subordinadas aos compromissos assim contrahidos pela Nação.

Fomos levados a estas considerações por factos recentemente occorridos em que a injustiça, no nosso modo de ver, praticada com os que foram licenciados antecipadamente, encontrou apoio na necessidade de resguardar os interesses dos que permaneceram dentro dos effectivos reduzidos.

Entre as difficuldades que surgiriam para o pagamento dos excedentes do effectivo orçamentario e o licenciamento antecipado e irregular dos excedentes, optou-se pela segunda solução que feriria o menor numero de interesses. Não resta duvida que foi a melhor, mas cumpre impedir, no futuro, a repetição do caso.

E' o que pensamos.



GABINETE PHOTOCARTOGRAPHICO DO ESTADO MAIOR DO EXERCITO

LOUREIRO 1935

Cartaz mandado executar pelo General Pantaleão Pessoa com o fito de intensificar o entusiasmo do povo pelas comemorações civico-militares realizadas no magno dia da Independencia.

Dia do Soldado

Allocuções produzidas pelo Radío Club em homenagem á data

O PATRONO DO EXERCITO

Pelo Maj. THEODURETO BARBOSA

A figura singular do Marechal DUQUE DE CAXIAS, a quem se tributa a consagração civica de 25 de Agosto, antes de ser a mais empolgante envergadura de soldado da America, constitue o complexo mais perfeito de virtudes prestantes, com que jamais se delinheraram os contornos dos heroes, na legenda historica de um povo.

"O General que honraria a qualquer Exercito do mundo", fascinante e impavido conductor de Itororó, Lomas Valentinas e de Avahy, o soldado invencivel que, com galhardia e honra, abria sulcos irremediaveis nas fileiras dos Exercitos estrangeiros, era, ao mesmo tempo, o vencedor generoso e conciliador de Icatú, Venda Grande, Santa Luzia e Porongos, cuja serenidade e brandura, em tempo algum se nimbaram do odio que não perdôa, ou da vingança que persegue.

O Exercito Brasileiro pode orgulhar-se de ter sido a escola em que se formou a personalidade, sem par, de Luiz Alves de Lima e Silva. E, acima de seus assomos de honra e de patriotismo, nenhum ideal deve animal-o de maior entusiasmo nem de mais expressivo testemunho de admiração, do que o culto consagrado ao seu illustre patrono, em cujo symbolismo se congregam, no mesmo rito e intima harmonia, as manifestações do amor á Patria, os sentimentos da honra militar e a dedicação ás lidas da profissão!

Venerar a memoria do estrategista genial da marcha de flanco, reviver os feitos do magnanimo pacificador das provincias do imperio, é remontar a um passado de glorias nacionaes, que uma existencia de meio seculo de abnegados serviços á Patria, encheu de benemerencias publicas, jamais recompensadas.

Apresentam os primeiros dias de nossa alvorada politica, quando começou de projectar-se sobre a nacionalidade incerta, o vulto tutelar do grande epigono, impressionante semelhança, com o momento politico do decennio historico contemporaneo.

Hontem, como hoje, sentimos vacilar os laços da cohesão nacional, e, mal disfarçado, o apostolado sacrilego e impatriotico de idéas perniciosas, nutre a violencia, gera a indisciplina social, para semear a desordem, pregar o separatismo, provocar o afrouxamento da communhão brasileira.

No passado, a espada prestigiosa do nosso insigne chefe abroquelou a nacionalidade, sustentando com os laureis de cinco decennios de glo-

rias, a unidade do imperio; no presente, são ainda, seu exemplo, suas tradições de lealdade e disciplina, sua dedicação ao cumprimento do dever militar, que nos hão de congregar, para num esforço supremo, quando a inconsciencia partidaria pretender subrepor-se ás aspirações da nação, o Exército, alheiado aos dissídios politicos, constituir, na hora extrema, o baluarte da integridade nacional.

Adormecendo na tarde de 7 de Maio de 1880 o Campeador infatigavel no Pantheon das Glorias nacionaes, passa á Immortalidade o soldado invicto, cingida a fronte com a palma da gratidão publica !

O Brasil perde nessa hora crepuscular o mais fulgurante de seus filhos; mas, seu patrimonio se enriquece do surprehendente thesouro que é sua notavel vida publica. E esse legado de virtudes inestimaveis, é, então, confiado ao Exército para que o preserve do contagio malsão, como guarda e depositario que é das tradições de honra e das glorias nacionaes.

SAUDAÇÃO AO SOLDADO

Pelo Dr. RAUL MACHADO

"Soldado da Patria ! Eu te saúdo, nesta hora em que se relembra, numa tela illuminada da Historia, a figura inconfundivel de Caxias; e em que Governo e Povo celebram, associados, numa communhão de civismo, as tuas glorias e as tuas virtudes !

As tuas glorias de hontem, nos campos vermelhos de fogo e sangue, em que luctavas pelo teu Povo, e defendias, — avarento sublime ! —, o oiro da tua bandeira ! As tuas virtudes de sempre, que te realçam a nobreza de conducta e têm força de mandamentos, na biblia dos teus principios de honra !

Tu és um expoente á parte, na taboa de valores da comunidade da Patria !

Teu espirito de disciplina é capaz de atear-se, na sublimidade de comprehensão do dever, ao daquella sentinella romana que, não tendo recebido ordem para se afastar do seu posto, ficou, de pé, guardando a porta de Pompeia, que o Vésuvio, convulsionado, ia lentamente afundando em uma sepultura de cinzas !

E tão alta e tão nobre é a tua noção de dignidade e de brio, que a covardia que aos outros infunde, apenas, um sentimento mixto de piedade e desprezo, á erigida á condição de um crime, nos teus codigos de punição e de honra !

Em verdade, o receio da propria morte é menos pungente para o soldado, que a vergonha de não cumprir o dever e a ignominia de ser vencido pela ausencia de impavidez no perigo...

Quando a Patria estremece, ao golpe de uma offensa, teu coração é o primeiro a bater, acelerado de um odio santo, num vibrante aneio de desagravo; e toda a tua vida palpita, numa flamma votiva de holocausto...

Soldado da Patria!

Eu te saúdo, em nome dos brasileiros, com os olhos da alma voltados, em extase, para o ceu, pleno de astros, das noites da tua terra, e o ceu, pleno de estrellas, do pavilhão do teu Povo: — esse pavilhão auri-verde, cujo poder suggestivo de symbolo, rememora, num milagre de synthese, os gloriosos episodios da epopeia da nossa Historia!...

EVOCAÇÃO

Pelo Ten. Cel. LESSA BASTOS

Soldados do Brasil de hoje, na successão dos seculos, o presente não é mais do que um elo entre o passado e o futuro.

Em tudo que vemos, em tudo que sentimos, na propria lingua que fallamos — nas minimas particulas do immenso patriomnio nacional — remanescem a fé, o fructo do labor, o civismo, daquelles que crearam, accresceram, defenderam e nos legaram os thesouros materiaes, moraes, artisticos e espirituaes que disfructamos.

Incontestavelmente todos os factores da grandeza nacional são dignos da nossa admiração agradecida, mas nas lembranças deste dia especialmente avulta a recordação daquelles que além de concorrerem com seu esforço physico, moral ou intellectual, perderam a vida defendendo a collectividade.

Soldados do Brasil de hoje, no culto civico que estamos celebrando não pode ser olvidada uma evocação aos soldados do Brasil de hontem, nossos predecessores na missão de salvaguardar a integridade e garantir o engrandecimento da nação.

Soldados mortos do Brasil, não sereis esquecidos enquanto a patria subsistir!

Na tradição que deixastes, vive a vossa memoria, perpetuada pelos chronistas, recordada pelos mestres e celebrada pelos poetas.

Nós, soldados do Brasil de hoje, vos relembramos a cada instante, nas armas que manejamos — e que foram os instrumentos de vossa gloria — no som dos clarins que vos dirigiram nos combates e cujas notas ainda rememoram, no toque de alvorada — as victorias que alcançastes — e mais do que em tudo, no pavilhão nacional, porque foi elle o *pallium* sagrado á cuja sombra vos immolastes nas aras do altar da patria.

ASPECTOS PITORESCOS DA VIDA E COSTUMES DA POPULAÇÃO DA ABYSSINIA

Tradução do Cap. OSCAR NEPOMUCENO DA SILVA ROSA

O Imperio de Ethiopia está em fóco. Situado em uma região a Nordeste da Africa, se encontra encerrado entre as possessões italianas da Eritrêa e Somalia, com as possessões britannicas do Sudan Egyptio e Kenia e ainda com uma pequena fracção de territorio francez, através do qual e por estrada de ferro, tem sahida no golfo de Aden.

Com uma superficie de 906.400 Km. quadrados e uma população superior a dez milhões de habitantes, é o unico estado negro do mundo que desfruta de autonomia e independencia politica.

Baseados em paginas de livros que numerosos europeus dedicaram a este paiz, annotamos alguns de seus aspectos mais curiosos.

Os francezes que possuem alguma experiencia em materia colonial, construíram uma estrada de ferro unindo Addis-Abeba a um porto de Djibouti, sobre o mar vermelho. O trajecto effectua-se em tres etapas, viajando unicamente de dia. A razão é poderosa. Não se arriscam a fazer nocturnos por temor aos descarrilamentos, pois os naturaes do paiz se divertem em arrancar os trilhos e todo ferro que se emprega nestas obras, para utilizal-os na confecção de armas e utensilios.

"ADDIS-ABEBA", em abyssinio, quer dizer "Nova Flor" e foi fundada em 1896, após a batalha de Adua, ganha aos italianos pelo raz Maconen, pae do actual imperador.

"O sub-solo da Abyssinia é riquissimo em minas, entre as quaes figuram as de ouro com uma densidade de 23 quilates, cuja exportação em sua quasi totalidade é feita para a França.

"Sómente existem uns 250 kilometros de vias ferreas. As communições se fazem por caminhos rudimentares, em caravanas, que atravessam selvas, bosques e rios. As pontes são considerados como invenções diabolicas.

"Raz, equivaie a graduação de generalissimo e é o titulo que cabe aos governadores das diversas provincias. Existem algumas exclusivamente mussulmanas e que são administradas por um sultão hereditario, mas que se reconhece como subdito do Imperador.

"O abyssinio considera o trabalho como cousa degradante. A profissão de soldado é a que mais o convem. Na Abyssinia não ha injuria maior do que dizer a um outro: "Teu pae trabalhava".

"O alphabeto abyssinio constá de duzentas letras".

"Ha entre os nativos, uma tribu, a dos ambingares que vivem completamente nús. Quando pela primeira vez, vêem um branco, fogem es-

pavoridos e para que se tranquilizem necessario se torna que fique nú, para que elles apalpando seu corpo se convençam que não é uma visão.

"O commandante da escolta imperial que tambem é o chefe do cerimonia, tem a obrigação de levar os trajes do imperador, em epoca de guerra, com o fim de não permittir ao inimigo identifiçal-o.

"A temporada das chuvas, que corresponde ao inverno, começa em maio e só termina em principios de setembro. Chove dia e noite, durante tres mezes seguidos e se ás vezes cessa por um momento, é para recommear com maior impetuosidade. Esta é a época chamada do "KREMPT". Não se trabalha, tão pouco se sae de casa e o barro que cobre as ruas da capital é de tal natureza que só o sahir constitue um perigo.

"Os abyssinios são christãos e foram convertidos no seculo IV por um missionario grego chamado FRUMENCIO. Pertencem ao rito copto e na capital ha cerca de 5000 sacerdotes e 10.000 monges. O Imperador tem constantemente a seu lado um confessor e o "abuna" que corresponde ao arcebispo não se afasta do palacio imperial.

"O palacio imperial onde reside o rei dos reis, está rodeado por construcções destinadas á moradia dos dignatarios da côrte. As estancias imperiaes estão proximas da sala do throno, o mesmo acontecendo ás jaulas onde se encerram os leões, tigres e pantheras que constituem o adorno e o justificativo de "vencedor do leão" que, entre muitos outro titulos, tem o monarcha.

"O archivo imperial, é uma grande sala onde se amontoam centenaes de cestas de vimes cheias de papeis. O visitante pode ver, de vez em quando, a um burocrata, que sem grande cerimonia despeja o conteúdo de um cesto no solo e depois de muito revolver, tira um pedaço de papel com a mesma seriedade como se o fizesse de um modernissimo archivo.

A caixa do Estado, o Thesouro, está em uma ampla habitação. Quando se entra nella, causa surpresa vel-a completamente vazia. Só se encontra um soldado de guarda sobre uma chapa de ferro que existe sobre o solo. E' a tampa do thesouro, onde ninguem desce, porém que todos dizem haver ouro sufficiente para comprar a Europa inteira. Só o abrem no caso de guerra.

"Outra curiosidade do palacio imperial, é o Museu, onde são guardados todos os presentes recebidos pelo monarcha. Nelle pode-se ver um quadro famoso ao lado de uma machina de escrever e uma motocicleta ao lado de um jarrão de Sévres. Abundam as machinas de costura de toda sorte de amostras que os fabricantes europeus enviam ao Rei dos Reis e que elle considera e venera como obsequios.

"Em determinadas circumstancias e com mais frequencia de que é de suppor, o Imperador offerece aos subditos grandes banquetes. Abrem-se os salões mais espaçosos do palacio e durante todo o dia desfilam os

convidados. O Imperador faz acto de presença deante de uma mesa e para não perder tempo, despacha os assumptos de governo as consultas dos ministros.

Os que terminam de comer, cedem logar a outros e assim até ficarem, como dizemos nós "empanturrados". Os leprosos são recebidos de maneira especial, pois se os consideram bemaventurados, destinados a ingressarem immediatamente no Céu logo após a morte.

O abyssinio vive sómente para o jogo, mulheres e para o alcool. Para isto e para a guerra, pode-se dizer que, toda a população masculina está permanentemente em armas.

A' margem do desfile do Dia da Patria

De um dos nossos mais entusiastas e competentes commandantes de infantaria recebemos as observações que se seguem e feitas a proposito da formatura de 7 de Setembro ultimo. Ellas focalizam aspectos interessantes da solemnidade e uteis para o futuro.

1 — *Hora* — Incontestavelmente a hora foi bem escolhida e con-vense conservá-la para outras revistas e desfiles.

2 — *Local* — Continúa sendo o que melhor se presta: — facil accesso; todo mundo pode apreciar o desfile sem grandes sacrificios. Isso é muito importante porque em toda a parte o povo é sempre commodista. Para se ter grande assistencia nas festas militares, para que estas realizem o fim educativo que se tem em vista, torna-se necessario que os seus organizadores encarem discretamente uma serie de pormenores, que lhe assegurem o realce indispensavel. E entre estes, os mais importantes dizem respeito ás facilidades de accesso e commodidade para o publico. Nota-se, nesse particular, que, como no passado, a collaboração da Inspectoria de Trafego e, muitas vezes, defficiente, constitue mesmo, pelo desencontro das medidas adoptadas, motivo de cansaço, de enervamento e desanimo para a multidão, e, desse modo, contribue indirecta mas poderosamente para o descrédito, como contra-propaganda dessas festas.

Nota-se ainda o desinteresse, ou pelo menos a falta de collaboração da Prefeitura do Districto Federal nessas festas. Poderia ella estabelecer archibancadas desmontaveis, no trajecto do desfile, ao longo das calçadas para o povo, e um pavilhão condigno para as autoridades. Digamos de passagem que os dois palanques armados para estas, estão abaixo da critica, pela falta de commodidade e de esthetica.

Ainda nos lembramos da assistencia selecta e numerosa que accorria, ha bem pouco tempo, ás archibancadas do Campo de S. Christovão.

3 — *Alegria popular — Applausos* — E' preciso que nesse dia o povo manifeste o seu contentamento e sobretudo, recompense o sacrificio dos soldados não lhes regateando applausos. A imprensa e uma propaganda educativa pelo radio e por cartazes, devem despertar o sentimento dessa necessidade. Afinal, as forças armadas, com a sua commemoração, proporcionam ao povo uma festa, civica é verdade, e não é crível que se tome parte em uma festa casmuro, triste e sem vibrações. E' preciso que o povo se expanda não regateando applausos aos humildes e valorosos defensores da Patria.

4 — *Aviação* — Foi de grande effeito, apesar do tempo nublado, o desfile da aviação de terra e mar. As formações correctas, a pontualidade e a regularidade do vôo deram impressão de imponencia e de segurança indispensavel á solemnidade.

Felizmente foram proscriptas as demonstrações espectaculosas e as acrobacias perigosas que davam idéa de desordem e anarchia.

Por outro lado, não se concebe a permissão de vôo aos aviões de annuncios na mesma occasião em que se desenrolam os differentes actos da solemnidade. Pensamos que as autoridades não deviam permittil-os.

5 — *Tropas do Exercito*

Parece-nos que o povo mais gostou da Escola Militar e do Batalhão de Guardas. Em parte, deve-se isso aos seus destacados e brilhantes uniformes; mas é tambem de direito salientar que para isso muito concorreram a correcção e o garbo com que se apresentavam, e em particular, á Escola Militar que esteve impecavel.

Corpos houve, entretanto, que, embora se tenham apresentado de maneira admiravel, não conseguiram os mesmos applausos, por falta do uniforme. Está nesse caso, o 3.º Regimento que continúa a manter a tradição, já consagrada pelo regulamento, que reza: — “nas circumstancias criticas, as tropas que mais capricharem na ordem unida é que se mostrarão mais inabalaveis e arrojadas”.

6 — *A formação em massa da infantaria* satisfaz completamente. Com um maior treinamento, conseguirão maior desembaraço nos movimentos, melhor cobertura e alinhamento e correcção no porte do fuzil.

7 — *Inicio do desfile*. Foi boa a actuação do official que regulou o inicio do desfile, na area fronteira ao pavilhão official. Esse official devia ter mesmo um ou dois auxiliares que lhe facilitassem a tarefa. E' de importancia capital que as unidades não percam tempo no desfile. Convem, mesmo, evitar o *marcar-passo* ou pelo menos evitar que este se mantenha por muito tempo, porque concorre para a perda do “elan” e da cadencia, principalmente devido ao afastamento da banda de musica.

Nessa occasião em que as unidades perdem 50 % de suas possibilidades, é preciso evitar-lhes difficuldades embaraçosas.

8 — *Collegio Militar* — Apresentou-se bem, com o entusiasmo natural do juventude, mas numa só companhia. Pensamos que, aproveitando os alumnos maiores de 15 annos, era possivel formar um batalhão, o que impressionaria melhor e concorreria para restabelecer nesse viveiro de futuros officiaes da activa e da reserva a animação pelas exterioridades militares que constituem um incentivo e motivo de orgulho para a mocidade.

9) — *Cadencia e dobrados* — Notava-se que a cadencia não era uniforme em todos os corpos, devido ás bandas de musica. Em muitos ella era apressada e de passo miudo. Muito perde com isso o desembaraço da marcha. A cadencia regulamentar de 120 passos por minuto proporciona justamente esse desembaraço com o passo largo e elegante.

Outra falha que deve ser corrigida é a dos dobrados escolhidos para o desfile. Com algumas excepções, elles foram fracos, de harmonia, quando deviam ser escolhidos os mais fortes e marciaes.

10 — *Uniforme* — A impressão do desfile permite-nos suggerir ás altas autoridades um meio facil e barato para melhorar o aspecto da tropa nas apresentações externas.

Esse meio é a distribuição, por todas as unidades, de um *uniforme de flanela verde oliva* (com calção e não calça), confeccionado rigorosamente de accordo com a côr e o modelo do uniforme de brim. Variará sómente o panno, que em vez de brim, será de flanela (mas flanela boa e encorpada).

Esse uniforme ficará como carga da unidade com duração de 3 a 4 annos, para ser usado apenas em formaturas especiaes. Futuramente, de accordo com a observação, se poderá pensar em distribuir annualmente ao soldado um uniforme de flanela e dois de brim.

Aliás, essa distribuição do uniforme de flanela representa uma necessidade. Ella se impõe para as guarnições de clima frio, que são as de maiores effectivos. Além disso, é preciso prever a possibilidade de levar os soldados das regiões quentes para as mais frias, em epoca de rigoroso inverno, como aconteceu, por exemplo, nas operações de 1932. O uniforme de flanela e o capote teriam attenuado os soffrimentos impostos pelo frio ao valoroso soldado nortista que accorreu ao chamado.

Acreditamos que o uniforme flanela ainda não foi distribuido por ser caro. Indicamos aqui uma solução inicial para o problema. Como a confecção desse uniforme tem que ser demorada, convem fazer a distribuição paulatinamente. Primeiro os corpos que com mais frequencia tomam parte em formaturas externas — o 3.º R. I., o 1.º B. C., etc. Dentro de pouco tempo todas as unidades teriam um uniforme melhor cuidado e reservado para as apresentações. A mesma preocupação devia haver com o equipamento.

11 — Finalmente, para nós e dentro do ponto de vista profissional, podemos dizer que essa formatura foi a melhor que temos tido nestes ultimos annos. Verdade é que, no conjuncto da tropa, ainda não conseguimos restabelecer o brilho e a correcção dos que se realizaram em 1919, 1920 e 1921.

Mas é fóra de duvida que o progresso deste anno sobre os anteriores foi notavel, o que indica o esforço e o trabalho profiquo a que se têm entregre os quadros na sua ardua tarefa.

Discurso pronunciado pelo delegado plenipotenciario do Brasil á Conferencia da Paz em Buenos Aires, dr. Dormundo da Luz Pinto, por occasião das festas commemorativas da Semana do Brasil

Senhores:

O Encarregado de Negocios do Brasil, Dr. Protasio Baptista Gonçalves, pediu-me para, em nome dos brasileiros que aqui se acham enamorados desta admiravel Buenos Aires, e dos que aqui vivem no vosso glorioso paiz, agradecer-vos todas as excepcionaes homenagens com que, desde 2 do corrente, estaes celebrando a Semana do Brasil. O representante diplomatico brasileiro que, nesta grata oportunidade, me cede o seu logar quiz, com sua requintada gentileza, proporcionar-me a emoção de constatar e proclamar, neste scenario de cordialidade magnifica, o triumpho definitivo da amizade brasileiro-argentina da qual, desde 1917 e 1918, quando ainda estudante saudava as Missões Canton, Alfaro e Leon Suarez, eu sou um propugnador devotado e entusiasta. Fallo-vos, portanto, com o titulo e com a convicção de quem assiste, na idade madura, a confirmação dos bons pensamentos e propositos da sua juventude, que lhe não enganaram, senão lhe deram antecipadamente, através as sombras que naquelle tempo porventura existissem, a visão clara desses dias de união das nossas duas Patrias, de mãos apertadas no presente e olhares encontrados nos mesmos rumos gloriosos do futuro. Já não são apenas os Governos dos nossos dois paizes que, inspirados na sabia politica de Mitre, Roca, Avellaneda, Saenz Pena, Campos Salles, Rodrigues Alves, Rio-Branco, Lauro Muller, Ruy Barbosa e tantos outros dos nossos pro-homens, procuram apertar as cadeias dessa identificação e dessa solidariedade. São os intellectuaes; são os estudantes que se buscam, se conhecem e se admiram; são os proprios povos; é o Brasil; é a Argentina, que, como aconteceu recentemente, por occasião das visitas dos Pre

sidentes Justo e Vargas, se abraçam nas avenidas e praças do Rio e de Buenos Aires para exprimir aos seus eminentes mandatários o applauso inequivoco e caloroso por terem comprehendido e interpretado as tendencias irrecorríveis dos seus espiritos e os sentimentos profundos dos seus corações. (APPLAUSOS)

A America, Senhores, nasceu de sonhos... Sonho visionario do infante d. Henrique, o Navegador; illuminado e resplandecente sonho do genio de Leonardo da Vince; obstinado sonho de Christovão Colombo, o victorioso confidente dos mares. A America é filha de sonhos... Vem talvez dahi esta predestinação do seu destino: convertel-os em factos e apothèses, dando um cunho de ideal aos diversos aspectos da sua realidade. Reparae bem: emquanto, no velho mundo, o conceito de patriotismo revela, quasi sempre, pela luta de nacionalismos ardentes e implacaveis, emulação, concorrência, egoismo, prevenções, rivalidades, — no nosso Continente, ao contrario, o patriotismo se integra e se concilia no conceito da fraternidade. Os nossos povos, sem contas a ajustar, soffrem as dores uns dos outros e vivem reciprocamente os seus dias de triumpho e de gloria. Dir-se-ia que o mesmo clima moral, soprando acima das fronteiras, liga as nações, transformando-a numa só familia. Tal, é para nós brasileiros, a significação extraordinaria, carinhosa, continental, dessas conferencias sobre a nossa formação historica, sobre o nosso direito, sobre a nossa medicina, sobre a nossa litetratura, com as quaes, ha uma semana, vindes celebrando o natal politico da nossa Patria. E, com uma fidalguia toda argentina, quizestes culminar tantas e tão inesqueciveis demonstrações de fraternidade com esta esplendida festa que, como nas antigas mansões solarengas, nos reúne, argentinos e brasileiros, em torno da mesa commun para escutar os louvores da estirpe, as recordações do passado, os protestos de união e estima, os votos de feliz destino! (APPLAUSOS)

Envolvido pela vossa ternura e pela vossa bondade, nesta data immortal para a nossas Patrias, e percorrendo, num vôo de imaginação os 113 annos de vida soberana que ella symbolisa, permitti que vos diga, sem jactancia de estrangeiro, porque estrangeiro não me sinto entre vóz, mas com a expansão leal de irmão e amigo, — permitti que vos diga: nós brasileiros nos orgulhamos da nossa Historia! Ella representa, nos seus grandes contornos, que embevecido evoco, sem fixar-me em episodios, um nobre, constante e alto esforço para tornar o Brasil ainda maior pelo seu progresso, aperfeiçoamento, civilização e cultura do que o é pela extensão do seu immenso territorio. "Independencia ou morte!" exclamava, ha cento e tantos annos, nas margens do Ypiranga, D. Pedro de Bragança, o heroico principe paladino, donjuanesco e napoleonico, absorvido, exaltado, e seduzido pelo sortilegio da nossa terra tropical. *Independencia e vida!* respondemos nós hoje, com a legitima ufanía de haver creado, dentro de um vastissimo territorio, através das lutas e das difficuldades,

decorrentes das distancias e dos climas, a unidade moral indestructivel de uma só Patria, que vive, trabalha e prospera na communhão da lingua, da religião e da liberdade. (PROLONGADOS APPLAUSOS)

Senhores, vou terminar. Torno a vos agradecer estas horas effusivas de identificação com o sentimento da minha Patria. Contemplando, commovido, a multidão de amigos argentinos do Brasil, consenti que eu a todos personifique, para apresentar o imperecível testemunho da nossa gratidão, na veneranda figura do vosso grande Rodolfo Rivarola, precursor e veterano da amizade argentino-brasileira. A cerimonia a que estamos assistindo transborda deste recinto. As nossas Patrias estão unidas e omnipresentes. Se eu tentasse recordar os nossos proceres não os poderia distinguir dos vossos immortaes. Que arrebatção maravilhosa! Vejo José Bonifacio, o Patriarcha, o sabio fundador do nosso Imperio, ao lado do vosso San Martin, creador de patrias como Bolivar, heroe da vossa Independencia, general e estadista, de que se póde dizer que era um triplice vencedor, porque venceu o inimigo no campo de batalha, venceu a natureza nos Andes e venceu-se a si proprio renunciando ao poder com indescriptivel abnegação! E' nesta conturbação de impressões e de sentimentos, que me accelera a marcha do coração em palpitações commovidas, que ergo, senhores, a minha taça pela gloria cada vez maior das nossas duas grandes Patrias. (PROLONGADOS APPLAUSOS)

TEN. CEL. NILO RIBEIRO VAL

Em dias do mez passado falleceu nesta capital Nilo Val.

A Direcção de A Defesa Nacional registra o infausto passamento para render á memoria do companheiro o preto de saudade e de recordação.

Foi um dos mais esforçados e abnegados batalhadores do nucleo mantenedor, ha dez annos atraz e arcou com as responsabilidades da presidencia, durante a mais seria crise por que passou a revista, de 1921 a 1924. A elle, aliado a dois ou tres camaradas mais, deve A Defesa a sua existencia, sem solução de continuidade, a manutenção de seu brilho e utilidade.

O trabalho modesto, silencioso e profissiente de Nilo Val, que deixou traços indeleveis no magisterio militar, ficou registrado nesta revista por uma consideravel somma de materia, de que avulta essa obra de folego que é o *Resumo da Guerra do Paraguay*.

Aqui ficará sempre, na nossa collecção, como monumento a lembrar a todos nós a lição do seu desprendimento, da sua serenidade, do seu interesse de dedicacão, do seu saber e cultura.

Indicador da A Defesa Nacional

Mez de Agosto de 1935

Pelo Sub-Tenente Odon A. Souza

ASSUMPTO	LEI	DEC.	AV.º	DATA	D. O.
Concedendo á Liga Contra a Tuberculose o dominio de um terreno.....	81	.	.	23-7	1-8
Regulamento das Capitancias dos Portos....	.	220A	.	3-7	.
Preparação dos Tiros de Guerras nos corpos de tropa.....	.	.	107	29-7	.
Sobre alteração ou modificações nos quartéis e nos casos de mudanças de unidades.	—	.	484	29-7	.
Sobre altas dos hospitaes de doentes melhorados.....	.	.	16	29-7	.
Programma do curso de especialização de medicina de Aviação.....	.	—	.	.	8-2
Commissão para revisão dos actos de afastamentos dos funcionarios publicos.....	.	254	.	1-8	5-8
Parecer do Consultor Geral da Republica, sobre ajuda de custo, em face da Lei n.º 51.....	6-8
Estatutos da Caixa do Funcionario Publico.....	.	258	.	1-8	7-8
Sobre etapa de Sargento no C. I. T.....	.	.	489	2-8	.
Suspendendo requisições no Lloyd Brasileiro.....	.	.	490	2-8	.
Sobre transferencia de pessoal, material e archivo das extinctas D. C., D. T. G. e 6.ª D. C.....	.	.	.	2-8	.
Sobre cadernetas de reservistas de menores que fizeram a campanha de 1932, tendo em vista o Av. 572 de 14-8-1934...	.	.	14	3-8	.
Sobre pagamento de gratificações á cabos e soldados.....	.	.	493	5-8	8-8
Nova publicação do.....	.	254	.	1-8	8-8
Suspensão de matricula nos cursos de Adm. e medicos veterinarios em 1936.....	.	.	496	12-8	.

ASSUMPTO	LEI	DEC.	AV.*	DATA	D. O.
Sobre curso de sargentos de F. I. matricula nos cursos de formação de sargentos de unidades de inf.....			110	7-8	
Sobre matricula de medicos das forças policiaes na Escola de Saúde do Exercito....			494	7-8	
Sobre contagem de tempo arregimentado dos instructores e monitores, para promoção á sub-tenente.....			494	7-8	
Nova publicação do.....		254		1-8	
Estatutos da Associação dos Agentes Fiscaes do Imposto de Consumo.....		257		1-8	13-8
Alteração do artigo 12 do Regulamento da E. E. M.....		281		9-8	
Transferencia de sêde da 1.ª Aud. da 1.ª R.M.		283		9-8	
Categoria da Guarnição de Tres Lagoas — M. Grosso.....		282	503		
Serviço arregimentado — Officiaes em estrada de ferro. Função de official do estado maior.....				10-8	
Revogando todas as disposições que contrariem o Regulamento do Serviço de Fundos.....				10-8	14-8
Sobre promoções de sargentos feitas sem os requisitos regulamentares.....			501	10-8	
Sobre funções de officiaes nas Form. de Intendencia.....			502	10-8	
Regulamento para exploração dos meios de Transm.....			282	9-8	
Inst. para organização de conferencias sobre a Constituição.....				12-8	15-8
Contagem de tempo pelo dobro — Contestado 1915-1916.....			506	12-8	
Precedencia entre 1. Ten. — em virtude da amnistia.....			507	12-8	
Sub-unidade do official de educação physica.....			508	12-8	
Sobre licença de operario ou contractado...			23	12-8	
Veto ao projecto de preenchimento de vagas de 2. tenentes dentistas, sem concurso				10-8	16-8

ASSUMPTO	LEI	D.E.	AV.º	DATA	D. O.
Sobre sargento com mais de 25 annos de serviço.....	.	.	512	14-8	
Sobre archivamento de inqueritos.....	.	.	513	14-8	17-8
Regulamento para a Reserva Naval Aerea..	.	263		3-8	2-8
Tratado de Conciliação e Arbitragem Brasil-Uruguay.....	1	.		20-8	
Etapas de alimentação de sargento da E. Av. M.....	.	.	526	19-8	22-8
Faltas não justificadas para a licença premio.....	.	.	518	19-8	
Incapacidade physica. Insufficiencia dentaria.....	.	.	519	19-8	
Sobre contagem de tempo de serviço arrematado e modo de concorrer á promoção á sub-tenente de sargentos instructores.....	.	.	516	19-8	
Sob-Commandante e fiscal de Btl. destacado.....	.	.	523	19-8	
Desligamento de official juiz de conselho...	.	.	524	19-8	
Licenciamento de insummissos julgados e absolvidos, funcionarios publicos. Não estão amparados.....	.	.	525	19-8	
Sobre o desprezo ou majoração de fracções de \$100 do Decreto n.º 135 de 9-3-1932...	.	.	13	6-8	10-8 20-8
Regulamento para a E. Naval (Aviação)...	.	.			
Regulamento para a Escola de Av. Naval. Reprodução.....	.	.			24-8
O Alistado para o serviço militar não está dispensado do mesmo serviço.....	.	.	42	20-8	24-8
Regulamento da Directoria de Aeronautica de Marinha.....	.	298		15-8	26-8
Matricula no curso previo da E. I. E.....	.	.	123	22-8	26-8
Matricula no curso previo da E. I. E., Republicação.....	.	.	123	22-8	28-8
Pagamentos na 1.ª R. M.....	.	.	541	24-8	
Soldado ferrador. Artifice.....	.	.	543	24-8	29-8
Permanencia de officiaes á paisana nas reuniões nos Casinos dos quartéis.....	.	.	544	24-8	

BIBLIOGRAPHIA

A ODYSSE'A DO 12.º REGIMENTO

Pelo Major JOSUE' FREIRE.

Acabamos de receber um exemplar da 2.ª edição do livro "A Odysséa do 12.º Regimento", de autoria do Major Josué Justiniano Freire, pertencente ao grupo de officiaes do 12.º R. I., estacionado em Bello Horizonte, quando estourou o movimento revolucionario de 1930. Narra o autor, nesse volume de mais de 300 paginas, todos os lances emocionantes porque passaram, naquelles agitados dias, cheios de incertezas e inquietudes, os bravos defensores daquella brilhante unidade do Exercito Brasileiro que, sem medir sacrificios, tendo em mira unicamente o cabal cumprimento do seu dever de militares num edificante exemplo de obediencia ás regras da disciplina e ás ordens superiores, souberam traçar, com aquella mesma tradicional galhardia que distinguiu sempre os Soldados do Brasil, uma pagina em que o heroismo consciente apparece descripto de um modo claro e vibrante.

A melhor recompensa que pode ser conferida a um militar, qualquer que seja o seu grau hierarchico, é o publico reconhecimento de ter bem cumprido os seus arduos e gloriosos deveres. E' sempre com justo entusiasmo que devemos lembrar os feitos valentes que tiveram como autores soldados brasileiros, porque nelles vemos a esplendida realidade da pujança de uma raça que, manifestando-se mesmo na lucta fratricida desencadeada pelo condemnavel odio filho do facciosismo do momento, causa de tanto mal á nossa Patria, nos mostra de quanto pode ser capaz nas occasiões mais graves em que a nacionalidade tiver de manifestar-se.

Corpo de tropa de élite, cuidadosa e proficientemente instruido por operosa officialidade superiormente orientada e dirigida pelo seu devotado Commandante, e então Ten. Cel. José Joaquim de Andrade, outro não poderia ser o papel do 12.º R. I., fadado a occupar um posto de maior sacrificio na possivel lucta que, desde mezes antes, já se esboçava, circumstancia de que eram sabedores todos os seus componentes. Historiando este seu proceder, o Major Josué Freire além de ter prestado, a nosso ver, um valioso serviço ao Exercito, trouxe a publico um trabalho que bem merece ser lido por todos os verdadeiros patriotas.

Agradecendo a offerta. "A Defesa Nacional" envia-lhe os parabens.

JUSTIÇA MILITAR EM TEMPO DE GUERRA

O Dr. Silvestre Pericles de Góes Monteiro, auditor de guerra, que serviu junto ás forças legaes por occasião da revolução de São Paulo,

acaba de dar á publicidade um livro interessante, intitulado "Justiça Militar em tempo de Guerra". Por esse motivo tem o seu autor recebido muitos elogios, aos quaes pode-se juntar, mais o que lhe acaba de ser enviado pelo ministro da Guerra da Italia e que lhe foi communicado por intermedio do consul daquella Nação, Sr. Lorenzo Nicolai.

O officio do ministro da Guerra, está assim redigido: "Ministerio della Guerra — Il Sotto Segretario di Stato — Roma, 7/7/35.

Signor Console — Ho assai gradito la publicazione del colonnello Silvestre Pericles de Góes Monteiro sulla "Giustizia Militare in tempo di guerra" e prego V. S. di voler manifestare all'autore l'espressione del mio vivo complacimento per l'opera sua nella quale si dimostra profondo cultore del diritto penale militare. Con alta stima e considerazione.

(a) Figo Generale Baistrocchi".

Gratos pelo exemplar enviado.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Com o objectivo de auxiliar os camaradas na procura das obras necessarias á formação da cultura geral indispensavel a todo o militar de valor e ao conhecimento dos problemas estudados pelo pensamento contemporaneo, é creado, em "A Defesa Nacional", o "Boletim Bibliographico";

A presente iniciativa vem preencher uma grande lacuna em nosso meio. Até hoje, para sua formação cultural, nossos officiaes luctavam com immensa difficuldade e serio perigo. A boa escolha constitue arduo esforço em meio á chusma de livros mediocres e ante a relativa deficiencia da producção nacional. Guiado pela propaganda de fim puramente commercial ou de character sectario, o official, não raro, adquire obras que irão viciar sua mentalidade. Nos estudos pessoases que empreende ou para os concursos em que se apresenta, sae elle a cata de bons livros, sem uma ajuda, tomando, ás vezes, por boa cousa obras pseudo-scientificas ou defensoras, de concepções unilateraes.

No debate das idéas modernas — que a todos interessa actualmente — maior ainda é a difficuldade. Por um lado, a exposição serena, imparcial, e bem informada é rara, sobretudo no meio nacional. Por outro lado, falta a garnde maioria, por culpa dos nossos programmas de ensino, a base scientifica e philosophica fundamental capaz de permittir um discernimento claro no entrechoque das idéas pregadas e atacadas.

O Boletim indicará expontaneamente, em cada numero, obras de leitura necessaria ou aconselhavel, dando sobre cada uma ligeira noticia.

Além disso, responderá elle, com a maior promptidão possível, a todas as consultas bibliographicas que lhe forem feitas: Assim, ao camarada que desejar informações sobre livros a adquirir para estudar determinado assumpto — economico, politico, social, literario, philosophico, etc. — ou sobre o valor de tal ou qual trabalho ou escriptor, bastará enviar uma carta ao "B. B.", contendo, após a consulta, uma indicação qualquer — nome, pseudonimo ou iniciaes — sufficiente para a identificação da resposta nas columnas da revista.

Julgamos, com isso, prestar valioso auxilio aos camaradas, attender ás necessidades do momento e attingir mais um objectivo do nosso programma.

INDICAÇÃO

1. — André Siegfried — *Amérique Latine* — (Librairie Armand Colin — Paris — 1934).

O admiravel autor de "*Les E'tats-Unis d'aujourd'hui*" dá, *pem Amérique Latine*", na impressão do continente sul-americano em paginas que "exprimem um leal esforço de comprehensão e uma instinctiva sympathia".

Rarissima, obra como esta que revele com tanta clareza uma observação tão profunda da nossa vida: ella nos esclare a nós proprios que não nos podemos collocar na attitude de mero observador imparcial.

Nosso Boletim infelizmente não faz critica — apenas indica e, por isso, não nos é possível examinar o bello e profundo trabalho de Siegfried. Serve elle a todos os que desejem possuir uma visão geral mas correcta da situação cultural, geographica, economica e politica do mundo latino-americano.

E' uma súnthese escripta por mão de mestre e á qual nem falta, no que se refere ao Brasil, a figura dos nossos "interventores". Interessantissimas, as paginas dedicadas á intervenção dos militares na politica e as que estudam a questão racial das nações do Pacifico. Entre as primeiras, ha advertencias gravissimas que deveriam ser bem meditadas por todos nós, officiaes.

A venda na "A Defesa Nacional"

<i>Mémoires, Marechal Joffre</i>	87\$400
<i>Canas e nossas batalhas, H. O. Wiederspahn</i>	7\$000
<i>Historia militar do Brasil, Danton Teixeira</i>	10\$000
<i>A batalha de Saint Quentin-Guise- Ten. Cel. Lenglet</i>	6\$000

PELO CORREIO MAIS 1\$000

REPRESENTANTES

ESTABELECIMENTOS E REPARTIÇÕES MILITARES

- Gab. M. G. — Maj. Floriano Brayner.
- C. S. N. — Cap. Alexandrino Motta
- E. M. E. — Cap. Joaquim Dutra
- M. M. F. — 1.º Ten. Reginaldo de M. Hunter
- D. P. E. — Cap. Waldemar Souza
- D. C. — Cap. Janduy Toscano de Britto.
- Dir. Av. — Major Godofredo Vidal
- Dir. Eng. — Cap. Amanajás de Carvalho
- Dist. Art. C. — 1.º Ten. Roberto Pessoa
- Dir. M. B. — 1.º Ten. J. Duque Estrada
- Dir. Res. — Cap. Danton P. Benites
- Dir. Int. G. — 1.º Ten. Ruy Belmonte
- Dir. S. S. —
- Dir. S. Vet. —
- S. Geo. P. A. — Cap. Octavio A. da Silva
- S. Subsistencia — Cap. Severo C. de Souza
- 1.º Gr. Regiões — Ten. Geraldo L. do Amaral
- 2.º Gr. Regiões — Cap. Gentil Barbato
- Q. G. da 1.ª R. M. — Cap. João Ribeiro
- Q. G. da 2.ª R. M. — 1.º Ten. Luiz B. Condado
- Q. G. da 3.ª R. M. — Major Oscar B. Falcão
- Q. G. da 4.ª R. M. — Ten. Jehovah Moraes
- Q. G. da 5.ª R. M. — Cap. J. B. Rangel
- Q. G. da 6.ª R. M. — Ten. Murrillo B. Moreira.
- Q. G. da 7.ª R. M. — Cap. M. O'Reilly de Souza
- Q. G. da 8.ª R. M. — Cap. M. Mendes de Moraes
- Q. G. da 9.ª R. M. — Cap. Nilo Guerreiro
- E. E. M. — Cap. Pedro Geraldo
- Dir. E. armas — Cap. J. B. Mattos
- E. Inf. — Cap. José Adolpho Pavel
- E. Cav. — Cap. Luiz N. Andrade
- E. Art. — Ten. C. Rocha Santos
- E. Eng. — Cap. Luiz Bettamio
- C. I. T. — 2.º Ten. Milton R. Vieira
- E. Technica — Cap. Pompeu Monte
- E. Av. M. — 1.º Ten. Danilo Paladini
- C. I. Art. Costa — Maj. J. Bina Machado
- E. Int. — Cap. Aquino Granja
- E. E. Ph. E. — Major Raul Vasconcellos
- E. M. — 1.º Ten. Geraldo Côrtes
- E. Vet. E. — 1.º Ten. Waldemar C. Fretz
- C. A. Sgt. Inf. — 1.º Ten. Taltibio de Araujo
- C. M. R. J. — 1.º Ten. Celesio Braga
- C. M. P. A. — 1.º Ten. Saul F. Pons
- C. M. Ceará — 1.º Ten. Benedito F. Diniz
- Fab. P. S. F. — Cap. Osmar Pons
- Fab. P. Inf. — Cap. Antonio de Britto Junior
- Fab. P. Art. — 1.º Ten. José Carlos Ribeiro
- Fab. M. C. G. — 1.º Ten. Haroldo Pradel de Azambuja.
- Art. G. R. Grande — 1.º Ten. Daniel Balbão
- Corpo Fz. Navaes — Ten. Candi-do da Costa Aragão.

TROPA

Infantaria

- 1.ª Bda. I. — 1.º Ten. Antonio B. Moreira
- 2.ª Bda. I. —
- 7.ª Bda. I. — Cap. Armando C. Lima
- Btl. Guardas — 1.º Ten. Aymar de Lima
- Btl. Escola — 2.º Ten. Durval Sayão

- 1.º R. I. — Cap. Souza Aguiar
 2.º R. I. — 2.º Ten. Dilermando G. Monteiro
 3.º R. I. — 1.º Ten. Anthero de Almeida
 4.º R. I. — 1.º Ten. Paulo A. de Miranda
 5.º R. I. — 2.º Ten. Francisco A. Galvão
 II/5.º R. I. — 1.º Ten. Luiz M. Chaves
 III/5.º R. I. — 1.º Ten. Alcides Coelho
 6.º R. I. — Cap. Ary Ruch.
 7.º R. I. — Cap. Gilberto V. de Carvalho
 8.º R. I. — 1.º Ten. Candido L. Villas Bôas
 I/8.º R. I. — Cap. Felicissimo A. de Aveline
 9.º R. I. — 1.º Ten. Almir L. Furtado
 I/9.º R. I. — Ten. Edson Vignoli
 10.º R. I. — 1.º Ten. A. J. Corrêa da Costa
 11.º R. I. — 1.º Ten. Luiz de Faria
 12.º R. I. — 1.º Ten. Atila Barroso
 13.º R. I. — 1.º Ten. Iracilio Pessoa
 1.º B. C. — Ten. Araken Araré Torres
 2.º B. C. — Ten. Marcio de Menezes
 3.º B. C. — Ten. Moacyr L. de Rezende
 4.º B. C. — Cap. Carlos Coelho Cintra
 5.º B. C. — Cap. Dr. Oscar Vouzella
 6.º B. C. —
 7.º B. C. — Ten. Nelson do Carmo
 8.º B. C. — Ten. Ramão Menna Barreto
 9.º B. C. — 1.º Ten. Domingos Jorge Filho
 10.º B. C. — Cap. Ernesto L. Machado
 13.º B. C. — Asp. Heitor Vasconcellos
 14.º B. C. — Cap. Risoletto Barata de Azevedo
 15.º B. C. — Cap. H. A. Castello Branco
 16.º B. C. —
 17.º B. C. — Cap. Armando Lustosa M. Barroso
 18.º B. C. — Cap. J. R. de Araujo Sobrinho
 19.º B. C. — 1.º Ten. Murillo Borges Moreira
 20.º B. C. — Cap. Italo de Almeida
 21.º B. C. —
 22.º B. C. — Cap. Leandro J. da Costa
 23.º B. C. —
 24.º B. C. — 1.º Ten. A. Collares Moreira
 25.º B. C. — 1.º Ten. André Monteiro
 26.º B. C. — Cap. Eurides C. Robim
 27.º B. C. — Cap. Mario S. Machado
 28.º B. C. — Ten. J. B. Carmello
 29.º B. C. — Cap. Frederico M. C. Monteiro
 Cont. de Porto Velho — Cap. Aluizio

Cavallaria

- Q. G. da 2.ª D. C. — Cap. Hoche Pulcherio
 Q. G. da 6.ª Bda. C. — 1.º Ten. Edson Condensa.
 R. Andrade Neves — Ten. Lady T. Cirne
 1.º R. C. D. — Cap. Cyro R. Rezende
 2.º R. C. D. — 2.º Ten. José P. de Oliveira
 IV/2.º R. C. D. — Ten. João de Deus Cruz
 3.º R. C. D. — Ten. Alvaro Vieira
 4.º R. C. D. — Ten. Humberto Pelegriño
 5.º R. C. D. — 2.º Ten. Bellarmino J. de Mendonça
 1.º R. C. I. — Ten. Mario Pantoja
 2.º R. C. I. —
 3.º R. C. I. — Ten. João C. Guimarães
 4.º R. C. I. — Ten. Agenor Medeiros Martins
 5.º R. C. I. —
 6.º R. C. I. — Cap. Francisco A. Rosas

- | | |
|---|--|
| 7.º R. C. I. — Cap. Armando Rolim | 11.º R. C. I. — Ten. Celso Monteiro |
| 8.º R. C. I. — Cap. José T. Arruda | 12.º R. C. I. — Ten. Carlos Braga Chagas |
| 9.º R. C. I. — Cap. Marcos M. de Azambuja | 13.º R. C. I. — |
| 10.º R. C. I. — Ten. A. de Lima Mendes | 14.º R. C. I. — |

Artilharia

- | | |
|---|---|
| Grupo Escola — Ten. Ernesto Geisel | 1.º G. A. Cav. — Cap. Celio M. Ferreira |
| 1.º R. A. M. — Cap. Edgard M. Portugal | 2.º G. A. Cav. — 1.º Ten. Alberico Cordeiro |
| 2.º R. A. M. — Ten. Ilton da Fonseca | 3.º G. A. Cav. — 1.º Ten. Jorge Cezar Texeira |
| 4.º R. A. M. — 2.º Ten. Jonathas P. Lisboa | 4.º G. A. Cav. — Ten. José de M. Mourão |
| 5.º R. A. M. — 2.º Ten. Zair de Figueiredo | 5.º G. A. Cav. — 1.º Ten. Edson Figueiredo |
| 6.º R. A. M. — Ten. Lourival Doederlein | Fort. Sta. Cruz — Ten. Antonio Sá B. Lemos Filho |
| 8.º R. A. M. — Ten. José O. Alves de Souza | Fort. S. João — Ten. Micaldas Corrêa |
| 9.º R. A. M. — Cap. Arthur da C. Seixas | Fort. Itaipú — Ten. Henrique Mangini Junior |
| 1.º G. A. Do. — Ten. Celso Araripe | Fort. Obidos — Ten. Raul A. dos Santos |
| 2.º G. A. Do. — 2.º Ten. Leandro Monte Alegre | Fort. Coimbra — |
| 3.º G. A. Do. — Ten. Maury P. Lima | Fort. Copacabana — Ten. Flamarion Pinto de Campos |
| 4.º G. A. Do. — Ten. Waldemar Turola | Fort. do Vigia — |
| 5.º G. A. Do. — Ten. Henrique M. R. de Mello | Fort. de São Luiz — |
| 1.º G. O. — Ten. Francisco A. Gonçalves | Fort. Imbuhy — |
| 2.º G. O. — Cap. João D. da Fonseca | Fort. Marechal Hermes — 1.º Ten. Francisco X. M. Cordovil |
| 3.º G. O. — Ten. Eduardo Barros | Fort. Marechal Luz — |
| R. Mix. A. — Cap. Ascendino J. Pinheiro | Fort. Marechal Moura — |
| | Fort. Lage — Ten. Americo F. da Silva |
| | Bia. I. Art. Do. — Cap. Leandro J. da Costa |

Engenharia

- | | |
|---|---|
| Unidade Escola | 1.º B. Pnt. — 2.º Ten. Edgard Sotér da Silveira |
| 1.º B. Trans. — 2.º Ten. Eduardo D. de Oliveira | 2.º B. Pnt. — Cap. Aurelio de Lyra Tavares |
| 1.º B. Sap. — | 1.º Bt. F. V. — Cap. Francisco R. Castro |
| 2.º B. Sap. — 1.º Ten. Sebastião V. Moraes | 1.ª Cia. P. Terr. — Cap. Ladislau N. de Azevedo |
| 3.º B. Sap. — Ten. Luiz P. Pessoa | 6.ª Cia. P. Terr. — Ten. José C. Morganti |
| 4.º B. Sap. — Maj. Abacilio F. dos Reis | |

Aviação

1.º R. Av. — Ten. Oswaldo C. Lima	4.º R. Av. —
2.º R. Av. —	5.º R. Av. — 1.º Ten. Jocelin B.
3.º R. Av. — Te. Herminio V. de Carvalho	Brasil

Reserva

C. P. O. R. 1.ª R. M. — 1.º Ten. Nelson R. de Carvalho	F. P. São Paulo — Major José Maria dos Santos
C. P. O. R. 2.ª R. M. — 2.º Ten. Nestor Torres	P. M. da Bahia — Ten. Cel. Phi- ladelpho Neves
C. P. O. R. 5.ª R. M. — 1.º Ten. Raymundo Dalcol	Cont. P. M. Bahia (Uauá) — Ten. José Fernandes Vieira
P. M. Dist. Federal — Major Joa- quim Miranda Amorim	F. P. do Espírito Santo — Major Manoel Henrique Vilú.

UM BOM LIVRO

Pandiá Calogeras — *Formação Histórica do Brasil* — 2.º Edição — (Cia. Editora Nacional — S. Paulo — 1935).

Esta notável obra de Calogeras constitue mais um volume — o XLII — da Serie Brasileira da Bibliotheca Pedagogica Brasileira.

E' inestimável o serviço intellectual prestado pelos livros da Brasileira: quasi todos elles deveriam figurar em nossas estantes.

Infelizmente, a cultura historica, regra geral, tem descido em nosso meio. Na historia que se aprende nos gymnasios não se estuda o nexó profundo que liga os acontecimentos nem as raizes occultas das grandes modificações. E essa mera narrativa gymnasial é muitissimas vezes o unico conhecimento historico que a grande maioria possui.

Isto é profundamente deplorável e origem de desapegos inexplicáveis.

O trabalho de Calogeras é o do verdadeiro historiador, apreciação de conjuncto, situando cousas e effeitos e permittindo um juizo sobre os principaes factos economicos, politicos e sociaes da nossa evolução historica. Seu estudo vae desde o nosso descobrimento até á presidencia do Sr. Washington Luiz.

"Formação Histórica do Brasil" não dispensa, é claro, o estudo das nossas grandes obras historicas — de Porto-Seguro, João Ribeiro, etc. — nem é um trabalho definitivo, mas certamente constitue synthese admirável que facilita o esforço dos que não disponham de muito tempo para estudos parciaes aprofundados e merece ser lido attentamente por todos.